

O ZEBU



**E SEUS
CRUZAMENTOS**

Ano XXX - Edição 144 - Abril/maio 2002



- 14 meses - 650 quilos
- Filho de Bitelo da SS na Ociosa da Zeb.VR.
- Ponderal de 1.422 kg/dia

PROPRIETÁRIO
GABRIEL DE BARROS MORETZOHN
AGROPECUÁRIA MARATHÁI

FARAÃO
DA MARATHÁI



Fazenda Tubarana

São José do Xingu/MT Tel.: (65) 568-1146

Fazenda Recanto da Serrinha

Guapó/GO Tel.: (62) 502-9106

Fazenda Tarumã

Jussara/GO Tel.: (62) 302-9700

NELORE
PADRÃO E MOCHO

TEL.: (62) 281-2060

FAX: (62) 241-1382

GOIÂNIA-GO

Celeiro de campeões



**Conjunto de vacas Nelore Padrão
Fazenda Recanto da Serrinha
Guapó-GO**

**Matrizes Doadoras de Embriões
Fazenda Tarumã - Jussara-GO**

SÊMEN COMERCIALIZADO PELA
NOVA ÍNDIA GENÉTICA



Júlio R. M. Bernardes



Venda Permanente de Touros e
Matrizes Avaliados Geneticamente
pelo Programa da USP

Harmonia.
O melhor jeito de viver.



YELLOWIN

Salinas. Linha de móveis em alumínio e fibras para interiores e exteriores, com revestimentos especiais à prova de sol e chuva. É conforto com beleza e durabilidade. O melhor jeito de viver sempre combina com a Mac Design.

Mac[®]
DESIGN
jardim • varanda • piscina • interiores

Uberaba BR 050 Km 182 Tel. 34 3314.5555 Jardim Santa Clara CEP 38.037-560 www.macdesign.com.br

Acompanhando a evolução

O segmento pecuário passa por um momento de otimismo e expansão. Com esta perspectiva, a revista **O Zebu no Brasil** está retornando ao mercado para continuar fazendo o que sempre fez: trabalhar em prol das raças zebuínas, com fôlego renovado, novas idéias e seriedade.

Nossa revista é fruto do arrojo e do idealismo de profissionais que sempre dedicaram seus trabalhos para a divulgação das raças zebuínas e seus cruzamentos.

Pretendemos sempre aprimorar, renovar e inovar a cada dia, acompanhando a rápida evolução que vem marcando os mais diferentes criatórios do país.

Nossa intenção é bem informar, através da divulgação de grandes eventos, documentando as grandes exposições, leilões e apresentando matérias técnicas de autoridades em cada assunto, para que o produtor seja o mais bem-informado e conhecedor de todas as tendências e alternativas que estão sendo implementadas no mercado.

Estamos procurando oferecer um trabalho visual leve e, sobretudo, um trabalho de qualidade. A cada dois meses estaremos circulando **O Zebu no Brasil** e, em breve, **A Equinos no Brasil**.

Queremos expressar nossos agradecimentos aos inúmeros amigos criadores e todas as pessoas ligadas ao meio pecuário que acreditaram em nossa proposta e que são a força maior de nosso ideal: o trabalho.

Mais uma vez, agradecemos a todos que estão envolvidos neste arrojado projeto e esperamos, com a mesma garra que sempre tivemos, levar informações e proporcionar o intercâmbio no meio pecuário.

Maria das Graças Salvador

Nossa capa

Faraó G da Marathai é filho de Bitelo da SS e Ociosa Zebulândia VR, tem 14 meses, 650 kg. Não temos dúvida que este animal confirmará, através dos anos, a condição de pilar da raça nelore, a exemplo de outros reprodutores nascidos na Agropecuária Marathai.



EXPEDIENTE

O ZEBU NO BRASIL
Ano XXX • Número 144 • Abril/Maio 2002

Publicação periódica da Rotal - Editora Publicidade, Marketing e Leilões Ltda

Redação, Publicidade e Administração
Av. Apolônio Sales, 609 - São Benedito
CEP 38020-430 - Uberaba/MG
Tel.: (34) 3336-2256 - Fax - 3336-2233
O Zebu no Brasil é marca registrada sob o nº
815672454, junto ao Inpi (Instituto Nacional de
Propriedade Industrial)
e-mail zebunobrasil@enetec.com.br
rotal@enetec.com.br

Diretor-geral - Adib Miguel
Diretora Financeira - Glória Maria Miguel

Jornalista responsável - Maria das Graças Salvador
MTb MG 03.499 Jp
Diretora Comercial - Anna Keila Miguel
Diretor de Circulação e Assinaturas - Ricardo Miguel
Departamento Jurídico - Gustavo Miguel, Cláudio
Batista Andrade
Departamento de Vendas e Anúncios
Adib Miguel, Adib Miguel Filho, Fauzi Abrão,
Beto Chagas
Diagramação e Produção Gráfica - Reinildo Reis
(34) 3314-9758 e Valter Lazaro (34) 3332-9156
Fotolito - Registro Fotolito Digital
Tel: (34) 3321-6539
Impressão - Gráfica 3 Pinti Ltda
Tel.: (34) 3321-6666

Os artigos assinados são responsabilidade exclusiva de seus autores. As matérias publicadas podem ser reproduzidas, desde que citadas a fonte.

Índice

Capitalismo selvagem

Proposta americana de reduzir cultivo de soja causa polêmica entre criadores brasileiros. **10**

Pecuária leiteira

Gir leiteiro, uma alternativa inteligente para a pecuária brasileira. **12**

Criador do mês

Apesar de jovem, Gabriel Moretzsohn tem se destacado entre os neloristas. **14**

Mensuração

Técnica de metodologia para mensuração tem tornado possível medidas mais seguras e exatas. **16**

Galeria

Um valioso material que dá valor e relembra os criatórios zebuínos do Brasil. **20**

Homenagem

Trabalho realizado pela revista **O Zebu no Brasil** ao longo dos anos é reconhecido. **22**

Pecuária de corte

Setor passa por reestruturação para aumentar qualidade. **30**

Você sabia?

Nesta seção mostramos várias curiosidades sobre o Zebu. **40**

A volta do Indubrasil

Presidente da ABCRI fala sobre perspectivas para a raça, que esteve afastada do mercado zebuino. **50**

Expozebu 2002

Reformas, inaugurações e humanização serão a tona da feira este ano. **60**

Flash

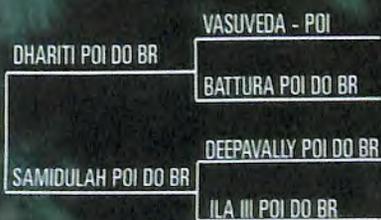
Confira o movimento de alguns eventos ocorridos em várias partes do país. **70**

THANDU TE POI

BRUMADO



Soluções inovadoras para o pecarúo



3X SANGUE AMEDABAD DO BRUMADO

	RA	PESO (Kg)	GPD (Gr)	AG (Cm)	CE (Cm)
205 DIAS	3	349	1478	0	22.0
365 DIAS	2	510	1271	0	29.0
550 DIAS	2	619	1042	0	37.0

SÊMEN À VENDA



FAZENDA BRUMADO
RUBICO CARVALHO

Tel: (17) 3322.0366 • Fax: (17) 3322.0713

Faz - Tel: (17) 3329.1134 • Barretos-SP

Visite nossa site: www.fazendabrumado.com.br

2º Leilão Brumado - 06/07/2002 - Barretos
2º Leilão Matrizes Brumado - 22/09/2002 - Expoinel - Uberaba

Comunicado

A revista "O Zebu no Brasil" é uma publicação da Editora Rotal, estando no mercado há 30 anos, com o nome devidamente **REGISTRADO** no INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) – órgão concessivo e legislador nas matérias atinentes à **propriedade industrial e intelectual**.

"O Zebu no Brasil" deixou de circular – por motivo de força maior – por um determinado tempo, porém, tomou o cuidado de preservar sua **MARCA REGISTRADA**, que é o seu bem maior.

Portanto, continuamos a manter vigente a marca "O Zebu no Brasil" devidamente **REGISTRADA**.

Indiferente a estes detalhes, uma editora, cujo nome não merece ser divulgado, usando de má fé, lançou uma revista com esta mesma marca, demonstrando, no mínimo, a intenção de usurpar o bom nome construído por nossa revista ao longo dos anos, e de iludir os incautos e desavisados.

A editora, bem como seu responsável, foi **NOTIFICADA** recentemente, porém não respondeu à **NOTIFICAÇÃO**, por absoluta falta de decoro e argumentos, o que ensejou a interposição de **AÇÃO JUDICIAL**.

Nós, da Editora Rotal, esclarecemos que a revista "O Zebu" é uma só, já que sabemos ser notório que a marca é um **BEM INALIENÁVEL** e **ÚNICO**, sendo nosso o **DI-**

REITO de seu **USO EXCLUSIVO**, para assinalar livros, revistas, jornais e periódicos.

Esclarecemos, também, que o nome de nossa **MARCA** está sendo usado de forma desrespeitosa para a venda de anúncios, dentre outras coisas.

Prestando relevantes serviços ao setor pecuário, a Editora Rotal continua no mercado com a mesma linha que sempre norteou seu trabalho, com dedicação, seriedade e respeito a todos, como vem fazendo há 30 anos.



Fazenda Sara

Rio Verde - Goiás

Dr. Sebastião Alves Cruvinel

Rua Costa Gomes, 799 - Centro - CEP 75901-050

Fones: (64) 613.2337 / 9987.1188 / 623.4078 (Fax)

e-mail: fazendasara@bol.com.br

Keoma SR da Sara

O recordista mundial de peso oficial da raça

12 meses	600 quilos	
15 meses	748 quilos	(oficial da Exposição de Rio Verde - GO)
23 meses	1010 quilos	
24 meses	1018 quilos	(oficial ABCZ aos 730 dias)
24 meses	1056 quilos	



Pai: Panagpur

Mãe: Amiga SR da Sara
(Pradesh na Conchita)

Animal tratado com

RAÇÕES

COMIGO

CRIADOR DEIXE SUA MARCA ® REGISTRADA

*O registro de uma marca
garante ao seu proprietário o
direito de uso exclusivo em
todo território nacional.*

Use os serviços...

ROTAL Marcas e Patentes Ltda

Av. Apolônio Sales, 609 - 1º andar - Bairro São Benedito
Caixa Postal 96 - Cep 38020-430 - Uberaba - MG
Fone: (34) 3336-2256 - Fax: (34) 3336-2233

Fairaní



43 meses - 880 quilos

Pai: Panagpur

Mãe: Bilara VI

**A recordista mundial
de preço da raça**



Página FIV Mata Velha

AZENDA
Mata Velha
CAPITÓLIO UBERABA



12 meses

Pai: Panagpur

Mãe: Divisa Mata Velha

Uberaba - Minas Gerais

Proprietário Jonas Barcelos Correa Filho

BR 050 - Km 193 • Fone: (34) 3336.5252

e-mail: josenatale@brasif.com.br

LEILÃO ELO DA RAÇA - 04 - MAIO - 2002

Produção de soja no Brasil incomoda USA



Eng^o agr^o
M.Sc. Antônio de Bastos
Garcia

Estatisticamente, no ano 2025 o mundo terá 8,5 bilhões de habitantes, o abastecimento alimentar será um dos pontos fundamentais no cenário sócio-econômico do planeta. Os produtores rurais terão desafio de suprir a população de alimentos em quantidade, qualidade e regularidade na produção e ainda oferecer preços acessíveis aos consumidores. Atualmente, os grandes centros urbanos são importadores de alimentos de outras regiões ou países, em razão da falta de capacidade para atender toda a demanda de alimentos. O Brasil é o único país do mundo que terá condições de crescer na horizontal ampliando suas áreas de plantio de grãos (atualmente 38,9 milhões de hectares, potencial 100 milhões de hectares) e na vertical ampliando seus ganhos em produtividade.

Hoje, a produtividade de soja produzida em Uberaba (2.880 kg/ha) é superior à média dos Estados Unidos (2.700 Kg/ha). A produção mundial de soja é de 185 milhões de toneladas, seguido pela Argentina, que produz 16 milhões de toneladas. A posição brasileira no mercado mundial da soja vem incomodando muito quatro mil produtores americanos e canadenses, aglutinados por uma organização não-governamental denominada "Focus on sabbatical", que está no Brasil visitando municípios do Estado do Paraná, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, especificamente Uberaba, propondo o pagamento de 165 dólares por hectare não plantado com a cultura da soja aos nossos produtores, com o objetivo de desestruturar nossa produção que vem crescendo ano a ano, ameaçando nossos concorrentes. Esta proposta é um reflexo do capitalismo selvagem: deixar de plantar para aumentar o preço do produto para o consumidor. Precisamos, sim, é aumentar os nossos índices de produtividade, para remunerar melhor o produtor e reduzir o preço final para a população.

A soja tornou-se uma "Commodity Dolarizada", com grande liquidez, uma vez que o Brasil está inserido no mercado



Divulgação

globalizado da soja. O mundo espera a decisão da China quanto à importação de soja convencional ou transgênica. Caso decida pela importação de soja transgênica sairá lucrando os americanos e os argentinos. Mas, se a opção for pela soja convencional (não transgênica), os grandes beneficiados serão os produtores brasileiros, pois no Brasil o plantio da soja transgênica é proibido por

Levantamento de dados da soja Safras 1983/1984 a 2001/2002 Área de produção

Soja/Região de Uberaba/MG

ANO	ÁREA (HECTARES)	PRODUÇÃO (TONELADAS)
1983/84	8200	14760
1984/85	33000	59400
1985/86	25000	44500
1986/87	25000	45000
1987/88	35000	63000
1988/89	44000	90000
1989/90	40000	45000
1990/91	34000	71400
1991/92	32000	76800
1992/93	37000	74000
1993/94	41000	99200
1994/95	40000	84000
1995/96	36000	79200
1996/97	36000	84240
1997/98	45000	121500
1998/99	43800	126000
1999/00	46000	132480
2000/01	48300	139104
2001/02	52800	144000

lei, e desde maio a China está falando que não quer soja transgênica. O Brasil exporta 17,5 milhões de toneladas de soja e produz o melhor farelo de soja do mundo, haja vista que nas fábricas de rações da Europa exis-

tem tabelas de formulações de rações específicas para o farelo de soja do Brasil e para o farelo de soja produzido nos Estados Unidos, que é bem mais pobre em nutrientes quando comparado com o produzido em nosso país. Atualmente, o Brasil produz 18 milhões de toneladas de farelo de soja de primeiríssima qualidade, destinando 7,7 milhões de toneladas para o mercado interno e exportando 10,4 milhões de toneladas. A nossa soja tem um rendimento de 18% para produção de óleo comestível.

O Brasil esmaga 23,2 milhões de toneladas de soja, produzindo 4,4 milhões de toneladas de óleo, destinando 3,3 milhões de toneladas para o mercado interno e 1,55 milhão de toneladas para exportação, conforme dados da Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais).

O país que não investir em pesquisas, dentro de pouco tempo sua economia estará liquidada. Uberaba exporta tecnologia de soja para todo o Brasil, através das instituições de pesquisas agropecuárias Epamig e Embrapa. Dos 15,8 milhões de hectares plantados com a cultura da soja, no país, mais de quatro milhões de hectares são da variedade MG/BR-46 (Conquista) muito produtiva, apresentando rusticidade, sendo que sua semeadura pode ser feita em solos de baixa, média e alta fertilidade, possui ótima estabilidade e resistência aos nematóides de galhos, variedade criada no município, contribuindo para a produção nacional.

A soja foi introduzida no Brasil em 1908 pelos japoneses, e somente na década de 1970 começou a ser plantada no cerrado, com uma produtividade muito baixa de apenas 11 sacas de 60 kg por hectare. Hoje a produtividade média do município de Uberaba é de 48 sacas por hectare e a pesquisa já possui material genético com potencial de produção de até 90 sacas por hectare.

Antônio de Bastos Garcia é engenheiro agrônomo e diretor-geral da Sagrap (Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento)

ÁTILA VR JO

Peso em 20/09: 810 kg

Pai: Nobre TE da Primavera

Mãe: Novação da Primavera

• 2º Prêmio Júnior Menor - Avaré/2000

• Campeão Júnior Menor

Santo Antônio Platina

• 6º Prêmio Expozebu/2001

• 1º Prêmio Júnior Maior - Catalão/2001

• Campeão Júnior Maior e Grande

Campeão - Uberlândia/2001

pesando 792 kg

• 1º Prêmio Júnior Maior - Expoinel/2001

Sêmen à
venda

NOVA INDIA
Genética 100% Brasil

VR JO

JOSÉ OLAVO BORGES MENDES

Estância VR JO - Uberaba MG

Faz. Primavera - Caarapó-MS

Faz. Mata Preta - Araputanga-MT

End. Rua Olegário Maciel, 150 - sala 102

Fones: (34) 3312.7381 - 3332.5109

333.9256 - Uberaba-MG

O Gir Leiteiro na Pecuária Brasileira



Na década de 1930, em São Paulo, surgiram os primeiros centros de seleção. Na década de 60, importantes criadores mineiros iniciaram

seus trabalhos. A produção de leite na raça não despertava interesse. O Zebu, de modo geral, chamava a atenção por suas potencialidades como produtor de carne e sua grande capacidade de adaptação. Marginalizados, já que contrariavam os conceitos vigentes, os pioneiros na seleção leiteira conduziram seus núcleos com perseverança, imprimindo uma seleção com base em características de produção.

No início da década de 80, havia o interesse por alguns setores da pecuária por produtos do processo seletivo, entretanto, havia a necessidade de união entre criadores. Buscando um maior intercâmbio e divulgação, um pequeno grupo de criadores fundou a ABCGIL (Associação Brasileira dos Criadores de Gir Leiteiro). A união rendeu frutos e a associação passou a vislumbrar alternativas que promovessem a evolução no Gir Leiteiro.

Em 1985 foi dado o passo mais importante da ABCGIL. Foi fundado o Programa Nacional de Melhoramento do Gir Leiteiro, em parceria com a Embrapa Gado de Leite. Sob a coordenação técnica de pesquisadores competentes, surgiu a primeira prova de desempenho para leite em zebuínos em todo o mundo. O objetivo do programa sempre foi promover o melhoramento genético da raça, através de identificação e seleção de touros superiores



para a produção de leite.

Com o tempo, outras iniciativas foram surgindo como a avaliação de conformação e manejo. Este projeto consistia na mensuração das filhas dos touros, buscando a correlação entre as características morfológicas e o desempenho produtivo e reprodutivo. Atualmente, o programa executa o Sistema de Avaliação Linear, uma sistemática mais eficiente que atende aos objetivos iniciais e oferece ao público interessado mais informações quanto ao desempenho dos reprodutores para características morfológicas correlacionadas com a funcionalidade.

Hoje, o Programa Nacional de Melhoramento alcançou maiores proporções. São mais de 300 fazendas em 16 Estados. Existem linhas de pesquisa para a qualidade do leite (proteína, células somáticas...) e trabalhos na genética molecular, dentro da Embrapa Gado de Leite, sendo que, mais 80 touros têm seu desempenho conhecido e anualmente se divulga uma nova bateria.

O melhoramento genético permitiu que o Gir Leiteiro buscasse seu espaço no mercado. Mais rústico que as raças europeias, o clima tropical é seu grande aliado. Sua maior adaptação acaba refletindo diretamente no desem-

penho de Sistemas de Produção que o elegeram. Em condições de pastejo rotacionado, existem propriedades produzindo leite a um custo médio de R\$ 0,27. No período das águas, este custo chega a R\$ 0,23.

Animais em condições diferenciadas de manejo vêm demonstrando a evolução genética. Já são duas vacas a ultrapassarem os 15.000 kg de leite, em controle leiteiro oficial, e mais de 30 a ultrapassarem os 10.000 kg. Logicamente que isto demonstra o potencial genético do Gir Leiteiro, mas não é esse o seu principal objetivo. Produzir leite a baixo custo é a sua meta.

Outra observação interessante é quanto à qualidade do leite mais resistente a endo e a ectoparasitas. O Gir Leiteiro evita o uso indiscriminado de agentes químicos, diminuindo a incidência de resíduos tão indesejáveis tanto para consumidores quanto para o meio ambiente.

Produção e rusticidade. Com estas características o Gir Leiteiro vem crescendo como alternativa inteligente para a pecuária leiteira brasileira. 🐄

Luiz Ronaldo de O. Paula é gerente da ABCGIL (Associação Brasileira dos Criadores de Gir Leiteiro)

Nelore

Mais raça e mais peso

UF ANGICO

Visite nosso site
www.fazendaangico.com.br

FAZENDA ANGICO

Gaitava do Angico

RG. UNF A 546
Nasc. 16/10/98
Peso: 790 kg
Pai: Siso de SC
Mãe: Zizania do Angico
Campeã Vaca Adulta em Goiânia/2001.
Grande Campeã em Campina Verde, Prata e Santa Vitória/2001



35 ANOS SELECIONANDO NELORE MOCHO



Guimba do Angico
Nasc. 09/11/00 - Peso: 325 kg
Pai: Cajado 2i
Mãe: Barata do Angico
Campeã Bezerra em Campina Verde, Prata e Ituiutaba/2001

Guiana do Angico

RG. UNF A 322 - Peso: 750 kg
Nasc. 20/10/98 - Pai: Vínculo da MV
Mãe: Uvula da Angico
Grande Campeã em Campina Verde, Prata e Santa Vitória..



PROP: UDELSON NUNES FRANCO

Rua 25 nº 1.597 - CEP: 38300-112
Fone: (34) 3261.2445 - Ituiutaba-MG
Em Campina Verde:
Fazenda - Fone: (34) 3412.1488

Um jovem criador

A mídia impressa tem mostrado exaustivamente a ascensão de jovens no mercado de trabalho nacional e internacional. A lista destas pessoas é grande e mostra a capacidade e a qualificação de quem, desde cedo, busca ocupar um espaço no mercado de trabalho. Um destes jovens empreendedores é, sem dúvida, Gabriel de Barros Moretzsohn, da Agropecuária Marathaí.

Filho de José Ângelo Marques Moretzsohn e Siomara de Barros Moretzsohn – de quem é sócio na Agropecuária, juntamente com sua irmã Thaís de Barros Moretzsohn –, empresários sem nenhum conhecimento na pecuária – nascido e criado em São Paulo, desde pequeno (aos cinco anos), apesar de não ter nenhuma tradição no setor, já manifestava dom para lidar com gado. Seu pai afirma que quando comprou a fazenda a intenção era trabalhar com agricultura, pelo fato de a vocação da região ser própria para a agricultura. Mas como Gabriel manifestou o dom para a pecuária, demonstrando interesse em pesquisar, estudar, ir à Pecplan para ver os touros da empresa, decidiu reservar um espaço para a criação de animais.

Na época, o gerente da Pecplan Darci Antônio Danoneto percebeu o

empenho da criança e foi ensinando e orientando Gabriel, que passou a guardar o pedigree dos animais, bem como todas as informações que lhe eram pas-

sadas. Apesar de novo, o jovem empreendedor procurava conversar com os criadores para conhecer da área, e quando começou a criar, aos 13 anos, priorizou a busca de livros e revistas especializadas para estudar desde o princípio a evolução da raça Nelore, além de

outras raças. Autodidata, Gabriel Moretzsohn foi estudar zootecnia, mas deixou o curso quando viu que a faculdade não teria nada a acrescentar a seus conhecimentos de nutrição, manejo, genética, dentre outros. Atualmente, com 20 anos, faz o curso de Direito na Faculdade Metropolitana, em São Paulo. Poliglota, é formado em inglês, foi alfabetizado em alemão, estudou em Cambridge, na Inglaterra, mas sua paixão é o Zebu.

Seu pai conta que, em 1996, por acaso veio a Uberaba em maio e viu um cartaz do Leilão Nelore Shop Show, e decidiu comprar algumas vacas Nelore para presentear o filho. Por não ter conhecimentos em criação de animais, usou o critério de olhar e de que os melhores preços certamente abrigariam os melhores animais. Com-

prou cinco matrizes: Ariama T de Bounagar, Aleluia T de Bounagar, Iene d' Arrojo, Iaba d' Arrojo e Gundo do Capão, que são até hoje matrizes da Agropecuária Marathaí. Gabriel resalta que Iene do Arrojo é a mãe de Devil G da Marathaí, que possui várias premiações, inclusive Reservado Campeão Júnior Menor na Expoinel 2000 e em Uberlândia, no mesmo ano.

O raciocínio do criador deu certo: em pouco espaço colocou animais de elite, com valor agregado, pois assim pôde ser realizada uma boa seleção.

Para Gabriel, não basta o criador de Nelore ter conhecimentos de genética, de nutrição e de manejo, é preciso ter dom. E estas qualidades ele tem, já que conhece a genética do Nelore de geração a geração, estuda nutrição, tem bom manejo e lê todos os livros e revistas especializados, visita centrais e procura estar sempre informado.

Origem do criatório

O criatório começou com as cinco matrizes, e isto o incentivou a participar de grandes leilões de embriões, como o VR JO, do criador José Olanos, e do J Galera, onde comprou vários embriões. Após dois anos, em 1999, começou a comprar novas matrizes da J. Galera e Ociosa da Zebulândia VR, do criador Torres Homem, a segunda vaca mais cara do Leilão VR. Atualmente, o criador tem 10 doadoras, cerca de 36 matrizes e 118 cabeças de Nelore PO, o que mostra o trabalho de seleção bem feito e grativo.

A principal matriz do plantel é Ociosa da Zebulândia VR, que é mãe de Faraó e de outros animais que são destaques em vários plantéis do Brasil.

"Ou o criador conhece e nasceu com talento ou não consegue criar Zebu."



Gabriel Moretzsohn, seu administrador e administrador de Almeida com os animais Devil Marathaí e Faraó G da Marathaí.

Além da matriz, a Agropecuária Marathaí tem Chanel G da Marathaí, que vem se destacando, Estância da J Galera, Ariana T de Bonagar, Daiana G da Marathaí e Gisela da Silver.

Gabriel Moretzsohn não esquece de citar o apoio do gerente-comercial da Alta Genetic do Brasil, Darci Danúncio, que lhe deu respaldo e ensinou como fazer acasalamento e a consertar defeitos de uma matriz com certos tipos de touro, enfim a fazer acasalamento dirigido. E isto aconteceu quando tinha apenas 13 anos, quando começou seu criatório. "A partir dos ensinamentos que Darci me passou mais os que fui adquirindo, desenvolvi todo o trabalho sozinho, com a ajuda do gerente da agropecuária e meu braço direito Adimauro Vaz de Almeida, que conhece profundamente de criação e é muito interessado. Adimauro começou a trabalhar comigo desde o início, quando tinha 18 anos – hoje ele tem 28 anos – e, como eu, conhece e ama o Nelore. Montamos o plantel juntos, crescemos juntos, estudamos e desenvolvemos este trabalho juntos", lembra. "Começamos a participar de exposições primeiro para ver como eram os critérios, depois passamos a fazer nosso próprio acasalamento e estamos vendo o resultado do que aprendemos."

De acordo com o jovem criador, ou a pessoa nasce com um certo dom para a criação do Zebu ou senão tem de procurar respaldo com outras pessoas. "Para mim, ou o criador conhece e nasceu com talento ou não consegue criar Zebu. Eu posso até falar que nasci sabendo um pouco disto, tendo desenvolvido um conhecimento que já me era nato."

Participação em exposições

O trabalho realizado pelo criador é tão sério e bem estruturado, que na primeira exposição na qual participou, a Expoinel em 1999, concorreu com oito animais e todos foram premiados. Gabriel afirma que ficou surpreso e feliz, pois sabe que em Uberaba os vencedores são *hour-concurs* e que é muito difícil conseguir premiações nas exposições da cidade. Não só o criador, mas toda a classe pecuarista ficou surpresa pela qualidade dos animais expostos. Nas exposições em que participou, Gabriel Moretzsohn deixou sua marca, já que sempre consegue premiações, a exemplo do ano 2000, quando os sete

animais apresentados foram premiados. Este ano, a Agropecuária Marathaí vai levar seis animais para a Expozebu, sendo dois machos e quatro fêmeas, e têm grandes possibilidades de sucesso nas categorias em que vão concorrer. Os machos são Faraó, que está muito bem na categoria Júnior Menor "e vai entrar muito forte", e Devil, que entra no campeonato Touro Sênior "muito preparado e pesado". As fêmeas também têm grandes chances de receberem premiações.

A respeito de tecnologia, o jovem criador foi convidado na Expozebu de 2001 para participar de alguns leilões, quando vendeu embriões por preços excepcionais. Após estes leilões aumentou o relacionamento com os grandes criadores e começou a ser convidado a participar de outros eventos. Os primeiros leilões foram o 6º VR JO, quando vendeu a prenhez da Ociosa da Zebulândia com Bibelô SE, Ventres de Ouro VR, quando vendeu prenhez de Ociosa como livre acasalamento, Qualidade Futurit e no Leilão Nova Índia, além de leilões em outros Estados.

Gabriel conta que a maior satisfação foi quando Devil G da Marathaí foi o primeiro prêmio em sua categoria, entrando no Campeonato Reservado.

Principiante no setor e sem ter tradição na criação de Zebu, Gabriel afirma que enfrenta muitas barreiras e dificuldades pelo fato de ser novo tanto na idade quanto na atividade, porém salienta que alguns criadores o ajudam e vangloriam-se de seu trabalho, principalmente neste momento de maior glória do Zebu no mercado nacional e internacional.

Visão do mercado

Gabriel vê o momento como excelente, principalmente porque pessoas de outros setores, como empresários e industriais, estão entrando na área, por enxergarem o futuro do mercado, as perspectivas de exportação, do boi verde, etc. Porém, alerta que estes novos criadores devem estar bem assessorados e ter boa orientação para ser um eterno criador.

A previsão de Gabriel é colocar, em curto prazo, sêmen de Devil e Faraó

em centrais de inseminação, e afirma que a agropecuária está procurando sempre implantar tecnologia, como transferência de embrião, fertilização *in vitro* e inseminação artificial, pois acredita ser a melhor forma de conseguir ampliar geneticamente seu plantel, aumentando-o em menor espaço de tempo. O trabalho de melhoramento genético está sendo reali-



Gabriel de Barros Moretzsohn, com o reserva da agropecuária, Faraó G da Marathaí

zado através de assessoria da Multigem (transferência de embrião) e da Vitrogem (fecundação *in vitro*). Seus planos são crescer no conceito nacional como um criador que vem mostrando um trabalho sério e dedicado, aumentar a participação em leilões e ter maior importância em exposições, ampliando gradativamente o plantel, por saber que este trabalho não é realizado da noite para o dia.

Seu conceito de cruzamento dentro do banco genético é o de seguir o que acredita ser o melhor na parte ponderal, na precocidade e na fertilidade. Assim ele faz a seleção dentro do que de melhor existe no banco genético, por isto estuda todas as gerações dos animais, procurando descobrir o que cada um tem de bom e ruim, realizando seu próprio trabalho.

Para ele, o perfil ideal de animal moderno tem de ter beleza racial, "que é fundamental, pois sem ela não se faz nenhum animal", pelagem branca do couro preto, fertilidade e precocidade de ganho de peso, sempre visando à caracterização racial. E, como sabemos, a raça Nelore é praticamente nova, com apenas 40 anos, e tem muito a ser desenvolvida. 🐾

Uma carcaça ideal

A metodologia para mensuração de Antônio Joaquim de Castro Faria, o Coronel, tem tornado possível medidas mais seguras e exatas



Antônio Joaquim, o "Coronel", autor da técnica de mensuração, com o professor PhD Gary M. Hill

As raças zebuínas têm passado por transformações, sobretudo através dos avanços tecnológicos e das novas exigências do mercado. Os critérios de avaliação dos animais também se tornaram mais rigorosos. Es-

sas avaliações têm sido tão rigorosas, que estudiosos, buscando encontrar a carcaça perfeita para animal de corte, procuram implantar novos parâmetros e metodologia de mensuração com sugestões de aparelhos, peças e instalações para facilitar as medições.

A preocupação com a necessidade de se produzir informações fidedignas sobre a estrutura da carcaça das raças zebuínas levou o pecuarista, engenheiro e matemático Antônio Joaquim de Castro Faria, carinhosamente chamado por Coronel, a preparar uma metodologia para

mensuração, que apresentamos abaixo, com o objetivo básico de estabelecer, com rigor técnico, a melhor maneira de efetuar o cálculo da carcaça de zebuínos. O próprio Coronel afirma ser necessário "não ter medo de adotar as mais novas técnicas, desde que comprovadas a sua eficiência e aplicabilidade".

Nelorista empenhado no melhoramento do plantel, Coronel procura constantemente investir em equipamentos e técnicas, procurando encontrar o que de melhor existe no mercado. E foi nesta busca que implantou o método para mensuração que descrevemos neste artigo para que os criadores possam utilizá-lo. Com um trabalho respeitado no setor agropecuário, Coronel se sente realizado na vida e na profissão, fazendo questão de falar sobre o orgulho em ter desenvolvido a sua metodologia e ver que é respeitada.

Metodologia para mensuração

Nome _____ RNG _____ RGD _____
 Raça _____ Categoria _____ Nasc _____ / _____ / _____ PN _____
 Proprietário _____
 Fazenda _____ Cidade _____ Estado _____

- 01 - Peso (P), uso da balança;
- 02 - Controle de desenvolvimento ponderal (CDP) - fornecido pela ABZC;
- 03 - Ganho em peso diário (GPD) - fornecido pela ABCZ;
- 04 - Altura do dorso (AD) - medida na altura da sexta vértebra dorsal, ou seja, logo após a parte posterior do cupim (Fig. 1: 5-EI);
- 05 - Altura do lombo (AL) - medida na altura da sexta vértebra lombar, ou seja, antes do sacro (Fig. 1: 5-JK);
- 06 - Altura do posterior (AP) - medida a partir do plano horizontal que passa pela extremidade ilíaca sacral (Fig 1: 5-LM);
- 07 - Comprimento (C) - medido a partir da ponta da espádua (parte da frente) até a extremidade isquiática (parte de trás) do mesmo lado (Fig 1: 5-D1B1);
- 08 - Comprimento da coluna (CDL) - entre a 6ª vértebra dorsal e a 6ª lombar, ou seja, entre os pontos superiores das alturas dorsal (AD) e lombar (AL) (Fig 1 ou 4: 5-EJ);
- 09 - Profundidade (PRO) - medida entre a 6ª vértebra dorsal, ou seja, logo após a parte posterior do cupim e o externo (Fig 1: 5-EG);
- 10 - Perímetro torácico (PTO) - medido no cilhadouro (Fig 1: 5-EFGH);
- 11 - Abertura da Frente (AF) - medida entre a ponta das espáduas, por fora (Fig 3 ou 4: D1D2);
- 12 - Distância entre os pontos médios das 6ªs costelas (L-6), medida entre os pontos mais arqueados das 6ªs costelas (Fig 4: L6L'6);
- 13 - Distância entre os pontos médios das 13ªs costelas (L-13), medida entre os pontos mais arqueados das 13ªs costelas (Fig 4: L13-L'13);
- 14 - Comprimento da garupa (CG) - medido entre a extremidade ilíaca coxal (pela frente) e insquiática (por trás) e do mesmo lado (Fig 1, 4 ou 5-A3B1)
- 15 - Largura da garupa e das extremidades ilíacas (LG-1), medida entre as extremidades ilíacas coxais (por fora) (Fig 4: A1A2);
- 16 - Largura da garupa ou das extremidades isquiáticas (LG-2), medida entre as extremidades isquiáticas [por fora (machos) ou por dentro (fêmeas)] (Fig 4: B3B4 e Fig 4: B1B2);
- 17 - Ângulo de inclinação da garupa (AIG) - é a medida do ângulo formado por uma paralela ao plano horizontal, tirada da extremidade isquiática e a semi-reta que une esta extremidade (isquimática) à extremidade ilíaca coxal (ESQ);
- 18 - Profundidade do traseiro (PT-1), medida entre a extremidade ilíaca coxal (por cima) e a patela ou rótula (por baixo) e do mesmo lado (Fig 1 ou 5: A3C1);
- 19 - Profundidade do traseiro (PT-2), medida entre a extremidade isquiática (por cima) e a patela ou rótula (por baixo) e do mesmo lado (Fig 1 ou 5: B1C1)
- 20 - Comprimento da cabeça (CC), medido entre amarrafa e a comissura dos lábios (Fig 3: Z1Z2);
- 21 - Largura da cabeça (LC), medida entre os olhos (parte de baixo do globo ocular) (Fig 3: Z3Z4);
- 22 - Circunferência escrotal (CE), medida com os testículos comprimidos para baixo, ou seja, nivela-se primeiro para, em seguida, proceder à medição (Fig 2: NOPQ);
- 23 - Perímetro da coxa (PCO), perímetro da elipse que começa e termina na rótula (ou patela) e que é tirada paralela ao plano horizontal (Fig 1 - CRST);
- 24 - Perímetro da canela (PCA), medido logo abaixo do joelho (Fig 1: UVXY);
- 25 - Índice de compacidade (IC), calculado pela fórmula:

$$IC = \frac{\text{Peso}}{(\text{AP} - 100)} = \frac{\quad}{\quad}$$

Local e data

Assinatura

REFRESCAMENTO VIRTUAL



NATIVA

1º LEILÃO VIRTUAL DE EMBRIÕES

NOVA INDIA
Genética 100% Brasil

Nelore  **Lemgruber**
CIPEC Agropecuária

29 ABRIL 2002 • SEGUNDA • 20:30 H • AO VIVO PELO CANAL DO BOI

Via Satélite, a genética 100% Brasil com a genética 100% a pasto. O sangue e a rusticidade do rebanho Lemgruber, criado a pasto há mais de 100 anos, e a alta tecnologia da Nova Índia, fazem deste leilão um evento obrigatório para o criador que busca qualidade no refrescamento de sangue.

LIVRE ACASALAMENTO!

Transmissão:


CANAL DO BOI
(67)321-9098

Realização:


LEILOPEC
(34) 3314-0102
Uberaba MG
leiloepec@zaz.com.br

Sugestões de aparelhos, peças e instalações para facilitar as mensurações; principais cuidados a serem observados e seqüência das operações

1 - Pontos extremos das medidas - silhueta do animal

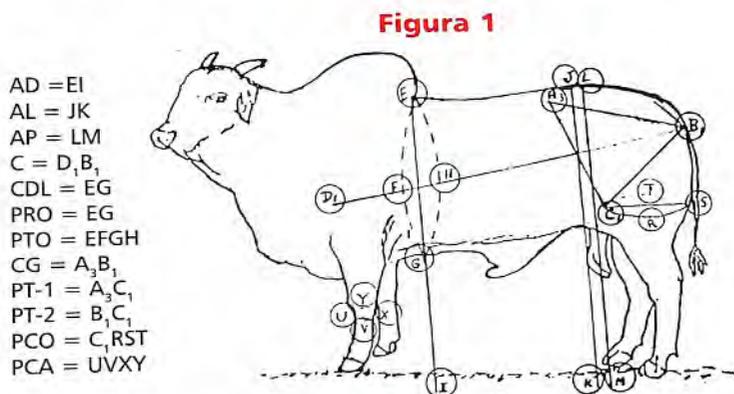
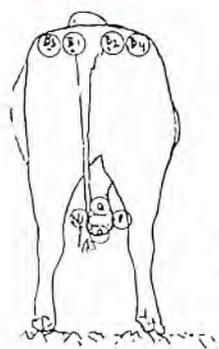
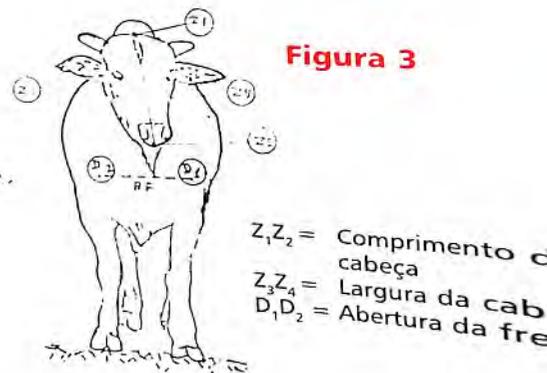


Figura 2



B₁B₂ = Extremidades isquiáticas (por dentro)
 B₃B₄ = Extremidades isquiáticas (por fora)
 NOPQ = Circunferência escrotal (CE)

Figura 3



ESQUELETO DO ANIMAL

Figura 4

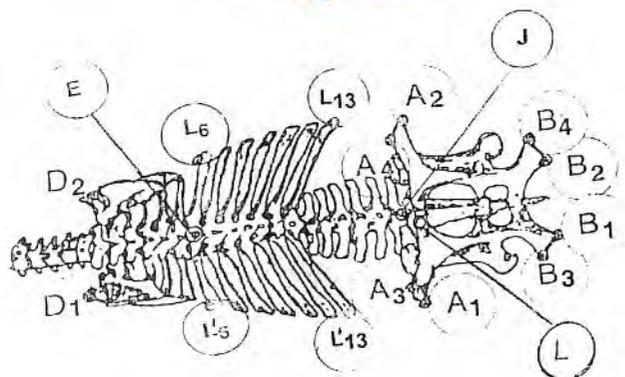
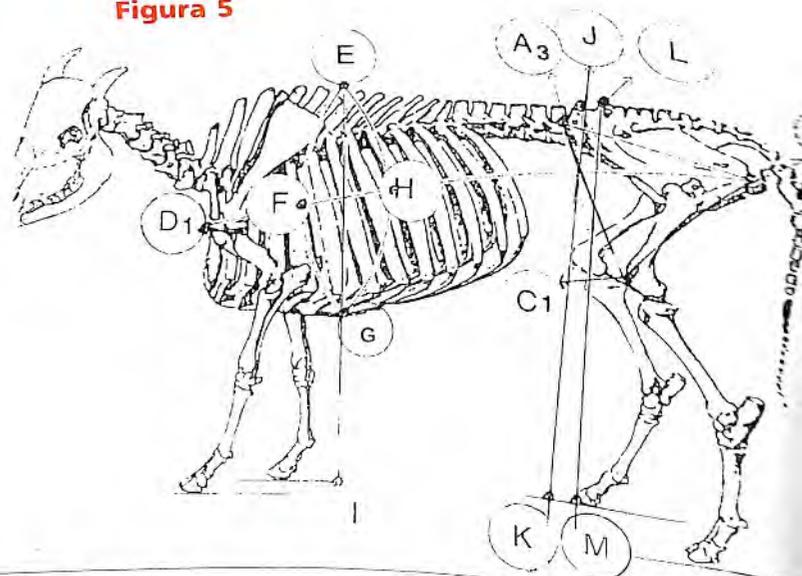
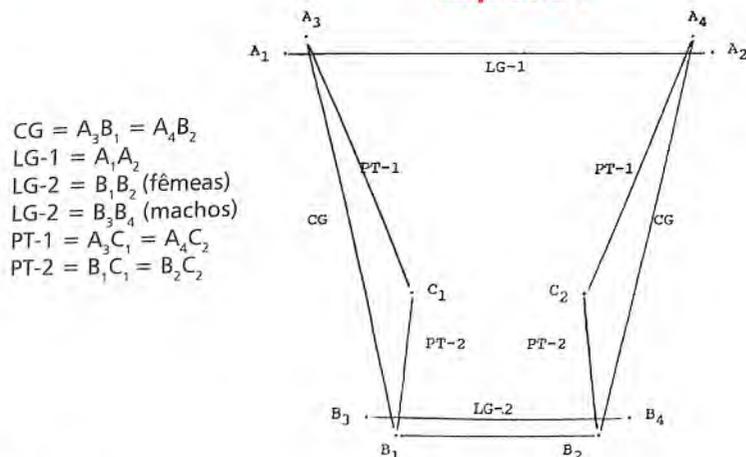


Figura 5

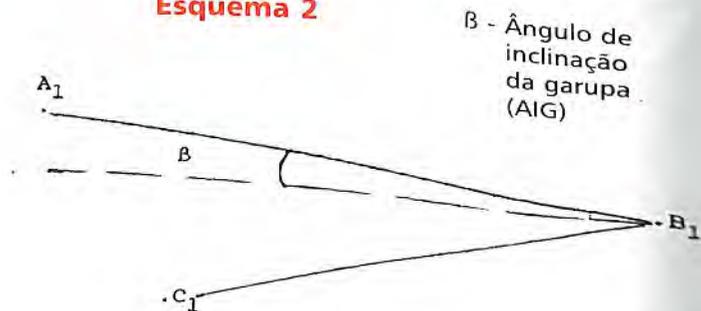


Esquema gráfico dos pontos extremos na traseira do animal

Esquema 1



Esquema 2



Escala de conceitos: Excelente
 Muito bom
 Bom
 Regular
 Insuficiente

4 - Descrição dos meios auxiliares mais fáceis de serem confeccionados ou adquiridos

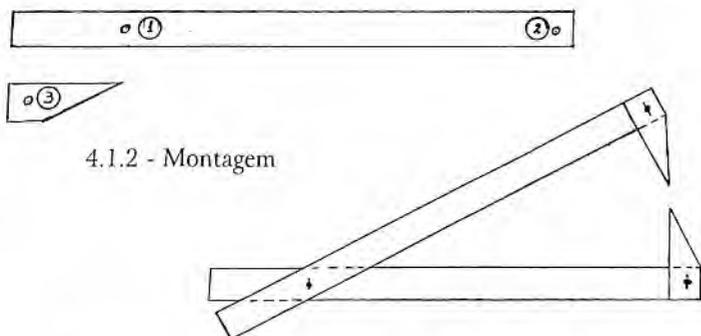
4.1 - Compasso

4.1.1 - Material necessário

- 2 peças de alumínio com 75 cm de comprimento, de 3/4" x 1/8"
- 2 peças de alumínio com 15 cm de comprimento, de 3/4" x 1/8"
- 3 parafusos de 3/16", de cobre, com 1,5 cm de comprimento
- 3 borboletas de cobre, de 3/16"

4.1.2 - Preparação

- a) furar as peças de alumínio para parafuso 3/16"
- b) furo (1) a 15 cm da extremidade
- furos (2) e (3) a 2,5 cm da extremidade
- Chanfrar a peça menor a 10 cm.



4.1.2 - Montagem

Obs.: 1) Existem à venda, no comércio, vários compassos importados, tipo paquímetro

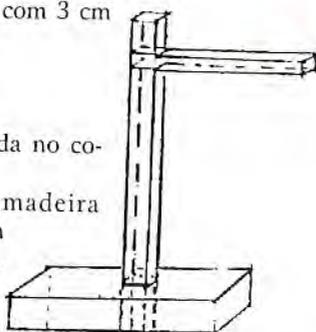
2) Podem ser feitas várias extensões (peças de alumínio) e de vários tamanhos, para facilitar, sobretudo, na medição do comprimento, largura nas 6^{as} e 12^{as} costelas, aberturas da frente e profundidade torácica.

4.2 - Trena: de aço ou plástico, com 3 cm de comprimento

4.3 - Fita métrica com 1 metro

4.4 - Vara hipométrica, comprada no comércio

"Toesa" - uma sapata de madeira (30x30x5cm), 1 caibro graduado em cm, encaixado na sapata (a zero cm do chão) e um cursor de madeira (croquí ao lado).



4.5 - Um nível de madeira, um transferidor e uma peça de madeira, que irão formar um compasso com "nível de bolha" e "escala em graus".

4.6 - Balança (desnecessário descrever).

5 - Instalações apropriadas

Sempre uma superfície plana e, se possível, um tronco, com laterais com a mesma largura (80 cm) de cima abaixo.

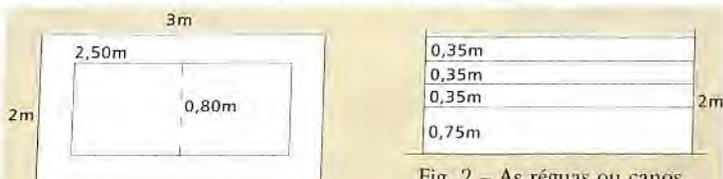


Fig 1 - Piso de concreto, de 3x2m

Fig. 2 - As régulas ou canos laterais, sempre que possível, devem ser removíveis

6 - Observações e cuidados

6.1 - Pessoal:

- Um profissional habilitado e dois auxiliares.

6.2 - Cuidado com o animal:

- Com cabresto e puxado pela guia.
- Colocado numa superfície plana ou em tronco apropriado.
- Deve permanecer sempre em seus prumos normais, evitando-se qualquer tipo de entorse, sobretudo o lateral.

7 - Seqüência recomendada nas operações:

7.1 - Verificar se todos os meios auxiliares, inclusive fichas e instalações, estão de acordo;

7.2 - Colocação do animal no local previsto e parado, em seus aprumos normais;

7.3 - Marcar, com lápis-tinta ou pincel e tinta, os pontos extremos da mensuração. Este procedimento é básico para diminuir a margem de erro. Aquele que usar o olhómetro vai se dar mal.

7.4 - Iniciar a medição:

7.4.1 - Com a vara hipométrica, para os seguintes itens: AD - AL - AP - C;

7.4.2 - Com o compasso e trena, para os seguintes itens: C - CDL - PRO - AF - CG - LG-1 - LG-2 - PT-1 - PT-2 - L-6 - L-13 - CC - LC;

Obs.: Marcar a distância com o compasso (pontos extremos do item a ser mensurado) e aferir o resultado na trena, ou seja, ler a medida na trena.

7.4.3 - Com a trena, o seguinte item: PTO;

7.4.4 - Com a fita métrica, os seguintes itens: CE - PCA - PCO;

7.4.5 - Com o compasso com "nível de bolha" e "escala de graus", o seguinte item: AIG.

7.5 - Pesar o animal.

Sugestões

1 - As mensurações de 4 a 24 serão fornecidas pelo proprietário do animal, por ocasião da apresentação do mesmo no recinto de exposição, terão validade de 30 dias e serão feitas por profissional credenciado (médico veterinário, zootecnista, engenheiro agrônomo ou outro que venha a ser credenciado), mediante laudo técnico assinado.

2 - A mensuração do item 1 será feita pela Comissão da Admissão dos animais, por ocasião da entrada do animal no local da exposição.

3 - As mensurações 2, 3 e 25 serão pela ABCZ.

4 - Em caso de dúvida, a ABCZ poderá efetuar todas as mensurações previstas.

5 - Todos os dados deverão ser entregues à Comissão Julgadora, com 24 horas de antecedência do julgamento.

6 - Ao término do julgamento, a ABCZ apresentará aos expositores e, posteriormente, a seus associados, o resultado da exposição e uma análise das medições realizadas.

7 - Nas exposições fora da ABCZ, mas para as quais a organização forneça juizes e homologue convites, o procedimento deverá ser o mesmo, exceto quanto ao item 6 destas sugestões, que ficará a critério da entidade que patrocinar o evento. Entretanto, os resultados das medições e da exposição deverão ser remetidos à ABCZ.

8 - Há necessidade de se conseguir maior quantidade de dados, talvez até outros, não propostos nesta ficha de mensuração, para se ter um perfil mais seguro do Zebu brasileiro, não só como um todo, mas também por regiões.

Em 1956 André Weiss, jornalista e publicitário pioneiro em publicações das raças zebuínas, juntamente com Ari de Oliveira (então editor da revista Zebu), editou o livro "OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL", raridade na época atual, onde mostrou as diversas raças zebuínas, em obra de fazer inveja.

A partir deste número da revista "O ZEBU NO BRASIL" estaremos publicando artigo de cada raça, na íntegra, na seção "Galeria", veiculado naquele valioso compêndio, para que possamos relembrar e

darmos o valor necessário aos iniciadores do criatório zebuino nacional.

Nas próximas páginas mostraremos a palavra do então presidente da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, hoje ABCZ, Adalberto Rodrigues da Cunha, em 1956, do editor André Weiss, bem como um artigo escrito pelo grande Alberto Alves Santiago, denominado "A ENTRADA DO ZEBU NO BRASIL".

Adib Miguel
Revista "O Zebu no Brasil"

Homenagem do organizador e dos colaboradores do "Os Grandes Reprodutores Indianos no Brasil"

AOS PIONEIROS E ANIMADORES DA INTRODUÇÃO DO GADO ZEBU

D. PEDRO I

Estabeleceu em Santa Cruz, em 1826, o primeiro plantel zebuino.

Acácio Américo de Azevedo
Anésio do Amaral
Antônio Clemente Pinto
Antônio Jacinto da Silva
Antônio Jacinto Sobrinho
Antônio Lutterbach
Antenôr Machado de Azevedo
Bernardo Clemente Pinto
Bertino Lobato de Miranda
Cacildo Arantes
Caetano Mascarenhas
Custódio Alvarenga
Christiano Penna
Delfino Gomes da Silva
Domingos Teodoro de Azevedo
Edmundo Arantes
Elias Antônio de Moraes
Eliezer Mendes dos Santos
Eurípedes de Paula
Francisco Aureliano Rodrigues Nunes
Francisco Mascarenhas
Francisco Peixoto L. Werneck
Francisco Roza
Francisco Salles
Gabriel Teixeira Junqueira
Henrique Hermeto Carneiro Leão
Hipólito Rodrigues da Cunha
João de Abreu Júnior
João Pinheiro
Joaquim Borges
Joaquim Carlos Travassos
José Jorge Penna
José Augusto de Rezende
José Caetano Borges
José Lontra
José Inácio de Melo Franco
José Miranda
Julio Cesar Lutterbach
Lamartine Mendes
Manoel Borges de Araújo
Manoel de Paula Lemos
Manoel de Souza Machado
Manoel Ubelhart Lemgruber
Orlando de Almeida Prado
Otávio Ariani Machado
Ovidio Irineu de Miranda
Pacífico Mascarenhas
Pedro Marques Nunes
Rodolfo Machado Borges
Sérgio da Rocha Miranda
Teófilo Rodrigues da Cunha
Vicente Rodrigues da Cunha
Viriato Mascarenhas

AOS QUE FORAM À INDIA EM BUSCA DO "BOI DE CUPIM"

JOÃO MARTINS BORGES

Uberabense, falecido em 18 de maio de 1918, aos 27 anos, e sepultado no "Christian Cemetery", em Calcutá.

Teófilo de Godoy, 1898 e 1903
Angelo Costa, 1906 e 1907
Alberto Parton, 1907
Alaôr Prata Soares, 1908
Felipe Aché, 1912
Arnel de Miranda, 1913, 1914 e 1917
Georges de Chiréc, 1913
Celso Rosa, 1916
Adelino de Paula Leite, 1916
Quirino Pucci, 1917
Virmondes Martins Borges, 1917—1919
Otaviano Borges Junior, 1917—1919
Militino Pinto de Carvado, 1918
Josias Ferreira de Moraes, 1918, 1920
Manoel Alves Caldeira Jr., 1919, 1920, 1921
Pedro Santerre Guimarães, 1919 e 1921
Gabriel Bernardes, 1920
Isídio Pereira, 1920
Luís de Oliveira Ferreira, 1920
Luiprant Prata, 1920
Alvaro Rocha, 1920
Josias de Almeida, 1920
Moacir de Melo Azevedo, 1920
Godofredo Nascimento, 1920
Ismael Machado, 1920
Armando Veloso, 1920
Adroaldo Cunha Campos, 1920
Manoel de Oliveira Prata, 1920 e 1930
Francisco Ravisio Lemos, 1930
Felisberto de Camargo, 1952

“Os Grandes Reprodutores Indianos no Brasil”

Desde logo, quando apôio lhe foi solicitado, pelo sr. André Weiss, antigo colaborador nosso, através do seu trabalho, por todo o Brasil, como reporter fotográfico da Revista “Zebú”, que ela patrocina, para levar a efeito a edição deste livro, a Sociedade Rural do Triângulo Mineiro não teve dúvidas em concedê-lo, uma vez que percebem o alcance da obra e os seus reflexos benéficos em favor da orientação do criador nacional de zebuínos.

Até hoje não se coligira nem se puzera em ordem um documentário fotográfico dos principais indivíduos da espécie zebuína que, desde há mais de cinquenta anos, entraram no Brasil e dos quais se originaram êsses magníficos rebanhos das raças Gir, Nelore, Guzerá e Indubrasil que possuímos. Nem só não se coligira, como até se pensava que isso não seria possível e que as efigens daqueles ancestrais do nosso rebanho se houvessem deluído no tempo, dispersas pela imprevidência do criador nacional, de ordinário tão pouco zeloso do inestimável cabedal de riqueza que êle próprio acumulou, através de um trabalho de determinação e constância, como que animado por um dom de certa forma quase divinatório. É que o que se fez, foi levado a efeito quase que por mero instinto, acoroçoado pela observação perspicaz de verdadeiros videntes, isso porque, no trabalho de importação de zebús da Índia, não houve nenhum estudo ou planejamento e, pelo contrário, foi êle animado, algumas vezes, pelo acaso.

Até há pouco, igualmente, não havia um rumo certo quanto à origem de alguns dos bons reprodutores zebús nascidos em nosso País, nem identidade de informações sôbre a descendência deixada por aquêles importados e suas primeiras produções.

A documentação dêsse trabalhô parecia pois, impossível de reunir-se, até que o trabalho do autor por fazê-lo, veio mostrar-nos que ela poderia ser conseguida.

Percorrendo, há mais de dez anos, a serviço da revista que patrocinamos, todos os estados brasileiros e, neles, os principais núcleos de criação de zebús, o sr. André Weiss foi coligindo fotografias e assentando apontamentos, conferindo-os e apurando-os, sempre com mais capricho e exatidão, principalmente depois que lhe veio a idéia de lançar à circulação, a obra que estamos apresentando. Nesse trabalho, entrevistou-se com dezenas de criadores e, mesmo, com muitos daqueles que influíram diretamente nas atividades da importação, como com aquêles que mais de perto com êles privaram e, por isso mesmo, mais vivas e mais exatas, tinham a noção e a informação por êles transmitidas.

A edição de “Os grandes Reprodutores Indianos no Brasil” terá assim êsse método perquiridor, pesquisados e de conferência, mostrando-nos “os pais” do rebanho zebuino brasileiro, tal como vieram da Índia e dando-nos dados positivos de sua origem e de sua descendência, aclarando muitas dúvidas a respeito da filiação que elas deixaram, isso levando a efeito não só em relação aos padreadores, como às matrizes de que se originou o rebanho nacional.

O livro que apresentamos tem, naturalmente, algumas falhas e senões, facilmente corrigíveis.

E é deante dêsses fatores que os interessados na origem, na evolução e no melhoramento das raças zebuínas brasileiras, encontrarão em “Os Grandes Reprodutores Indianos no Brasil”, uma demonstração positiva, em documentos genealógicos e fotográficos, uma demonstração positiva de como evoluíram e prosperaram, evidenciando, entre os espécimes que foram importados e os que aqui foram produzidos, um paralelo que nos é lisonjeiramente favorável.

Uberaba, 2 de maio de 1956.

ADALBERTO RODRIGUES DA CUNHA

Presidente da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro
(Uberaba — Minas Gerais)

Introdução

Trabalhando, há muitos anos, na Revista ZEBU, tive oportunidade de verificar o quanto era necessário uma obra que reunisse dados sobre os grandes reprodutores das raças indianas no Brasil.

Poucos elementos dispunham os pecuaristas e os técnicos que se dedicam às tarefas de seleção e melhoramento, sobre a genealogia do gado, particularmente dos grandes raçadores que foram ponto de partida de numerosas linhagens, algumas famosas, dentro de cada uma das variedades indianas.

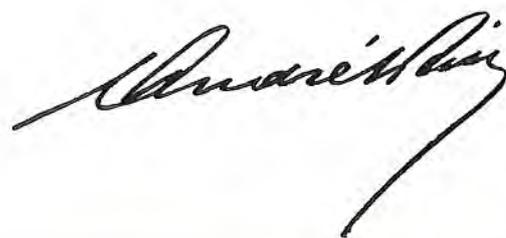
Por outro lado, era preciso que se contasse a história do zebu no Brasil, rendendo merecida homenagem aos seus pioneiros, em sua maioria já desaparecidos, mas alguns ainda labutando em favor do tipo bovino que representa a base da pecuária de grande parte do País. Merecem, também, nosso reconhecimento, os abnegados mineiros, que na primeira metade do século atual seguiram para Índia distante, a fim de trazer os reprodutores destinados ao levantamento do rebanho do Brasil Central, de todo o Norte, e até de certas áreas sulinas.

Valeu-me o arquivo carinhosamente organizado em mais de 12 anos de constante atividade, comparecendo a tôdas as exposições nacionais e às dos grandes centros de criação. Muitas fotografias resultaram de visitas às mais importantes fazendas onde se cria e seleciona o «**Bos Indicus**». Contei também com a colaboração de muitos fazendeiros que me cederam fotografias de grandes reprodutores do passado, especialmente dos importados, a fim de que eu pudesse oferecer aos criadores brasileiros um documentário, o mais completo possível, sobre a evolução do gado indiano.

Quero deixar consignados meus agradecimentos aos senhores ALBERTO ALVES SANTIAGO, zootecnista, EDUARDO DUVIVIER, criador, JOÃO BARISSON VILLARES, zootecnista, MAX NORDAU DE REZENDE ALVIM, engenheiro agrônomo e criador, OSVALDO AFFONSO BORGES e DURVAL GARCIA DE MENEZES, zootecnista e criador, pela valiosa colaboração, fruto de profundos conhecimentos zootécnicos. Entretanto, devo esclarecer que os diversos artigos inseridos nesta obra representam, evidentemente, os pontos de vista de seus autores.

Finalmente, torno meus agradecimentos extensivos à SOCIEDADE RURAL DO TRIÂNGULO MINEIRO e ao seu SERVIÇO DE REGISTRO GENEALÓGICO DAS RAÇAS DE ORIGEM INDIANA, pela grande cópia de informações e dados relativos aos animais adiante apresentados.

Uberaba, 2 de maio de 1956.



A ENTRADA DO ZEBÚ NO BRASIL

Eng. Agr. ALBERTO ALVES SANTIAGO, Zootecnista do Departamento de Produção Animal e ex-Diretor do Registro Genealógico do Gado Indiano, em São Paulo.

As primeiras entradas de gado com sangue zebu tiveram lugar em um passado bastante distante, talvez nos primeiros tempos do Brasil Colônia. Os animais remetidos em 1534 por Dna. Ana Pimentel, esposa e procuradora do donatário Martim Afonso de Souza, provinham do arquipélago do Cabo Verde, possessão portuguesa situada próxima à costa africana, na mesma latitude do Senegal e da Guiné. Considerando que o gado dessas ilhas teve origem no português e africano, pode-se admitir a penetração remota do sangue zebu, embora diluído, nos bovinos dos primeiros colonizadores. Estudos e observações relativos a certos tipos de bovinos crioulos, hoje pouco numerosos, senão desaparecidos, de há muito sugeriam aos técnicos que se ocuparam da origem e formação de nossos rebanhos, a influência do *BOS INDICUS* na pecuária nacional.

Era natural que muitos dos colonos que se transferiam para o Novo Mundo trouxessem, com seus pertences, algumas cabeças de gado destinadas a auxiliá-los nos trabalhos agrícolas e lhes proporcionar alimento. A introdução de bovinos de qualquer procedência era um imperativo da época; o pastoreio constituía o principal fator de desbravamento da terra. O curral, precedendo a fazenda ou o engenho, era a vanguarda da expansão agrícola. A facilidade com que se fundava um estabelecimento pastoril, em contraste com a organização das empresas agrícolas, explica a rapidez com que a criação de gado se difundiu e predominou nas regiões do Nordeste e nos campos do Sul, que, por sua topografia e vegetação, se prestavam a essa atividade.

Os administradores lusos cuidaram do fomento da criação de animais domésticos, especialmente vacum, para atender às necessidades da grande colônia em expansão. Por essa razão, quase todos os tipos nacionais se filiam aos troncos da Península Ibérica, ainda que alguns possam revelar indícios de sangue de outras raças, em virtude de cruzamentos posteriores.

A ocupação de Portugal, e sobretudo da Espanha, pelos mouros, deve ter determinado a penetração de gado zebu do Norte da África em ambos os países. Durante o tempo em que a nação portuguesa dominou a Índia, era costume dos vice-reis e príncipes vassallos remeterem, além dos tributos devidos à metrópole, presentes que por vezes, abrangeram animais, selvagens ou domésticos, neste caso exóticos, que deveriam causar impressão aos reinos. Sabe-se que na zona de Mafra existiu, por longo tempo, um pequeno plantel de zebuínos, mantidos talvez como curiosidade. Conta MACEDO PINTO que, ao tempo de D. João VI, esses animais ainda ali permaneciam estabelecidos; mais tarde, o gado foi relegado ao abandono e desapareceu, absorvido pelo cruzamento com o gado comum. Em consequência da mestiçagem havida, seriam encontrados no gado da península alguns traços do gado dos trópicos, tanto mais que outrora os criadores pouco se preocupavam com a questão de raças.

Da África não recebemos apenas os negros cativos. Ao trato da navegação, em vários de seus portos, devemos a introdução de certas plantas como o coqueiro de dendê, os quiabos e maxixes, o guandu, os capins de Angola e colônias, sem esquecer a malaqueta. Do reino animal, recebemos os cavalos bérberes, os jumentos algerianos, tunisianos e egípcios, as cabras da Núbia, os carneiros do Sudão, bem como a semi-selvagem galinha d'Angola ou Guiné. Para o Brasil vieram também, no século passado, camelos e zebras, sendo que estas deram margem a trabalho de hibridação verificado na antiga Província do Rio de Janeiro.

Há evidência de que os primeiros zebras entrados em nossa terra tenham sido do tipo africano e, só posteriormente, do indiano. Assim, aos poucos, foi o sangue zebu penetrando, direta ou indiretamente, em nosso País, onde mais tarde iria constituir a base da pecuária de corte de grande parte do seu território.

O gado Malabar, da Bahia e Pernambuco, como o nome dá a entender, provém do cruzamento do gado crioulo com animais da costa do Noroeste da Índia, região onde se encontram as antigas feitorias da Damão, Gôa e Diú, até hoje integrantes do império colonial lusitano. O MARQUÊS DE ABRANTES, Miguel Calmon du Pin e Almeida (1796-1865), falando sobre a pecuária bahiana, tece elogios ao referido gado, dando-o como descendente de um casal deixado por um navio, em Salvador, no ano de 1813. No sertão do Nordeste sua presença é antiga e ficou registrada na estrofe de um poeta sertanejo, rememorada pelos vaqueiros do São Francisco:

UM DIA SE ENCONTRARAM
O TURINO E O MALABÁ
UM, O CUPIM NO CANGOTE
O OUTRO NA VOLTA DA PÁ...

Outro tipo antigo, o Guadamar, dos Estados do Nordeste seria, na opinião do Prof. PAULO DE AMORIM SALGADO, resultante de uma leva de zebras trazidos em 1822. O gado China, do Brasil Meridional, notadamente dos Estados de Minas, Mato Grosso e Goiás, pareceu ao velho e sábio mestre NICOLAU ATHANASSOF, o produto do cruzamento de gado de origem européia com o zebu africano, ao passo que outros autores o consideram derivado da mescla do turino com o gado indiano.

Os tipos China e Malabar se confundem; o Malabar era o mestiço asiático-nacional do Norte, enquanto o China era o mestiço asiático-nacional do Sul.

É de se lamentar que os antigos cronistas não tenham deixado registradas as chegadas de gado do Oriente, porquanto nunca cuidaram da origem dos tipos e raças que começavam a povoar os nossos campos. Encontramos, por esse motivo, sérias dificuldades quando, por solicitação de nosso prezado amigo LUIZ PENNA, diretor da REVISTA DOS CRIADORES, nos produzemos relatar a história do zebu no Brasil, particularmente no tocante às importações, desenvolvida e completada no presente trabalho.

PRIMÓRDIOS DA CRIAÇÃO

A criação de gado zebu no Brasil teve início na Província do Rio de Janeiro. Conquanto a história registre a entrada de alguns dos primeiros reprodutores asiáticos no Norte do País, pelos portos do Recife e da Bahia, essas importações foram em número reduzido; apenas indivíduos isolados, ou simples casais que, lançados no meio do rebanho crioulo, tiveram seu sangue diluído em consequência de cruzamentos. Se esses exemplares conseguiram, por vezes, imprimir no gado nativo alguns traços peculiares ao *BOS INDICUS*, não chegaram a dar origem a plantéis de suas raças. Assim, os tipos nacionais de gado China, Guadamar, e até mesmo o Malabar, apenas revelam, em maior ou menor proporção, os sinais de sangue africano ou asiático, mas não chegaram a constituir populações típicas de gado exótico.

ANDRÉ WEISS

lentes; têm tôdas as qualidades destas raças, sem o defeito do linfatisimo. Posso mostrar em minha fazenda produtos de puro sangue dessas raças e mestiços das mesmas com o zebu. O maior inimigo teórico do zebu (digo teórico porque quem tiver alguma prática não será inimigo) há de concordar que tenho razão em considerar o zebu como o fortificador ou mesmo o regenerador de qualquer raça de gado nacional ou estrangeiro".

Passou, então, o ilustre criador a selecionar gado indiano, transformando Porto Novo do Cunha em uma das melhores fontes de onde sairiam reprodutores para os mais diversos pontos do território nacional. Foi na Fazenda Lordelo que o governo de Pernambuco adquiriu em 1893, para a Colônia Izabel, mais tarde Usina Frei Caneca, um touro e algumas vacas Guzerá; o macho foi também aproveitado na padreação de vacas de criadores vizinhos, tendo deixado grande descendência. De Porto Novo do Cunha foram levados para Curvelo, os primeiros lotes de novilhas Guzerá a entrarem na região destinada a ser famosa como centro de criação da grande raça.

Mais tarde, deixariam a Lordelo várias levas de zebus, conduzidas por Tobias Ferreira de Melo para Formiga, ou por Bertino Lobato de Miranda, para suas grandes fazendas na Ilha do Marajó. Com o objetivo de melhorar, a pecuária de seu Estado, o Sindicato Industrial e Agrícola Paraense comprou ali cerca de 50 cabeças, levadas para Belém. Outros reprodutores, adquiridos por criadores de Uberaba, dariam início a alguns núcleos da futura "Meca do Zebu".

Em 1908, o Barão do Paraná reunindo os resultados de seus trabalhos e experiências, publicou um opúsculo intitulado "A CRIAÇÃO DE GADO BOVINO"; mais uma contribuição daquele que entre os pioneiros do zebu, ocupa lugar de merecido destaque.

O BARÃO DE DUAS BARRAS

O 2.º Barão de Duas Barras, Dr. Elias Antônio de Moraes (1831-1918), médico ilustre e humanitário e grande fazendeiro na zona de Cantagalo, desde cedo se interessou pelo zebu. Informações de vários autores o dão como promotor da vinda, em 1870, de um dos primeiros touros da raça Guzerá. Destinou-o ao rebanho da Fazenda Ribeirão, em Cantagalo, um dos mais antigos núcleos de criação, de que se tem notícia. O Barão participou de tôdas as iniciativas a favor do zebu, divulgando suas vantagens, comparecendo às antigas exposições e contribuiu para a fama de Cantagalo como centro de gado Guzerá. De sua fazenda, essa variedade indiana se irradiou para os demais municípios fluminenses e, posteriormente, para Minas e outros Estados. A venda de lote de novilhas, chefiadas pelo reprodutor "Gladiador", constituiu um dos fundamentos do rebanho da Fazenda Itaóca, em Boa Sorte, do dedicado selecionador João de Abreu Junior, um dos maiores criadores brasileiros.

OS CLEMENTE PINTO

O Conde de São Clemente, Antônio Clemente Pinto (1830-1898) e seu irmão, o Conde de Nova Friburgo, Bernardo Clemente Pinto (1835-1914), eram filhos do primeiro Barão de Nova Friburgo, Antônio Clemente Pinto (1795-1869). Agricultores na zona de Cantagalo, eram também comerciantes no Rio de Janeiro, onde formavam a firma Friburgo & Filhos.

Constituíam uma das mais ilustres famílias da nobreza rural brasileira, tendo se notabilizado como agricultores adiantados e de alto espírito de iniciativa, construtores que foram de estradas de ferro e de magníficos palácios, como o solar do Gavião, ainda hoje motivo de admiração dos visitantes de Cantagalo, e o Catete, atual residência presidencial.

Um episódio que revela a grandeza desses homens é narrado por ALBERTO RIBEIRO LAMEGO: Quando em 1888 ainda se debatia no parlamento a questão do elemento servil, os então Viscondes de São Clemente, e Nova Friburgo, de uma só vez libertam mais de 1.300 escravos, os quais agradecidos lhes prestam comovente homenagem, com bandas de música, no solar do Gavião, recusando-se a receber o salário da próxima colheita. Pelo seu generoso ato, que repercutiu intensamente na Câmara, foram agraciados pelo magnânimo D. Pedro II com os títulos de Condes do Império.

Através de comissários londrinos, os Clemente Pinto promoveram algumas das mais antigas importações de zebus, com a finalidade de introduzi-los nos rebanhos de suas propriedades, as fazendas Argeias, Boa Sorte e da Aldeia onde, em 1880, já podiam ser vistos mestiços zebus como animais de trabalho. Mais tarde, possivelmente em 1887, para atender à necessidade de novos reprodutores

OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL

dos plantéis em formação, e para venda a outros criadores da vizinhança, a firma Friburgo e Filhos torna-se importadora de gado da Índia.

Os rebanhos zebuinos dos Clemente Pinto prosperaram e deram início a novos núcleos de criação, podendo ser citado, dentre outros, o de propriedade de Augusto de Sousa Brandão, Barão de Cantagalo. Até hoje é encontrado, na Fazenda Areias, gado Guzerá descendente dos animais importados por aqueles ilustres "Barões do Café".

MANOEL UBELHART LEMGRUBER

Este cidadão, de ascendência suíça e fazendeiro em Sapucaia, em viagem à Europa em 1878, teve oportunidade de visitar o famoso Jardim Zoológico de Hamburgo. Esse parque, assim como o Zoo de Londres, era um dos poucos lugares em que, no passado, poderiam ser encontrados reprodutores de algumas raças de gado indiano, ali reunidos pela firma Hazenbeck. O criador fluminense já conhecia as vantagens e possibilidades do zebu, pois sua propriedade situava-se entre Cantagalo e Porto Novo do Cunha, onde, havia poucos anos antes, tinham chegado os primeiros zebus importados. Nessas condições, compreende-se que tenha procurado estudar bem os representantes do BOS INDICUS. Agradaram-lhe os exemplares da raça Nelore, tendo feito encomenda de um pequeno grupo que chegou ao Brasil em Outubro de 1878, chefiado pelo touro "Hanomet". Um detalhe curioso, é o de ter vindo, juntamente com o reprodutor, o indiano que o criou, pois não se conformara em se separar do animal que para ele era "sagrado". Os exemplares importados se comportaram satisfatoriamente, motivo pelo qual o velho Lemgruber decidiu fazer nova aquisição quando, dois anos depois, voltou à Alemanha. Com a finalidade de possuir linhagens diferentes, exigiu que os animais da segunda partida, chegada em 1880, fossem provenientes do região da Índia, afastada daquela de onde tinham vindo os exemplares da primeira importação; esse grupo tinha como reprodutor um belo espécime, que recebeu o nome de "Nero". Talvez com este procedimento tenha introduzido gado de outra variedade, do mesmo grupo básico indiano, caracterizado pela orelha curta; estaria aqui uma das razões da falta de uniformidade dos primitivos rebanhos Nelore.

Decorridos três anos, ou seja, em 1883, desembarcou no Rio de Janeiro o terceiro lote comprado à Hazenbeck, cujo reprodutor, o touro "Castor", se tornaria famoso em virtude de suas qualidades e pela notável descendência. O gado da Fazenda Santo Antônio se multiplicou rapidamente e nele o Dr. Francisco Machado Marcondes e o Cel. Augusto Lopes de Carvalho escolheram os animais com que deram início a suas criações de gado Nelore. Também Pedro Marques Nunes comprou naquela fazenda os fundadores de seu famoso rebanho.

O criador de Sapucaia era apontado como selecionador adiantado e muito devotado ao zebu, como nos revela o seguinte trecho de uma carta dirigida em 1907 pelo Dr. Abel Perreti de Moura, criador carioca e partidário incondicional de zebu, ao Prof. Hector Raquet, técnico belga e Diretor contratado da Indústria Pastoral de São Paulo:

"... O criador a que me refiro, é o sr. Manoel Ubelhart Lemgruber, proprietário da fazenda Santo Antônio, estação de Aparecida, Leopoldina Railway. Há cerca de 20 anos que, este operoso e inextinguível criador prossegue infatigavelmente, com elevado critério científico e prático, em suas notáveis experiências de criação de gado indiano puro-sangue. Ninguém tem o direito de falar a respeito dessas raças — tão injusta, cruel e gratuitamente odiadas pelo oficialismo paulista que nunca as experimentou — sem ter antes feito uma visita demorada à bem montada ganadaria desse emérito criador brasileiro. Ela é um primor no gênero e faz honra ao Brasil, sob todos os aspectos. É um posto zootécnico do gado indiano, digno de ser examinado por todos quantos quiserem fazer estudos comparativos sobre o momentoso problema. Possuindo esplêndidos reprodutores das melhores variedades indianas; dispoendo de um HERD-BOOK perfeitamente organizado, o sr. Lemgruber tem efetuado os mais criteriosos cruzamentos das raças superiores da Índia entre si, de modo que pode afirmar, sem receio, que possui hoje reprodutores de primeira ordem, os quais nada tem a invejar dos mais afamados de todo o mundo". Ao término a carta, convida o Prof. Raquet, antes de regressar para a Bélgica, a visitar a criação de Sapucaia, certo de que passará a fazer melhor juízo do zebu.

Filhos e sobrinhos do importador imitaram-no ou o sucederam como criadores de Nelore; podem ser citados Agostinho Lemgruber, no Município do Carmo, Fidelis Lemgruber Sobrinho, na Fazenda Paquequer, também no Carmo; Otacílio Lemgruber, em Barra do São Francisco, juntamente com Otilia e Luzia Lemgruber. Na Fazenda Santo Antônio, em Sapucaia, Flávio Lemgruber manteve, por muitos anos, o plantel que herdou de seu pai, o notável importador e pioneiro.

OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL

ANDRÉ WEISS

OUTROS PIONEIROS

Não são encontradas maiores referências a Acácio Américo de Azevedo, que procedeu às três importações verificadas em 1875, 1880 e 1881; supomos que esse cidadão não tenha sido criador, tendo antes efetuado aquelas compras, como emissário de outros fazendeiros, possivelmente para o Barão do Paraná ou para o Barão de Duas Barras. Outros criadores, todavia, já começavam a se destacar, ao fundar o século.

O Comendador Domingos Teodoro de Azevedo Junior, genro e continuador da obra encetada pelo Visconde do Rio Preto, Domingos Custódio Guimarães, possuía em 1890, segundo a informação de JOAQUIM CARLOS TRAVASSOS, um pequeno plantel de zebus de Misore, onde entrou, no ano seguinte, um reprodutor africano, adquirido em Madagascar. Domingos Teodoro criou gado zebu "amisorado" até 1907, quando, profundamente abalado e desgostoso com o falecimento do filho dileto, pôs à venda suas propriedades agrícolas, as fazendas Santa Elisa, Santa Geneveva, Santa Rosa e Anápolis, situadas em Santa Tereza de Valença. Desapareceu, desse modo, o antigo rebanho.

O exemplo dos "Barões do Café" teria, naturalmente, seus seguidores. Nas zonas de Cantagalo e Nova Fruburgo, fazendeiros de origem suíça, os Lutterbach, os Monnerat e os van Erven, enveredaram pela exploração do BOS INDICUS.

Em 1884, Antonio Lutterbach, fazendeiro de café no Município de Cantagalo, começou a desenvolver a criação de bovinos. Encontrando-se na região pioneira do zebu, seria levado a adotá-lo, de preferência a qualquer outra raça, pois estava em condições de verificar, pessoalmente, suas possibilidades. Caprichoso, em lugar de adquirir mestiços zebus, os únicos que poderia encontrar a venda, dado o tamanho reduzido dos núcleos iniciais, tratou de mandar buscar na Índia os elementos formadores de seu plantel. Em 1887 importou, cremos que por intermédio da casa Hagenbeck, ou talvez pela Friburgo & Filhos, alguns exemplares destinados à Fazenda Santa Catarina.

Animado com a perfeita adaptação dos reprodutores asiáticos, promoveu, em diversas épocas, novas importações. Teve a satisfação de ver seu filho, Júlio Cesar Lutterbach, interessar-se pela criação e seleção de gado, auxiliá-lo nos trabalhos e vir a ser um dos maiores criadores fluminenses. Este, da mesma forma que o Barão do Paraná, cuidou de introduzir novas raças de animais domésticos; importou também cabras Mambrianas e Indianas e carneiros deslançados. Nas fazendas Santa Catarina, São Manoel e Glória, junto à estação de Bacelar, no Município do Carmo, podiam ser encontrados reprodutores bovinos de raças nacionais, além de zebus das raças Nelore e Guzerá.

Com o falecimento de Júlio Cesar Lutterbach, o rebanho passou para João Lutterbach, representante da terceira geração de uma família de selecionadores de gado indiano.

Na zona de Vassouras, o Cel. Horácio Lemos, substituiu as decadentes lavouras de café pela pecuária de corte, na base de sangue zebu. Interessaram-se pela seleção do boi de giba os filhos e sobrinhos, os quais, transferindo-se mais tarde para o Estado de São Paulo, tornaram-se criadores dedicados, como Adauto e Otaviano de Andrade Lemos e Francisco Ravísio Lemos, cabendo a este encerrar, em 1930, auxiliado por Manoel de Oliveira Prata, a grande fase das entradas de zebu.

O ZEBU EM MINAS

O Triângulo Mineiro estava em crise, em 1889, devido aos preços dos cereais terem atingido níveis extremamente baixos, o que levou muitos dos fazendeiros a se interessarem pela pecuária. Naquela ocasião, de acordo com MEDINA COELI, um grupo de criadores uberabenses, em que se viam Zacarias Borges de Araújo, Ovídio Irineu de Miranda, Camilo Marques Ferreira, Carlos Batista Machado e Antônio Gonçalves da Costa, se dirigiu ao Rio de Janeiro, a fim de assistir ao desembarque de um lote de reprodutores indianos, tendo os mesmos adquirido três ou quatro exemplares, para suas propriedades de Uberaba. Visavam, com a infusão de sangue zebu, a melhorar o gado crioulo constituído em sua maior parte de indivíduos tardios, de baixa produtividade, com a agravante de se apresentar muito elevada a perda e bezerras. Alguns anos antes, três reprodutores vindos de Porto Novo do Cunha e de Cantagalo, causaram aos uberabenses boa impressão pelo seu desenvolvimento e, sobretudo, pela facilidade com que foram criados os seus produtos. Houve quem dissesse que, anteriormente, em 1875, José Inácio de Melo Franco teria levado para a região alguns mes-

tiços zebus, cuja descendência ainda podia ser vista nos campos triangulinos.

Segundo relata DURVAL GARCIA DE MENEZES, a entrada de zebu nas fazendas de Uberaba se deu em 1888, quando Antônio Cachucha levou do Rio alguns garrotes Nelore, vendidos aos criadores Delfino Gomes da Silva e Hipólito Rodrigues da Cunha. No ano seguinte, Manuel Rodrigues, da fazenda Buracão, levou do Rio um lote, do qual vendeu um touro, o "Cacique", e duas vacas, a Eliézer Mendes dos Santos. Ainda em 1889, Joaquim Veloso de Rezende vendeu em Uberaba, para Antônio Borges de Araújo, o famoso touro "Lontra", ao preço de quatro contos de reis, um absurdo para a época; outro Guzerá foi para Manoel Manoel Borges de Araújo, e um Nelore para João Teodoro de Oliveira que o levou para Santana do Paranaíba, em Mato Grosso. Outros negociantes de gado, como Ernesto e Osório da Silva Oliveira, levaram para Uberaba sucessivas partidas de gado zebu, adquiridas nos centros fluminenses, que encontram compradores com a maior facilidade.

Mais ou menos na mesma época, segundo ALEXANDRE BARBOSA DA SILVA, dá-se a entrada de reprodutores indianos em outras regiões do Estado de Minas. Em Porto Novo do Cunha, alguns animais são adquiridos pelo Dr. Pacífico Mascarenhas para a Fazenda Bom Sucesso, de Curvelo enquanto outros são levados de propriedade do Dr. Francisco Mascarenhas, irmão do anterior. Mais um criador dessa família, o Cel. Caetano Mascarenhas, introduz um reprodutor Nelore em sua fazenda Ponte Nova, também em Sete Lagoas.

Ao iniciar o século vinte, o zebu já tinha em Minas numerosos adeptos, mas também começavam a se manifestar os primeiros oponentes. Em 1903, sob a presidência de João Pinheiro, reuniu-se o 1.º Congresso Agrícola, Industrial e Comercial de Minas Gerais, ao qual foi apresentada, e unanimemente aprovada, a moção recordadas. Este fato motivou a distribuição, no ano seguinte, de uma circular da Sociedade Paulista de Agricultura, expressando a sua repulsa à introdução do zebu que, afirmava, iludia porque a sua meios cruzamentos davam esplêndidos animais, mas logo sobrevenha a degenerescência, até a extinção da raça na sexta geração. Começam então as polémias intermináveis sobre as vantagens e desvantagens do "boi de cupim", com mineiros e paulistas em campos opostos.

Em 1905, a Sociedade Nacional de Agricultura, presidida por Wenceslau Belo, designou uma comissão de criadores, presidida por João Batista de Castro, secretário da entidade, e integrada por Antônio de Moraes, Sílvio Ferreira Rangel e Eduardo Cotrim, encarregada de proceder a inquérito de âmbito nacional, a propósito do gado de origem indiana e de seu papel na indústria pastoril. Para tanto, foram enviadas centenas de circulares a todos os que se interessavam pela questão e os resultados desse trabalho, publicados em 1907, muito contribuíram para o esclarecimento da opinião pública, com relação ao zebu.

Aos governos de Minas, especialmente o de João Pinheiro, cabe o mérito de terem prestigiado, desde o início, a difusão do boi de giba em seu território, numa época em que os técnicos da produção animal estavam imbuídos de mentalidade apenas favorável às raças européias aperfeiçoadas. O ilustre presidente patrocinou, em 1907 e 1908, a introdução de cerca de 200 reprodutores indianos, que fomentaram a formação de novos núcleos de criação do Estado. Essa grande Estado montanhês, a hegemonia na exploração do BOS INDICUS.

Uberaba não foi apenas o grande centro de criação e seleção do gado de origem indiana. Muito cedo tornou-se o centro de irradiação e exportação de reprodutores para outras regiões de Minas, depois para vários Estados e, finalmente, para o Exterior. Mineiros, em sua maioria gente do Triângulo, conhecidos como "zebuzeiros" ou "mascates", através de mil dificuldades, foram levar aos pontos extremos do território nacional os mestiços e mais tarde animais puros, que apontavam aos fazendeiros como os elementos mais indicados para o levantamento dos rebanhos crioulos. Pela ação desses novos bandeirantes, em que se destacaram um Lamartine Mendes, um Virmondes Borges e um Armel Miranda, teve início a "zebuização" do rebanho nacional e, com isso, novos mercados foram abertos, estimulando-se as atividades dos criadores do gado indiano.

Multiplicam-se os rebanhos e em diversas regiões, como Sacramento, Conquista, Araxá e Curvelo, criadores notabilizam-se pelos trabalhos de seleção, cuidando primeiramente da pureza de seus rebanhos. Na última daquelas cidades, dois grandes criadores se revelam. Cristiano Penna, partidário do Guzerá, forma seu plantel com grande capricho, ao mesmo tempo que trata da ampliação do

ANDRÉ WEISS

mercado de reprodutores. Faleceu prematuramente, mas teve em sua viúva, Da. Mercedes de Paula Penna, e em seus filhos, os continuadores da meritória obra. Outro batalhador, Eurípedes de Paula, iniciou seus trabalhos com o Guzerá, raça que nos primeiros tempos monopolizou a atenção dos mineiros. Com o aparecimento do Gir, na época da conflagração européia, passou-se para essa raça, à qual se dedicou com capacidade e perseverança, tendo sido um dos preservadores do importante grupamento étnico. Deixou aos filhos, dignos prosseguidores da obra paterna, um patrimônio inestimável. Foi o trabalho desses pioneiros que deu a Curvelo a invejável posição de "Capital" do Guzerá.

Conquista, graças à atividade de muitos de seus filhos, entre os quais se sobressaem os Fontoura Borges, veio a ser o grande centro de seleção da raça zebuina nacional, que receberia o nome de Indubrasil.

Pratinha do Araxá teve no Cel. Manoel de Paula Lemos, chefe de numerosa família de fazendeiros o iniciador da exploração do BOS INDICUS. Seus descendentes e colaterais tornaram-se conhecidos por sua preferência pelo gado Gir, criado em muitas fazendas, de onde se irradiou para Franca, Passos, Patrocínio do Sapucaí e outras zonas. O primeiro núcleo de gado zebu, no Estado de São Paulo — e durante mais de vinte anos, o único — foi formado em Franca pelo Cel. Antônio Jacinto da Silva, partindo de dois touros, "Turco" e "Genuíno", comprados na Pratinha. Pouco antes de falecer, em 1915, o criador de Franca vendeu o rebanho ao sobrinho e genro, o Capitão, e mais tarde Coronel Antônio Jacinto Sobrinho, justamente considerado o pioneiro do Gir, no Estado de São Paulo.

AS IMPORTAÇÕES

A história do zebu no Brasil, em seus primórdios, pode ser resumida no relato das importações. Os primeiros criadores foram, necessariamente, os primeiros importadores. A formação dos primitivos núcleos decorreu da chegada de alguns animais da África e da Ásia; narrando as entradas iniciais traçamos, em linhas gerais, o histórico da criação do importante tipo bovino.

A partir de 1870 cresce o interesse pelo gado de cupim. Inicialmente, na Europa, nos seus jardins zoológicos, são adquiridos alguns exemplares; em seguida outros vieram para o Brasil, diretamente do Continente Negro ou da Índia, tendo servido de intermediários, firmas nacionais e estrangeiras.

A HAGENBECK

Em 1880 é organizada na Alemanha uma sociedade que, dentro de poucos anos, iria monopolizar as exportações de gado zebu para nosso país, Carl Hagenbeck, de Stellingen, perto de Hamburgo, fundou a empresa destinada ao comércio de importação e exportação de animais de raça. Inicialmente, trabalhou com diversas espécies e raças domésticas mas, bem cedo, passaria a se dedicar a transações de animais selvagens. Estabeleceu representantes ou enviou agentes a vários continentes, encarregados de adquirir, caçar e vender toda sorte de animais. Em Hamburgo organizou o jardim zoológico que veio a ser o maior e mais bem aparelhado do mundo, servindo também como depósito e local de criação de animais exóticos. Tornou-se, desse modo, o principal fornecedor de circos e jardins de quase todo o mundo.

Entre 1890 e 1895 a Hagenbeck enviou para o Brasil, aproximadamente, 200 reprodutores zebuinos, em grande parte adquiridos por criadores fluminenses. Certo número de exemplares foi revendido para Uberaba, onde começava-se a explorar o "boi de cupim".

Durante mais de 25 anos a Hagenbeck manteve sua posição no mercado brasileiro; inicialmente, através de contactos directos com os criadores que visitavam a Europa, ou por meio de correspondência. Mais tarde a organização alemã nomeou sua representante no Brasil a casa Herm. Stoltz & Co., que mantinha filiais em São Paulo, Santos e Recife. Esta firma organizou no antigo Jardim Zoológico do Rio, tendo-a inaugurado em 12 de Novembro de 1907, uma Estação Zootécnica, destinada a expôr e vender reprodutores, especialmente bovinos, gado indiano, búfalos e zebras, além de animais selvagens de diversas espécies.

OUTRAS FIRMAS IMPORTADORAS

Nesse meio tempo, mais quatro firmas promoveram a introdução de reprodutores zebuinos, embora em escala modesta. A primeira a tomar a iniciativa, foi a Friburgo & Filhos, formada por

OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL

membros da família Clemente Pinto, cujo chefe era o Barão de Nova Friburgo, e que tinha sua sede no Rio de Janeiro, na antiga Rua Municipal.

Outra firma, a Crashley & Co., antigos negociantes ingleses, estabelecidos no Rio de Janeiro, a pedido de Joaquim Carlos Travassos, entrou em contacto com casas exportadoras indianas, da cidade de Madras. Por ela veio a primeira literatura sobre o zebu, tendo pouco mais tarde promovido, também, a vinda de diversos reprodutores. Consta ter sido por seu intermédio que o ilustre zootecnista importou alguns animais, destinados a amigos criadores.

Muito ativa foi a casa importadora Hopkins, Causer & Hopkins, de Birmingham, na Inglaterra, possuindo uma filial no Rio de Janeiro, à rua Teófilo Otoni n.º 75 e outra em São João del Rei. As suas importações se verificaram principalmente entre 1908 e 1910, quando o Governo mineiro estimulou as aquisições de gado zebu. Acredita-se que tenha importado algumas centenas de cabeças, contingente apenas inferior ao da Hagenbeck.

Mais uma organização comercial dedicou-se às compras de zebuinos. Foi a Casa Arens, S. A., cuja matriz se situava na Av. Rio Branco n.º 20 e possuía filiais em São Paulo e em Jundiá. Em 1906 a referida casa importou reprodutores para o dr. Elias Antônio de Moraes e para a firma Borges e Irmãos, de Uberaba. Entretanto, suas compras foram em reduzido número, uma vez que os criadores mineiros começavam a dirigir-se à Índia, com o objetivo de adquirir zebu.

JOAQUIM CARLOS TRAVASSOS

No princípio deste século, o gado indiano veio a ter em Joaquim Carlos Travassos, um de seus maiores adeptos, tanto que chegou a ser chamado o "campeão do zebu". A esse técnico cabe a primazia de ter dado publicidade à descrição de algumas das raças da Índia, o que provocou e despertou maior interesse por elas.

Passando da palavra à ação, promoveu, ao que se sabe, pelo menos duas importações, por intermédio da Crashley & Co.. A primeira foi de um casal Nelore, adquirido em 1904 no Posto Zootécnico de Madras, e que havia ganho o primeiro prêmio em concurso ali realizado. Chegado ao Rio, foi exibido na cocheira Moreau, onde o viram centenas de pessoas, antes de seguir para a fazenda do criador de Passos, que o havia encomendado. Da mesma fonte veio no ano seguinte, outro casal, desta vez para o criador bahiano, Comendador Manoel de Souza Machado, proprietário da Usina Capimirim. Vinha acompanhado de certificado passado por veterinário do Colégio de Agricultura de Madras, informando serem considerados como exemplares puros da raça Nelore. O touro tinha 4 anos e recebeu o nome de "Cacique"; era cinzento, com manchas escuras. A vaca era branca, tendo pouco mais de 2 anos, mas já vinha fecundada e passou a ser chamada "Araci"; deu cria a uma bezerra, talvez a primeira dessa raça nascida na Bahia, à qual foi dado o nome de "Itabira".

Em artigos pela imprensa, através de conferências e em suas MONOGRAFIAS AGRÍCOLAS, editadas em 1903, TRAVASSOS descreve raças e divulga informações, tornando mais conhecido o gado de cupim. Precursor da Climatologia Zootécnica, analisou a diversidade de climas no mundo, concluindo pela semelhança entre o nosso e o de certas regiões da Índia, motivo pelo qual, aconselhava a introdução de gado dessa procedência, em lugar das raças européias, para melhoria de nossos rebanhos. Sustentava a impossibilidade de se conseguir resultados satisfatórios no cruzamento com o europeu, condenado, em sua opinião, à degeneração em climas tropicais. Esse estudioso, preconizando o cruzamento de gado crioulo com o indiano, revelou-se um apologista da "zebuização" do rebanho nacional, vigorosamente encetada quarenta anos mais tarde.

Joaquim Carlos Travassos acompanhou com extrema atenção, todos os fatos relacionados com a exploração do zebu. Tinha noção precisa do gado da Índia; para as compras, recomendava o Posto de Madras pois, dizia ele, "em toda a Índia, onde existem mais de 40 variedades do BOS INDICUS, há, pelo desleixo, tantas variedades inferiores quanto Estados".

Em certa ocasião, em 1907, comparecendo a bordo de um cargueiro que trazia gado da Ásia, deu suas impressões, que ficaram registradas nos jornais da época: "... O importador conseguiu, desta vez, adquirir também alguns reprodutores da notável raça Nelore ou Ongole que, mais tarde, quando tivermos, por uma seleção inteligente, desenvolvidas todas as suas boas qualidades, poderá ser considerada a melhor raça para os países tropicais". Como se vê, foi também o primeiro "nelorista" apaixonado. E isso, há meio século atrás...

OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL

ANDRÉ WEISS

BRASILEIROS VÃO À ÍNDIA EM BUSCA DO ZEBU

Nas duas últimas décadas do século dezenove, as importações haviam se tornado mais frequentes e as partidas se compunham de maior número de cabeças, devido ao desenvolvimento do sistema de navegação. Naquela época, embora viesse aumentando o número de criações, os plantéis eram pequenos e seus proprietários se viam em dificuldades não só para atender às solicitações de novos interessados, mas até mesmo para a substituição de seus reprodutores. Deste fato resultou rápida e extraordinária valorização dos indivíduos mais puros, fazendo com que os criadores do Rio intensificassem as importações, no que foram logo imitados pelos mineiros do Triângulo. Estes, vivamente interessados no negócio, animaram-se a enviar emissários, ou a seguir, eles próprios, para a terra dos marajás, em busca do precioso boi de cupim.

TEÓFILO DE GODOY

Mineiro e fazendeiro em Araguari, foi o primeiro criador brasileiro a descer em solo indiano, com a finalidade única de adquirir zebu. De lá trouxe, em 1898, um pequeno lote — 8 cabeças — das quais 6 touros que foram vendidos ao Cel. José Borges de Araujo e 2 vacas que se tornaram propriedade do Cel. Antônio Fontoura Borges, ambos de Uberaba.

Animado com o resultado da viagem, planeja outra, desta vez com o intuito de trazer animais para sua própria criação, tendo seguido em meados de 1903 para a Ásia. Ele mesmo contou, em poucas palavras, esta segunda importação:

"Em Outubro de 1903, pelo vapor ATAKA, da companhia inglesa WOODS SONS, despachei de Bombaim para a Marselha 13 zebus, número que foi elevado a 14 anos mares da Índia, pelo nasci-

Continua na pag. 41

Jornal dos Agricultores

223

EXPEDIÇÃO Á ÍNDIA

PARA A

COMPRA DE ZEBÚS PURO-SANGUE

No intuito de attender a pedidos insistentes de alguns de seus assignantes, creadores em varios Estados do Brasil, o *Jornal dos Agricultores* está organizando uma expedição á Índia, para a compra de reproductores indianos (zebús) puro-sangue.

Todos os assignantes do *Jornal dos Agricultores*, portanto, que desejarem aproveitar esta excellente oportunidade, deverão desde já, e com a maxima urgencia, dirigir-se ao Director do *Jornal dos Agricultores*, pedindo esclarecimentos

Coudições a observar pelos pretendentes

1°—Declararem o numero de reproductores que cada um desejar possuir;

2°—Escolherem, entre as raças mais notaveis, aquellas que desejarem adquirir;

3°—Depositarem previamente a importancia dos reproductores encomendados

Entre as raças mais recommendaveis de gado indiano destacam-se a *General*, a *Nonet*, a *Nellore* e a *Sind*, consideradas as mais notaveis, quer quanto a tamanho e força, quer quanto á abundancia e riqueza de leite.

A expedição só se realizará até 31 de Maio de 1906 estiverem inscriptos e houverem depositado o dinheiro para a importação milium total de

50 reproductores.

A entrega dos reproductores será effectuada nesta capital até oito dias depois da chegada dos animaes aqui, correndo as despesas de esta data em diante por conta dos respectivos donos.

Depois de 31 de Maio de 1906 não accetaremos mais inscrições.

Chefiará a expedição o Sr. coronel Theophilus Godoy, emerito creador mineiro, que já esteve na Índia por duas vezes, adquirindo gado indiano puro sangue.

Assistirá com os seus conselhos ao *Jornal dos Agricultores* o Sr. Dr. Joaquim Carlos Traçassos, o campo do zebú no Brasil.

Teófilo de Godoy foi o primeiro brasileiro a se dirigir à Índia, com a finalidade exclusiva de trazer gado zebu. Lá esteve em 1898 e, pela segunda vez, em 1903. Em 1906, justamente há meio século, organiza uma terceira expedição. Reprodução de anúncio estampado em revista da época — JORNAL DOS AGRICULTORES — relativo a essa viagem.

Trabalho da "O Zebu no Brasil" é reconhecido

Maria das Graças Salvador

A ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu) comemorou no dia 26 de julho de 2001 os 67 anos da entidade e o registro histórico da reunião de número 1000.

Como parte das solenidades aconteceu a inauguração do Templo Ecumênico no Parque Fernando Costa, a reinauguração do monumento aos fundadores e, numa visão futurista, diretores e ex-presidentes da ABCZ depositaram em uma urna perspectivas para o futuro da pecuária zebuína, que será aberta no centenário da entidade, em 2034.

As comemorações foram marcadas por homenagens aos 21 ex-presidentes da entidade e a 22 veículos de comunicação do Brasil. Como não poderia deixar de ser, a revista "O Zebu no Brasil" recebeu a homenagem ABCZ - 67 anos 1000ª Reunião. O fundador da revista diretor-presidente Adib Miguel recebeu o diploma em reconhecimento aos serviços prestados ao criatório zebuino nacional, com a circulação da revista.

Há 30 anos no mercado, a revista "O Zebu no Brasil" sempre difundiu a pecuária nacional através de divulgações que procuram levar o que há de melhor em termos de criação e aperfeiçoamento das raças zebuínas, divulgando os criatórios, seus animais, o trabalho e seleção de cada produtor.

Através de matérias e artigos, a revista "O Zebu no Brasil" procura sempre informar, esclarecer e orientar o desenvolvimento do rebanho brasileiro.

O diretor-presidente

da revista, Adib Miguel, um homem de visão, está no mercado para prestar relevantes serviços ao setor pecuário, e a homenagem só veio confirmar e reafirmar o importante trabalho realizado por este veículo de comunicação.

"O Zebu no Brasil" está no mercado desde 1972, quando Adib Miguel fundou a Rotal Editora e lançou a revista. Em 1976 lançou outro veículo, que também divulga o que há de melhor em equínos: a revista "Equínos no Brasil".

Com circulação bimestral, impressa em *off-set*, as revistas eram veiculadas em todo o território nacional e também internacional. Paralisada por algum tempo, a Rotal Editora está retornando ao mercado para continuar prestando seu papel de divulgar, esclarecer e difundir as raças zebuínas. 



Diretor-presidente da Rotal Editora, Adib Miguel, com a homenagem ABCZ 67 anos - 1000ª Reunião, recebida em junho de 2001

Durante as comemorações da milésima reunião da diretoria da ABCZ e dos 67 anos da entidade, ex-presidentes da ABCZ e vários órgãos da imprensa foram homenageados. No centro, o diretor-presidente da revista "O Zebu no Brasil"



O então presidente da ABCZ Rômulo Kardec de Camargos (triênio 1998/2001) homenageou o diretor-presidente da revista "O Zebu no Brasil", Adib Miguel, pelos excelentes serviços prestados ao criatório zebuino nacional

Qualidade

na cadeia de pecuária de corte

Danilo Lima Guerra (1)
Antônio Bento Mancio (2)



Danilo Lima Guerra



Antônio Bento Mancio

A pecuária de corte brasileira é um setor que vem passando por uma reestruturação, visando aumentar a QUALIDADE. Isto, devido ao crescimento da competitividade de outros produtos, aos direitos do consumidor e sua maior exigência quanto à qualidade intrínseca do produto (consumidor cada vez mais exigente quanto à segurança, confiança, saúde, além de aspecto, sabor, textura e procedência da carne), a um necessário preço competitivo, também à globalização (maior exigência do mercado externo quanto à qualidade do produto), que nos leva a vencer barreiras comerciais com qualidade comprovada.

A cadeia produtiva do Sistema de Produção de carne bovina é extremamente complexa, muito ativa no posicionamento comercial e altamente positiva nos parâmetros sócio-econômicos, devido ser um dos únicos setores na área agroindustrial com crescimento positivo na questão de empregos da balança comercial, e crescente aumento no nível de exportações. A cadeia é composta por cinco segmentos que são:

I – infra-estrutura ou base da produção, onde constam as seguintes áreas:

- a – pesquisa pecuária;
- b – insumos:
 - serviços;
 - crédito;
 - materiais;
 - máquinas, implementos e equipamentos agrícolas;
 - medicamentos e rações.
- c – comércio varejista;
- d – informações técnicas e de mercado; TV, rádios e editoras
- e – associações de produtores;
- f – órgãos de cunho governamental e não-governamental.

2 – produção de bovinos;

3 – indústria e comercialização de animais;

- 4 – distribuição;
- 5 – varejo (MANCIO, 2002).

Estes segmentos devem agir em conjunto, ocorrendo uma interação entre eles, de forma que estruture uma aliança mercadológica em que todos se unam por um produto final de máxima qualidade possível.

O Sistema de Produção tem seu desempenho sustentado em quatro componentes básicos que se interagem:

Nutrição animal

É colocar à disposição dos animais um balanceamento nutricional compatível com o seu momento fisiológico, objetivando garantir a expressão genética, maximizando o potencial genético e produtivo com o uso de aditivos, por exemplo.

Melhoramento genético

Oferece animais com melhor potencial produtivo para melhor explorar a nutrição, o manejo, e o controle sanitário realizados de maneira adequada.

Controle Sanitário

Proporciona o bem-estar do animal garantindo, juntamente com a nutrição, a resposta em produtividade resultante do investimento (Shenk et al, 1995). Trata-se de elaborar um programa de vacinação para diminuir o risco de doenças além do controle adequado da mosca-do-chifre, em que só é feito o tratamento químico quando o número de moscas/animal for superior a 200.

Manejo adequado

Têm o objetivo de otimizar o desempenho produtivo e reprodutivo do rebanho, de forma racional, econômica, e sem provocar degradação do solo, haja vista que o Brasil é considerado campeão neste quesito. É de extrema

importância um manejo adequado do solo e das pastagens, como divisão de piquetes, com descanso, recuperação e renovação da pastagem, além da escolha correta do capim mais adequado para a região. Com simples cuidados de manejo podemos elevar a taxa de desfrute através do aumento na lotação. Quanto ao manejo reprodutivo, faz-se necessário elaborar uma estação de monta e uma desmama antecipada com suplementação alimentar estratégica. Ainda em relação ao manejo dos animais (desmama, transporte, clima), faz-se necessário ressaltar que quando malfeito, pode provocar estresse, o que vai causar impacto nas condições sanitárias e nutricionais do rebanho, produzindo carnes do tipo DFD e PSE. Para evitar que isto ocorra utilizamos cromo e outros micronutrientes na dieta quando os animais são submetidos a condições estressantes. A suplementação a pasto é muito importante para intensificar o sistema de produção, com um manejo racional das pastagens no período das chuvas, mais uma suplementação (SEMICONFINAMENTO) na seca, reduzindo, assim, a idade de abate.

Fator humano

Adequação da mão-de-obra que deve ser considerada componente principal, devido todos os outros estarem dependentes, pois o maior vetor em qualidade e quantidade de modificação ambiental é o ser humano. Deve-se ter visão empresarial adequada na questão da mão-de-obra qualificada para obtenção de respostas positivas no sistema de produção (MANCIO, 2002).

Quanto ao produto, é imprescindível que a prática de tipificação da

Pense em lucros



Futura



Ultrapassando os
limites da comunicação.

- Campanhas publicitárias
para leilões
- Sites agropecuários
e comerciais
- Programações visuais
- Marketing direto
- Comunicação integrada
- Mídia impressa e eletrônica
- Mídia on-line

e muito mais.



Futura

Futura Comunicação e Marketing Ltda

Tv. Cel. José Ferreira, 396. Uberaba - MG. (34) 3312-0796

www.futuracom.com.br - futuraacm@terra.com.br

carcaça se estabeleça, para que se consiga, com a segmentação entre oferta e demanda, preços diferenciados; que haja erradicação total da aftosa; um controle sanitário rígido com padrão internacional; a criação de marcas fortes indicando qualidade e segurança; a criação de associações de produtores que estimulem o marketing do seu produto através de selo que diferencie seu produto; o desenvolvimento de novos processos e embalagens especiais que causem impacto na apresentação do produto e que facilite a utilização pelo consumidor; o desenvolvimento de cortes e receitas especiais para ganhar mercado e orientar o consumidor; preço competitivo com padrão inquestionável de qualidade, sanidade e origem; criação de pontos de venda que tenham ligação de marcas e raças com restaurantes e redes de *fast food*. O produto advindo da cadeia de pecuária de corte tem se diferenciado por um aspecto de visão tradicional "vender o que produz", ou visão empresarial "de produzir o que se vende". O produto não necessariamente é só a carne, mas em um conceito empresarial, tudo o que incorporará lucros à empresa, tendo, assim, produtos oriundos do sistema de produção de bovinos:

- bezeros;
- matrizes;
- garrotes;
- boi magro;
- boi gordo;
- reprodutores;
- leite;
- sementes.

Sendo como ponto central o animal destinado ao abate, a carne produzida por animal é cerca de 35% do peso vivo deste mesmo animal na fazenda. A carcaça (ossos mais carne) representa cerca de 55% do peso do animal ao abate.

No frigorífico ou abatedouro, além da carcaça, são obtidos outros produtos, comumente denominados subprodutos do boi, que reunidos em grandes grupos são representados pela carne industrial, miúdos e glândulas, couro, cascos e chifres, intestinos e bucho, sangue e gordura.

A carne é destinada ao consumo, quer *in natura* ou processada (enlatada e embutida), (CARDOSO, 1994). Seja qual for o produto comercializa-

do, é imprescindível que exista um compromisso de quem produz, industrializa e/ou vende com a qualidade de mínimas garantias de produto saudável.

Obtemos QUALIDADE no atendimento, na diversificação e facilidade de utilização da carne, com rastreabilidade, conhecendo a origem da matéria-prima adquirida, desenvolvendo novos produtos, buscando técnicas para aumentar a vida de prateleira, aprimorando a produção de charque e *jerked beef*, sistematizando a avaliação de carcaças visando maior padronização, através de uma distribuição apropriada e outros.

O processo de industrialização tende a se modernizar, na medida que as indústrias são pressionadas pelas outras indústrias de carne de frango e suínos, na oferta de produtos mais adequados ao consumidor moderno. E uma boa medida foi a atitude do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento em orientar o sistema de desossa da carcaça no frigorífico, que, além de economizar espaço nas câmaras frias e no transporte da carne, possibilita a diferenciação de preços entre cortes nobres e cortes menos valorizados, o que agrada o consumidor médio brasileiro que prefere uma carne mais barata. Com isso, torna-se possível o frigorífico classificar as carcaças e tipificar os cortes identificando a origem e as características da carne. O processo de distribuição e comercialização tende a ser modernizado, sendo a distribuição feita em cortes padronizados, com temperatura de até 7°C e devidamente embalados e identificados. Com isto, a indústria ganha com o aumento da durabilidade da carne e com a minimização de perdas do produto.

A inspeção é um fator muito importante para que se consiga credibilidade ao consumidor. Para tal, é de vital importância a participação de profissionais da área para que, através de dias de campo, de palestras, etc, ocorra uma mudança de mentalidade, e que mostrem a açougueiros e à comunidade em geral a importância de uma classificação de carcaça para padronizar e homogeneizar um produto, que será consumido com garantias quanto a condições sanitárias. Também se faz necessário aumentar a fiscalização de matadouros clandestinos.

A comercialização é outro segmento da cadeia que tem de ser cada vez

mais qualificado, para que se tenha uma cadeia mais eficiente e integrada, e que não se perca a qualidade até então maximizada, justamente no ponto crítico de venda ao consumidor. A integração entre pecuaristas, frigoríficos e distribuidores é uma forma de aumentar a eficiência na comercialização do produto, obtendo vantagens competitivas. A diferenciação de cortes, o uso de um marketing forte e duradouro que vá atrás do consumidor para saber o que ele gosta e qual tipo de produto ele quer que seja oferecido, e o desenvolvimento de novas embalagens são alguns dos fatores importantes para que tenhamos um aumento de vendas, com conseqüente desenvolvimento do setor.

Com o aumento de produtividade e de qualidade ocorre um natural desenvolvimento do setor, o que se associa a uma maior lucratividade de toda a cadeia através da busca incessante de agradar um consumidor, que tem cada vez mais oferta e discernimento para escolha (quer o melhor e o mais barato). Por isso a necessidade de colocar no mercado um produto cada vez mais qualificado, com o menor custo de produção possível. 

BIBLIOGRAFIA:

- Revista Pecuária de Corte nº 92,94,95,98
Corrêa A. N. S. – Análise retrospectiva e tendências da Pecuária de Corte no Brasil – Viçosa-MG – SBZ 2000 – p. 181
Leopoldino, Martins e Mancio - O Brasil e o mercado mundial da carne bovina – Viçosa-MG – Fev. 2001
Fernandes e Mancio – Viabilidade da Pecuária de Corte no Brasil – Viçosa-MG 1999
Balanço da Bovinocultura – 1999 Anualpec 99, p. 11-15
Shibuya, C. M. 1999. Qualidade da carne. Pecuária de corte, 92 : 34
Cardoso, G. 2000 . A dura guerra do Agronegócio. DBO Rural 18(231)
Felicio, P. E. 1996. Produção e qualidade da carne bovina
Lazzarine Neto, S. Nehmi Filho, V. A. s. d. Pecuária de corte moderna: produtividade e lucro. São Paulo:71p.
Mancio, A. B. – Comunicação pessoal, 2002 - amancio@ufv.br.
- (1) Acadêmico de Zootecnia da UFV-MG. Participante do grupo de estudos de gado de corte. danligue@zootecnia.zzn.com
(2) Professor de Produção de Bovinos, Universidade Federal de Viçosa – MG. www.boidecorte.com.br

FAZENDAS REUNIDAS B & DANKLIN

JA

NELORE PO E POI

Rod. BR 050 km149 Fone: (34) 3359 0314 Uberaba MG
PROP.: JESUS AVELINO DA SILVA
End.: Alameda dos Buritis, 110 Fones: (034) 3332 8977 - Esc.
3312 0202 - Res. Uberaba MG



CANCUM DA BDF

24 meses

Chodó CM x Valia da Europa

1º Prêmio Patos de Minas 2001

2º Prêmio Uberlândia 2001

4º Prêmio Expoinel 2001



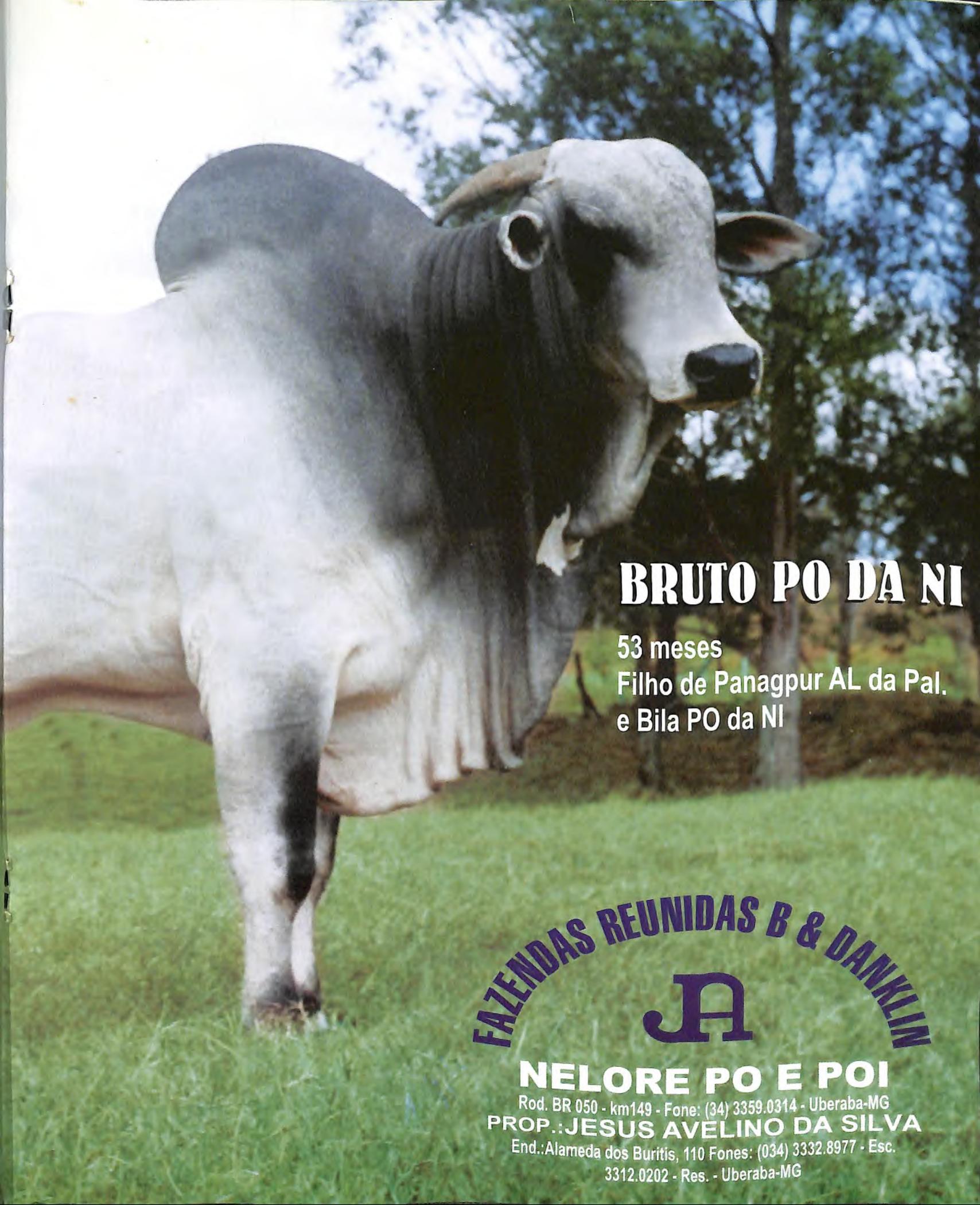
CANCUM DA BDF



**LOTE DE MATRIZES PARTE
DO PLANTEL DAS FAZENDAS
REUNIDAS B & DANKLIN**



**SÊMEN À VENDA
(34) 3332.8977
3359.0314**



BRUTO PO DA NI

53 meses

Filho de Panagpur AL da Pal,
e Bila PO da NI

FAZENDAS REUNIDAS B & DANKLIN



NELORE PO E POI

Rod. BR 050 - km149 - Fone: (34) 3359.0314 - Uberaba-MG

PROP.: JESUS AVELINO DA SILVA

End.: Alameda dos Buritis, 110 Fones: (034) 3332.8977 - Esc.

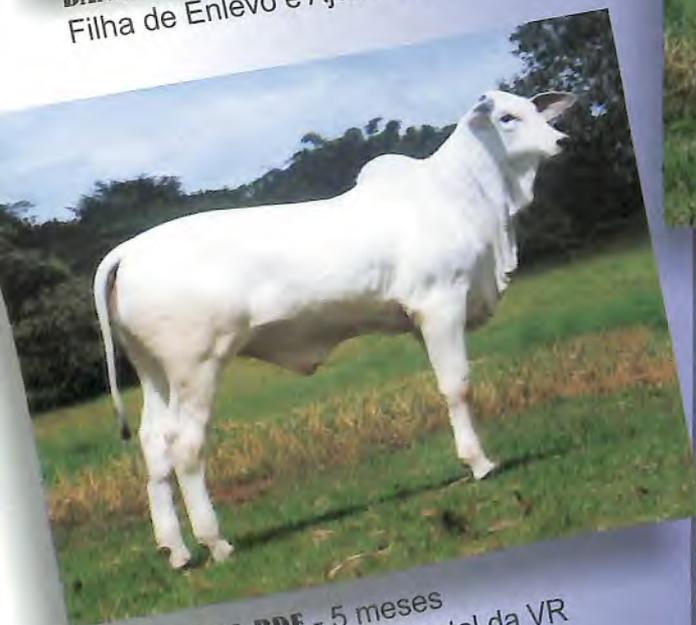
3312.0202 - Res. - Uberaba-MG



CABECEIRA DA BDF - 17 meses
Filha de Chodó CM e Ceya da Europa
Reservada Campeã - Uberlândia/2001
1º Prêmio na Expoinel/2001



DANDAKA DA BDF - 11 meses
Filha de Enlevo e Ajérica da Europa



DHAMIANA DA BDF - 5 meses
Filha de Enlevo e Oliva Pontal da VR

DIPLOMATA DA BDF

10 meses
Filho de Ranche Ipê Ouro e
Páfia da Europa



FAZENDAS REUNIDAS B & DANKLIN
JA

NELORE PO E POI

Rod. BR 050 - km149 - Fone: (34) 3359.0314 - Uberaba-MG
PROP.: JESUS AVELINO DA SILVA
End.: Alameda dos Buritis, 110 - Fones: (034) 3332.8977 - Esc.
3312.0202 - Res. Uberaba MG



Publique.

COMUNICAÇÃO TOTAL DESDE 1988

(11) 3063-1899 • www.publique.com
publique@publique.com

A equipe da Publique em visita à fábrica da Tortuga no dia 07 de março de 2002

Publique, presente em todos os momentos da Tortuga.

Em julho

ela estará de volta!



EQÜINOS



A primeira revista especializada
em eqüinos do Brasil

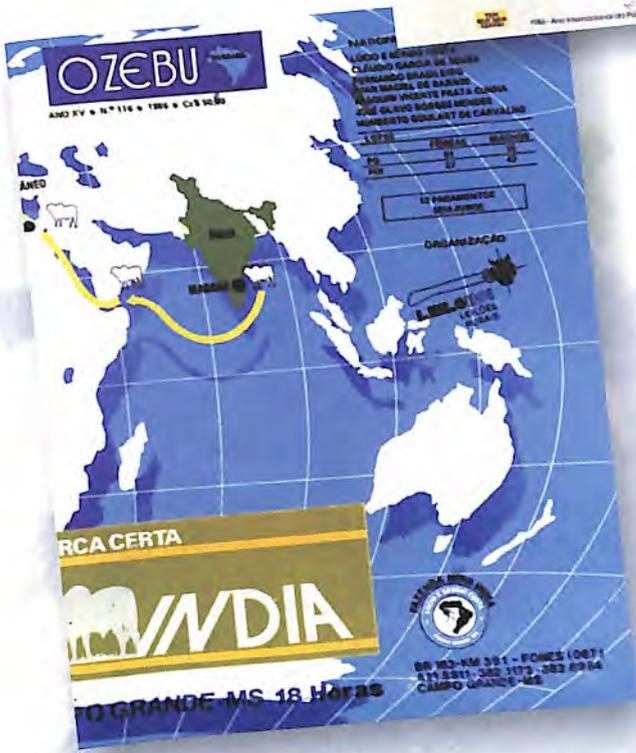


Reserve já o seu anúncio pelos fones:

(34) 3336.6300, 3336.2256

Há 30 anos saía o 1º número da revista "O ZEBU NO BRASIL", como órgão oficioso da ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu), e, por muitos anos, foi seu órgão oficial.

Hoje, estamos de volta ao mercado para continuar divulgando o Zebu, com toda sua pujança, consolidando cada vez mais sua posição de destaque para a solução de carne para o mundo.



ASSINE JÁ,
e continue bem informado.

ASSINATURA DA REVISTA "O ZEBU NO BRASIL"

1 ANO R\$ 48,00
(6 exemplares)

2 ANOS R\$ 90,00
(12 exemplares)

Nome:

End.:

Bairro:

Cidade: Estado: CEP:

Cx. Postal: Telefone:

Data: / /

Para efetuar a assinatura, envie cheque com o valor correspondente, nominal à ROTAL, juntamente com o cupon devidamente preenchido, ou comunique pelo telefone: (34) 3336.6300, 3336.2233 (FAX) ou pelo e-mail: ozebunobrasil@enetec.com.br

Getúlio Vargas marcando a primeira vaca Gir no Brasil: Moreninha

Foto: Arquivo



Você sabia?

Que o Zebu é o agronegócio do Brasil, e que, de um rebanho composto de 170 milhões de cabeças, o país possui 136 milhões de exemplares zebuínos?

Que, graças ao Zebu, a pecuária brasileira conquistou o status internacional de "carne segura"?

Que US\$ 16 bilhões foi o superávit na balança do agronegócio brasileiro?

Que a agropecuária projetou o país para uma nova situação junto ao comércio internacional, com um crescimento de 6% nas exportações, e que superaram os números da economia mundial, que cresceram 2%?

Que o setor de agrobusiness é hoje responsável por quase metade do PIB brasileiro?

Que a primeira vaca Gir registrada no Brasil – Moreninha, filha de Raminho e Estelina – foi registrada e marcada por Getúlio Vargas e re-

cebeu o registro nº 1?

Que, em 2002, as exportações dos agronegócios fecharam em US\$ 21,75 bilhões, e que, para 2006, as perspectivas são de US\$ 40 bilhões?

Que o Brasil é o segundo maior produtor de carne do mundo?

Que as vacas zebuínas são rústicas e produzem a carne que o mundo quer: a chamada "carne ecológica", produzida através de alimentação a pasto?

Que os resultados oficiais do Controle Leiteiro da ABCZ mostram vacas das raças Gir e Guzerá com produções superiores a 5.000 Kg/lactação?

Que a maior exposição de zebuínos do mundo é produzida pela ABCZ desde 1934 no mês de maio, em Uberaba, reunindo qualidade e oportunidade de comércio dos melhores plantéis zebuínos do país?

Que países sul-americanos se unem para trocar tecnologias que incrementam a produção de carne a pasto?

Que a natureza nos deu de presente os animais silvestres, e que sua criação desperta interesse e se mostra um mercado bastante promissor?

Que o candidato ao agronegócio de animais silvestres poderia iniciá-lo com espécie que tenham se tornado "pragas" como a capivara, que tem provocado baixas consideráveis nas culturas de grãos?

Que, por ter uma carne de baixa caloria, a capivara é um dos animais silvestres com mercado garantido?

Que Uberaba é a **Meca do Zebu**, pela qualidade dos animais que são apresentados nas exposições desde 1934?

Fontes de informações:

ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu)
Revista Safra – edição nº 24

OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL

ANDRÉ WEISS

fato que o obrigou a manter o gado durante algum tempo em Chandrodí, enquanto se esforçava para obter transporte marítimo. Na impossibilidade de viagem direta, decidiu embarcá-lo com destino a Marselha. Nesse porto francês conseguiu, a muito custo, autorização para desembarcar o gado e recolhê-lo a um pátio, onde aguardou a chegada do cargueiro que o traria ao Brasil. É conhecido o episódio do "estouro" ali ocorrido, quando os animais se espalharam pelas dependências do cais e ruas da cidade, onde foram aos poucos capturados; perderam-se diversas cabeças, por acidentes ou abatidas pelos gendarmes.

Perto de 400 animais haviam sido comprados aos indianos, contingente esse que chegou ao Brasil bastante reduzido, em consequência do incidente de Marselha e de outras perdas verificadas em viagem, pois esta demorou mais do que estava previsto, por motivo dos acontecimentos que se desenrolavam na Europa. Faltou a bordo ração para o gado, tendo chegado a seu destino — o porto de de Santos — menos de 300 cabeças, magras e em parte estropiadas.

O mineiro havia nascido para a luta. Não contente com os obstáculos enfrentados, ei-lo novamente na Índia em 1917, desta vez tendo como companheiros Quirino Pucci e Josias Ferreira de Moraes. De Bombaim, os uberabenses seguem para Ahmedabad, onde entram em contacto com "lambadis" (vaqueiros), e com estes percorrem as zonas de Palampur, Radhampur, Tharad e Kutch. Agora traz o gado — 248 cabeças — em navio japonês, via sul da África, desembarcando no porto paulista sem maiores contratemplos.

Arnel de Miranda não foi apenas importador. Contribuiu também para a difusão do zebu e, mais ainda, para o início das exportações. Em 1911 realizou viagem ao Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, conduzindo uma partida de 250 tourinhos, os primeiros levados para aqueles Estados. Em viagens posteriores, introduziu na região Sul mais de 4.000 cabeças, todas provenientes do Triângulo. Em fins de 1916, com o intuito de abrir novos mercados, e ao mesmo tempo propagar o gado indiano, embarcou para o Norte do Brasil uma regular partida de reprodutores, destinados principalmente ao Pará. No decorrer da viagem, teve ocasião de vender em vários Estados, alguns exemplares.

Em 1922, reiniciando as vendas para o Sul, levou uma partida que, com facilidade, colocou entre os estancieiros aos quais já havia vendido reprodutores anteriormente.

Pioneiro na exportação, fez várias viagens ao Exterior, com a finalidade de estudar as possibilidades de negócio. Levou, em 1923, uma partida constituída de 200 reprodutores para o porto de Vera Cruz, no México. Na chegada o vapor encalhou, tendo sofrido avaria grossa. O gado permaneceu a bordo 12 dias, até que pudesse ser transportado para terra. Nesse período sofreu os efeitos do jôgo do navio, tendo faltado forragem e água. Desembarcadas, foram contadas 199 cabeças. Havia morrido apenas uma. Infelizmente, sobreveio uma revolução, que prejudicou seriamente as suas vendas. Este relato, muito resumido, dá idéia da extraordinária fibra dos homens que nos trouxeram o zebu.

IMPORTAÇÕES DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Atendendo às solicitações dos criadores, os deputados por Minas Gerais conseguem, na Câmara, a votação de leis estabelecendo facilidades e auxílios aos importadores. Completando-as, o Governo Federal baixou o decreto n.º 6.454, de 18 de Abril de 1907, que regulamentou a importação de animais de raça.

Os resultados dessas medidas não se fizeram esperar; em 1910, chegaram ao Brasil numerosas levas de gado indiano, perfazendo o total de 620 cabeças, cifra registrada no Anuário Estatístico do Comércio Exterior, publicação do Ministério da Fazenda, correspondente ao referido ano. Grande parte desse contingente foi desembarcada em Santos, com destino a Uberaba; alguns exemplares haviam ficado no Rio, adquiridos por criadores da Zona da Mata, de Minas.

O Ministério da Agricultura manteve política por vezes favorável ao zebu, tendo mesmo, em diversos anos, patrocinado algumas importações. Assim procedeu naquele ano de 1910, conforme se deduz do Relatório apresentado pelo Ministro Pedro de Toledo — por sinal um paulista — pois encontra-se nele a relação de animais importados com autorização e auxílio do órgão federal.

Beneficiaram-se das vantagens concedidas, 53 criadores; alguns eram nomes bastante conhecidos nos círculos dos partidários do gado indiano. Podem ser citados: Ovidio Irineu de Miranda, Alberto Prata, João da Silva Prata, Manoel Prata Jr., Virgilato Cruvinel, Hermógenes Gomes da Silva, Delfino Gomes da Silva, Antônio Valin de Melo, Sebastião da Costa, Lauro Borges e Ozório da Silva Oliveira, todos de Uberaba; Braz Martins Borges, Alcebiades Le-

mos de Ávila, Felinto Antônio Cortes, Inocêncio Martins Ferreira, João e José Cortes, de Araxá; Otaviano Borges e Adolfo Martins Borges, de Sacramento. Apenas um criador pertencia a outro Estado: Bertino Lobato de Miranda, dono de grandes fazendas em Cachoeira, no Paraná; recebeu 10 reprodutores indianos para o rebanho que estava formando. Atingiu a 242 o número de animais importados pelo Ministério, para a meia centena de criadores, cabendo a cada um de 3 a 10 reprodutores, no máximo. Felipe Aché, um dos compradores, trouxe da Índia, além de gado para o Governo, um lote para a firma Alexandre Campos & Cia., de Uberaba.

Pelo mesmo Relatório verifica-se que, ainda por conta do Ministério da Agricultura, inúmeras levas de zebuinos foram transportadas, do Estado do Rio ou do porto de Santos, para as localidades de Uberaba, Formiga, Porto Novo, Macau, Salvador, Recife, Belém e Cachoeira, na Ilha do Marajó.

Em 1911 entraram no País 93 reprodutores indianos, dentro do mesmo programa de ajuda aos criadores; correspondiam às últimas compras do ano anterior e haviam ficado na Ásia aguardando praça nos navios. No ano seguinte, entretanto, o número de animais importados seria diminuto; apenas 12 cabeças, metade desembarcada em Santos, para criadores mineiros, 3 para fazendeiros bahianos e as restantes com destino desconhecido. Supomos, porém, que tenham sido retiradas no porto do Rio por algum criador fluminense.

A queda brusca nas importações tem sua explicação. Em fins de 1910, criadores e negociantes de gado firmaram um convênio em Uberaba, pelo qual se comprometiam a não procederem, pelo espaço de quatro anos, a novas compras na Ásia. Essa medida visava à defesa do preço de zebu, que sofrera acentuada baixa devido às numerosas partidas em 1910; o mercado, ainda restrito, não estava em condições de absorver as centenas de reprodutores chegados. Um levantamento feito em Uberaba, em 1912, por uma comissão encarregada de estudar a localização de uma Fazenda Modelo, encontrou a seguinte distribuição: Zebus e seus mestiços, 38.086 cabeças; Chinas, 30.913; Caracus, 2.477; Turinos, 185 e Crioulos não especificados, 1.378 animais. Evidentemente, os 700 reprodutores entrados de 1910 a 1912, representavam um contingente excessivo para o rebanho zebuino, concentrado quase todo em Uberaba e cidades vizinhas.

Pouco depois, a guerra européia faria cessar as compras por parte do Governo. Somente em 1921, o Ministério da Agricultura voltaria a cuidar da aquisição de gado indiano tendo, para tanto, enviado à Índia o zootecnista Antonino da Silva Neves. Ignoramos o resultado de sua missão, provavelmente infrutífera, uma vez que o governo, naquele ano, viria proibir as importações, em virtude do aparecimento da peste bovina.

JOÃO E VIRMONDES MARTINS BORGES

Muito jovem ainda, mal contando 24 anos, mas dotado de grande energia e espírito aventureiro, João Martins Borges, filho do fazendeiro uberabense, Ten. Cel. Joaquim Martins Borges, resolve, em 1914, às vésperas da grande guerra, seguir para a Índia, com a finalidade de comprar gado, de sociedade com o grande criador José Caetano Borges. Bem sucedido no empreendimento, volta a Uberaba com uma leva de aproximadamente 80 cabeças.

No ano seguinte, apesar dos acontecimentos, torna a ir ao país dos marajás mas, não consegue trazer animais, dadas as dificuldades imposta à navegação. Sem desistir de seu intento, regressa ao Brasil.

Em 1917, supondo que o conflito terminasse logo, preparou sua terceira viagem. O pai, prevendo dificuldades, pede-lhe que se faça acompanhar de um irmão mais moço, Virmondes Martins Borges. Convidam para a expedição um primo, Otaviano Borges Júnior, e em 15 de Agosto seguem os três mineiros para o Rio de Janeiro. Tomam um vapor que os leva à Europa, mas em Marselha se convencem da impossibilidade de continuar via Mediterrâneo, uma vez que estavam proibidas as viagens de navios de passageiros. Embarcam no CITY OF MANCHESTER, atravessam outra vez Gibraltar, e prosseguem costeando toda a África, até a cidade do Cabo, onde deixam o navio. Por estrada de ferro vão a Durban, onde tomam outro vapor que os leva ao Ceilão. Ali, afinal, passam para um cargueiro norueguês no qual chegam a Bombaim.

Iniciam as compras de gado Guzerá e o vão reunindo em currais que fizeram construir no interior da Índia. Passam-se os dias, e com o prosseguimento e ampliação da guerra, começam a surgir dificuldades. O dinheiro que lhes devia ter sido remetido do Brasil, não chegou. De outro lado, o Governo britânico passou a controlar os meios de transporte e até as forragens, ao mesmo tempo que opunha embaraços à exportação do gado. A fim de providenciar recursos e autorização para a viagem, João Martins Borges segue

ANDRÉ WEISS

para Calcutá, onde adoeceu em consequência de umas injeções. Cinco dias depois, em 18 de Maio de 1918, aos 27 anos de idade, faleceu em um quarto do Hotel Continental. Avisado, Virmondes Borges atravessa a Índia, encontra o irmão ainda insepulto e o faz enterrar no CHRISTIAN CEMITERY.

Os jovens uberabenses não se deixam abater pelo rude golpe, nem pelos obstáculos que se apresentam a cada momento. Continuam adquirindo reprodutores e providenciando o embarque. Por navio japonês, da linha Osaka, enviam a primeira partida, da qual faziam parte 5 vacas Gir, tipo ainda pouco conhecido no Brasil, que havia recebido, até então, pequeno número de exemplares, em sua maicria mestiços. Chegadas a Uberaba, despertaram grande interesse e motivaram encomendas, feitas por via telegráfica, de elevado número de reprodutores.

A necessidade de proceder ao inventário, pois os recursos levados haviam sido depositados em nome de João Borges, e a quase impossibilidade de recebimento de fundos, obrigaram Virmondes e Otaviano a permanecerem naquele país pelo espaço de dois anos e meio. Ocasões houve, em que passaram até privações.

Os uberabenses não encontraram auxílio onde era lícito esperar. Naquela época era consul honorário do Brasil, em Calcutá, um cidadão de nacionalidade armênia, Joakin Kahapiet, comerciante pouco escrupuloso, que obteve a representação diplomática apenas com o objetivo de ter maiores facilidades para seus negócios, que consistiam na exportação de juta para nosso País. Nada fez pelos nossos patrióticos, procurando mesmo prejudicá-los. Por uma ironia da sorte, foram encontrar um amigo na pessoa de um judeu inglês, de nome Ezra, radicado em Calcutá. Este, generosamente, sem garantias de espécie alguma, pôs à disposição de Virmondes Borges o numerário indispensável à conclusão das transações, enquanto não eram recebidas do Brasil as importâncias correspondentes aos recursos de família, aos adiantamentos dos compradores do gado e mesmo às subvenções oficiais a que tinham direito.

Virmondes Martins Borges se destaca entre todos os importadores de gado indiano. Experiente e tendo-se tornado grande conhecedor do país, era procurado por quase todos os mineiros que naqueles anos de 1918 e 1919 estavam adquirindo reprodutores para o Brasil. Ajudava-os nas compras e no cumprimento das formalidades, tendo inclusive procedido aos embarques dos lotes de mais de um importador. Tinha a seu favor a circunstância de se expressar corretamente em inglês, além de entender e falar um pouco os idiomas da Índia, o hindustani e o guzerati.

A maior parte do gado que comprava pertencia aos tipos Guzerá e Kankrej; tendo conhecido bem o Gir, passou a interessar-se pelo tipo do qual veio a ser um dos primeiros importadores. Trouxe para o Brasil, em remessas sucessivas, cerca de 460 zebuínos, dos quais apenas 18 machos; exigente quanto à qualidade do gado, raramente encontrava touros que o agradassem. Adquiriu dois casais de búfalos, ainda novos; um para sua fazenda, a Esperança, e o outro logo vendido para Antenôr Machado de Azevedo, que mais tarde lhe comprou o plantel, então constituído de 10 cabeças, descendentes daquele casal. Importou também ovinos e caprinos indanos, assim como alguns pavões. Os animais vieram para o Brasil em navios da Companhia Osaka; eram ele o TOYOKA MARU, KIFUKO MARU e KAIFUKO MARU. Em cada viagem, Virmondes mandava 4 ou 5 indianos, como tratadores do gado. Estes, logo depois, foram repatriados, com exceção de dois, de religião maometana, chamados Salomé Ali-Babi e Goberiá, que preferiam permanecer em nossa terra.

Finalmente, Virmondes e Otaviano Borges regressaram à patria, em meados de 1919, com a quarta e última partida, a bordo do HIMALAIA MARU. Navio grande e moderno, comportou maior número de animais — cerca de 160 — ao passo que as levadas anteriores se compunham de 80 a 100 cabeças.

Logo ao desembarcar, Virmondes teve o dissabor de ser informado que a terceira partida, constituída de animais de sua propriedade particular, estava retida em Santos, devido ao embargo oposto por uma firma nacional, que estava exigindo o pagamento da diferença do frete que já havia sido efetuado na Índia, por ocasião do despacho. Daí resultou longa e enerosa demanda, na qual se viu espoliado do fruto de tantos trabalhos e sofrimentos.

Virmondes Borges não se limitou a ir buscar o zebu em seu país de origem. Como bom "zebuzeiro", levou reprodutores a todos os Estados da Federação e até os dias atuais dedica-se à criação e ao melhoramento do gado que ajudou a introduzir no Brasil.

AS IMPORTAÇÕES DE 1918 A 1921

O exemplo de Teófilo de Godoy, Ângelo Costa e Armel de Miranda, que conseguiram trazer para o Brasil diversas partidas de

OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL

gado zebuino, e a estada na Índia de Virmondes e Otaviano Borges, na época em que tudo fazia prevêr a cessação das hostilidades, constituíam incentivos a outros uberabenses, cada vez mais interessados na exploração do zebu.

Outro fato concorreu bastante para intensificar as compras. Em 1916, com a inauguração do grande frigorífico de Barretos, principiou no Brasil Central a industrialização da carne, tendo havido, nos anos seguintes, grandes exportações. Conseqüentemente, verificou-se acentuada valorização do gado, o que animou os criadores a se dedicarem ao aumento e melhoria dos rebanhos. E este objetivo só poderia ser alcançado com o emprêgo de reprodutores indianos.

Criadores mineiros, vindo nas importações um excelente negócio, se aprestam para seguir ou tratam de enviar emissários ao Indostão. Já em 1916, Celso Rosa e Adelino de Paula Leite regressavam da Ásia com duas partidas de reprodutores, em que predominavam os Guzerá e Nelore, além de representantes de outras variedades intermediárias. Sabe-se o número de animais comprados por Adelino Paula Leite — 114 cabeças — donde se conclui que Celso Rosa tenha trazido 91 exemplares, porquanto consta terem entrado, em 1916, precisamente 205 cabeças.

Pouco depois, enviados por Joaquim Borges e outros criadores do Triângulo Mineiro, embarca para Bombaim o agrimensor Militino Pinto de Carvalho que, embora pouco afeito aos negócios de gado, julgou tarefa fácil, importar o zebu. A sorte, entretanto, o favoreceu, pois encontrou em Virmondes Borges quem o auxiliasse nas compras e até no embarque do gado. Seus animais, em número de 72, vieram no vapor KAIFUKO MARU, juntamente com o terceiro lote daquele grande importador. O navio japonês singrou o Pacífico e tocou no Sul da África, de onde se dirigiu diretamente para Santos.

Os criadores Cacildo Arantes e Edmundo Arantes, irmãos, enviam, em 1918, Josias Ferreira de Moraes e Antônio Costa com a incumbência de lhes trazer gado indiano. Logo na chegada os dois se desentendem e Costa, que tinha ido como intérprete, regressa ao Brasil. Josias traz um pequeno lote de gado Guzerá que Cacildo Arantes, mais tarde, venderia a Antenôr Machado de Azevedo, de Cássia.

Pedro Santérre Guimarães, de família de fazendeiros e criadores goianos, tendo obtido facilidades diplomáticas, dedicou-se aos negócios e gado. Associado a Manoel Alves Caldeira Jr., triangulino radicado no Rio de Janeiro, e a outro cidadão conhecido como Sinhô Sotero, procederam a diversas importações. A primeira em 1918; a segunda em fins de 1919 e uma terceira em 1921.

Nessas levadas vieram alguns animais de raça Nelore, sendo que os melhores de tipo e caracterização foram adquiridos por Pedro Marques Nunes. Este, em 1918 havia iniciado, no município paulista de Taubaté, a criação que, em 1926 seria transferida para Pirai, no Estado do Rio, onde se desenvolveu e tornou-se famosa.

Tinham Caldeira e Santérre, como seu melhor freguês, o Cel. João de Abreu Junior, o qual, por essa razão, gozava do privilégio de proceder à escolha de seus futuros reprodutores, com o gado ainda a bordo, enquanto se providenciava o desembarque. No último lote trazido da Ásia, vieram já reservados para o antigo criador de Cantagalo, a vaca "Benares" e o garrote "Calicut", escolhidos na Índia em virtude de seus antecedentes leiteiros. Ambos eram portadores de orelhas com apêndices, motivo pelo qual se dizia serem possuidores de quatro orelhas. A reprodutora "Benares" confirmou plenamente a recomendação do importador, pois chegou a produzir 17 litros de leite, diários, em regime de duas ordenhas. Muitas de suas filhas, todas portadoras daquele carácter, herdaram também a aptidão lactífera. Do referido casal descendem, segundo informação do continuador da obra de João de Abreu, todos os animais "quatro-orelhas", encontrados nos rebanhos Guzerá que têm sua origem no plantel de Cantagalo.

Os diversos lotes chegados em 1919 totalizam 944 cabeças, entre gado adulto e novo, conforme os registros das alfândegas de Santos e Rio de Janeiro, publicados no Anuário Estatístico do Ministério da Fazenda.

Gabriel Bernardes, em 1920, foi enviado por Gabriel Teixeira Junqueira, residente em Uberaba e com fazenda em Conquista, e Anésio Amaral, antigo criador em Serrana, no município de Cravinhos, S. P. Toux uma partida em que se destacavam os exemplares da raça Gir, início dos rebanhos dos promotores da importação, especialmente o de Anésio Amaral, que se tornaria conhecido por alguns de seus produtos, como "Alambique", que deu origem a importante linhagem de gado Gir, e ainda pelas reprodutoras "Vila Rica" e "Noronha", mais tarde levadas para Franca.

Em 1920, foram muitos os criadores que se dirigiram à terra de Gandhi. As crônicas registram os seus nomes: Ranulfo Borges

OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL

ANDRÉ WEISS

do Nascimento, Ismael Machado, Luís de Oliveira Vale, Godofredo Nascimento e Armando Veloso. Em Santos embarcam alguns no KAMAKURA MARU, vapor da Cia. Osaká, que mantinha linhas entre o porto paulista e o Japão, com escalas no Sul da África, Bombaim, Ceilão e Singapura. Ainda no mesmo ano, outros criadores e zebuizeiros se acrescentam ao rol dos importadores do BOS INDICUS. É a vez de Isídio Pereira, Luís de Oliveira Ferreira, Luiprânt Prata e Alvaro Rocha.

Em consequência, verificou-se um "record" nas importações de zebuínos. O Anuário Estatístico do Comércio Exterior, registra a entrada de 1.904 cabeças, sendo que 1.006 pelo porto de Santos e 898 no Rio. Destas últimas, 11 foram logo remetidas para Salvador, pois constituíam encomenda de criadores baianos. Os navios das linhas do Oriente, principalmente aqueles fretados para o transporte de juta, vinham com os conveses transformados em estábulos improvisados. Os touros e alguns animais de maior valor ocupavam, geralmente, "boxes" individuais. Pôões uberabenses e vaqueiros indianos cuidavam da distribuição de forragem e forneciam água ao gado. Acomodados nas cabanas ou misturados com as tripulações dos cargueiros, os mineiros viajam pensando uns na Uberaba distante, outros calculando as despesas, os preços de venda de cada reprodutor e os lucros que seriam auferidos. Alguns, talvez, já cuidassem de empregar proveitosamente, o que esperavam ganhar com audaziosa empresa.

Muitos, todavia, logo se desiludiram. Dois fatos determinaram uma das grandes crises que a história do zebu registra. Primeiramente, o excesso de animais importados — mais de 3.000 cabeças, no espaço de 3 anos — haveria de saturar o mercado de reprodutores. O gado chegado por último não encontrava compradores. Estes, por sua vez, haviam ficado exigentes, somente se interessando por animais puros e de melhor qualidade, que, naturalmente, constituíam a minoria, em cada lote.

Outro fato, de profunda repercussão no mercado, foi o aparecimento da peste bovina. Em Fevereiro de 1921, surgiram nos arredores da capital paulista, principalmente em Osasco e Cotia, alguns animais doentes, cuja morte ocorria rapidamente. A moléstia foi identificada pelos sanitaristas, com o auxílio do Prof. Smillies, da Fundação Rockefeller. Medidas energéticas foram tomadas pelas autoridades e conseguiu-se circunscrever e debelar a peste, ao custo de 855 cabeças que sucumbiram à moléstia e mais 2.500 animais suspeitos ou já doentes, que foram sacrificados a bala pelos milicianos da Fôrça Pública, à medida que os veterinários oficiais procediam aos exames.

O aparecimento da peste bovina alarmou o Governo Federal que determinou incontinenti a proibição das importações e tornou obrigatória a quarentena, no Rio de Janeiro, para as levas que já estivessem a caminho do Brasil.

MOACYR DE MELO AZEVEDO E JOSIAS DE ALMEIDA

Cacildo Arantes, em 1920, organiza nova expedição à Ásia, seguindo interessado no negócio e obter financiamento por parte do grande criador de Santa Rita de Cássia, Antenor Machado de Azevedo. Em Setembro partem os mineiros, seguindo como técnico, Josias de Almeida, que estivera na Índia em 1918, e Moacyr de Melo Azevedo, filho do criador de Cássia. Como os demais compradores brasileiros, desembarcaram em Bombaim, em cujos arredores efetuam as primeiras aquisições. Seguem depois para Ahmedabad, onde, por intermédio de vaqueiros muçulmanos — RABARIS — completam o numeroso lote destinado ao Brasil. Eram cerca de 340 animais, dos quais dois terços pertenciam à raça Gir, e o restante exemplares Nelore e Guzerá, além de alguns Hissar.

Juntamente com os zebús vieram dois casais de búfalos, adquiridos em Bombaim, se não nos falha a memória, de uma organização fornecedora de leite à cidade, de propriedade de Musa Kaledar, cujos estábulos abrigavam 400 búfalas em lactação. Daí saíram os ancestrais de grande parte do rebanho bubalino do Brasil Central que teve origem na Fazenda Cidreira.

Os preços dos reprodutores indianos variavam entre 1.000 a 2.000 rupias, moeda que na ocasião era cotada a \$700, valendo portanto, cada animal, de um conto e setecentos a três contos e quinhentos. Foram o transporte e a alimentação que vieram encarecer o gado, que chegou ao Brasil ao custo de 4 a 5 contos por cabeça. Ainda em 1920 desembarcou a primeira leva, que seguiu diretamente para Uberaba, com exceção de um escolhido grupo destinado a Santa Rita. O segundo lote precisou desembarcar no Rio, a fim de permanecer, por três meses, em quarentena, na Ilha do Governador, estando essa que onerou a importação em mais 100 contos. O preço elevado dos animais fez com que, por falta de compradores, cerca

de 40 touros fossem encaminhados para a fazenda do financiador. Atribui-se a estes importadores a vinda das reprodutoras "Mulata" e "Retinta", avós do famoso touro "Maxixe Velho", um dos pilares da raça Gir, especialmente no Estado de São Paulo.

Com a entrada de 171 reprodutores indianos, cessou, em 1921, a primeira fase das compras de gado asiático.

FRANCISCO RAVISIO LEMOS e

MANOEL DE OLIVEIRA PRATA

Desde a bem sucedida importação de 1920, Manoel de Oliveira Prata sonhava voltar à Índia. Associado a Francisco Ravisio Lemos, membro de importante família de criadores e possuidor de certos recursos, planejou cuidadosamente sua expedição. Em 1930 conseguem ambos vencer a resistência dos serviços federais e obtêm, em caráter excepcional, a licença para a viagem, na qual trouxeram 192 exemplares das raças Gir, Guzerá, alguns Nelore e, segundo informação de BARISSON VILLARES, teria vindo também um representante da raça Sindhi. O gado foi desembarcado no Rio e permaneceu 96 dias no lazareto quarentenário, na Ilha do Governador, dependência dos serviços de Produção Animal, sendo liberado depois de comprovada a sanidade do rebanho. Os reprodutores foram vendidos a grande número de criadores dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, tendo chegado a quase todos os centros de criação, especialmente a Uberaba, Cássia, Curvelo, Formiga, Ubá, Franca, Pirai e Cantagalo, os mais importantes da época.

Sabe-se que de 1930 a 1940, mas com maior intensidade no fim desse período, acentua-se a volta às raças puras trazidas da Índia. Temos a impressão de que para essa mudança de orientação, muito contribuiu a chegada de numerosa leva destes importadores, proporcionando considerável reforço de animais de raça definida, numa ocasião em que a grande maioria dos rebanhos se apresentava visivelmente mestiçados. Muito touros tornaram-se famosos como melhoradores de alguns plantéis e pela numerosa descendência.

Merecem ser destacados "Marajah", "Rajah" e "Sheik", da raça Nelore e genearcas do plantel de Pedro Marques Nunes, que contribuíram decisivamente para a uniformização e o levantamento do rebanho de Pirai. "Gaiolão", segundo seus proprietários, nascido a bordo, passou por diversas fazendas, notadamente em Casa Branca e Franca, onde deixou filhos famosos. Um Guzerá, "Togo", animal de magnífica caracterização, veio a ser chefe do rebanho de Cantagalo, de propriedade do grande João de Abreu. Parece-nos ser da mesma leva o touro "Gandi" que serviu no rebanho de Otávio Ariani Machado, de Santo Amaro, na Baía; gerou "Bey", que vendido a Rodolfo Machado Borges se revelou grande raçador e "White", reprodutor do plantel de Evaristo Paula, de Curvelo, também de excelente descendência.

Outros mais poderiam ser citados; o autor do presente, durante o tempo em que prestou serviços na Seção de São Paulo, do Serviço de Registro Genealógico das Raças Indianas, teve oportunidade de examinar muitos animais desta importação, já nos seus últimos anos de existência.

Foi esta a última partida adquirida por criadores mineiros e encerrou a grande ciclo das importações de gado indiano. Medidas de ordem sanitária, mais rigorosas, não permitiriam novas importações por parte de particulares.

OUTRAS ENTRADAS DE GADO ZEBU

Em reuniões de criadores e nos meios técnicos, de tempos em tempos, era aventada a questão de novas importações, especialmente das variedades tidas como leiteiras. Essa medida, entretanto, encontrava viva oposição dos círculos zebuístas, atitude em parte ditada pelo receio de serem introduzidas moléstias enzooticas na Índia e desconhecidas em nosso meio. Há alguns anos, o Departamento da Produção Animal, de São Paulo, efetuou demarches junto ao Governo Federal, com o objetivo de importar zebu leiteiro; não foi bem sucedido, pois não logrou a necessária autorização do Ministério da Agricultura.

ZEBU AMERICANO

Em uma de nossas viagens à Fazenda Cruzeiro do Sul, no Município de Itai, como integrante da comissão de julgamento para efeito de registro genealógico, tivemos oportunidade de observar um touro zebu americano, por sinal o único dessa procedência a entrar no Brasil. Por encomenda do caprichoso craidor, Sérgio da

ANDRÉ WEISS

Rocha Mirnada, viera, em 1940, do Rancho Hudgins, de Hungerford, Texas. Pertencia à linhagem do famoso reprodutor "Manso", motivo pelo qual recebeu o nome de "Mansinho". Era um Nelore "aguzeratado", tipo predominante nos Estados Unidos; produziu filhos de muito boa conformação para corte, mas acabou sendo posto à margem dos trabalhos que se desenvolviam naquele antigo centro de seleção, porquanto o principal objetivo do estabelecimento era a venda de reprodutores puros.

A QUINTA RAÇA ZEBUINA

Os Estados Unidos, tão evoluídos nos setores da agricultura e da pecuária, e que por isso mesmo vêm servindo de modelo para outras nações, apesar de possuírem excelentes rebanhos das raças altamente especializadas na produção de leite, não desprezaram as possibilidades do zebu que, aliás, já vêm explorando — e com sucesso — para a produção de carne.

Terminada a última guerra, o Departamento de Agricultura adquiriu do Instituto Agrícola de Allahabad, 2 tourinhos e 2 novilhas da raça Red Sindhi, destinados a experiências de cruzamento com a finalidade de se obter um tipo de gado leiteiro adaptado ao clima quente a zona do golfo do México. Os animais permaneceram cerca de dois anos em rigorosa quarentena na Ilha de Guam e, uma vez comprovada a sanidade, foram transferidos para o continente. Na Estação Experimental de Beltsville, em Maryland, os Sindhi foram cruzados com gado Jersey, raça escolhida em virtude de sua maior tolerância ao clima quente. Os primeiros resultados divulgados despertaram a atenção do Prof. João Soares Veiga, o qual, em viagem à grande República do Norte, conseguiu de seu Departamento de Agricultura a cessão de dois garrotes mestiços Red Sindhi x Jersey. Em princípios de 1952, chegaram à Faculdade de Medicina Veterinária, de São Paulo, onde passaram a ser utilizados, através de inseminação artificial, em cruzamentos com gado zebu comum, para a formação de rebanhos leiteiros.

A IMPORTAÇÃO DE FELISBERTO DE CAMARGO

Em meados de 1952, os criadores de zebú foram surpreendidos com a notícia de que era iminente uma nova importação de gado da Índia. Eram decorridos mais de vinte anos sem que o Brasil recebesse, daquela nação, um único reprodutor. Diversas circunstâncias concorreram para que cessassem, definitivamente, as compras de gado no Oriente, e nossos criadores e negociantes não se sentiram mais animados a irem buscar, no país de origem, o boi de cupim. De outro lado, a lei federal n.º 4.398 e outras disposições de ordem sanitária impediam qualquer iniciativa nesse sentido. Ainda mais, o adiamento da criação de zebus, produto de muitos anos de trabalhos seletivos, que deram ao nosso gado características próprias, além de outras imprimidas pelo meio, parecia desaconselhar novas aquisições de reprodutores indianos das raças que vinham sendo melhoradas.

O agrônomo Felisberto de Camargo, antigo Diretor do Instituto Agrônomo do Norte, situado no Pará, vinha há muito procurando solucionar a questão da produção de carne e leite para as populações da Amazônia; o clima da região, excessivamente quente e úmido, impossibilitava a expansão dos bovinos europeus das raças melhoradas. Técnico capaz, verificou que somente poderia resolver o problema da carne com base nos tipos bovinos que a natureza proporciona às regiões tropicais. Deu início então, à formação de grandes rebanhos de gado indiano, especialmente da raça Nelore, e outro de búfalos, oriundos destes da Ilha do Marajó. Se persistiam as dificuldades para a obtenção de leite abundante e barato.

Em 1948 deu início às demarches, junto às autoridades superiores, para a efetivação de seu plano que, em linhas gerais, consistia na introdução de gado Red Sindhi e Sahiwal, além de búfalos das raças Murrah, Nili e Ravi. Submeteu o plano à aprovação do Ministério da Agricultura, que ouviu as autoridades responsáveis pela Defesa Sanitária Animal. Estas estabeleceram condições rigorosas, a começar pela construção de um lazareto quarentenário, em Belterra, na Fordlândia. Assentadas todas as providências, Felisberto de Camargo seguiu para a Ásia, onde percorreu os principais centros de criação, particularmente das raças Sindhi, Sahiwal e Tharparkar, acabando por se decidir pela primeira.

Enquanto o Diretor do Instituto Agrônomo mantinha contatos com as autoridades federais do Paquistão e as do Estado do Sind, no cumprimento de sua missão, o Ministério modificou sua atitude, decidindo sustar a aquisição do gado. Somente a extraordinária pertinácia do técnico federal evitou o fracasso da importação,

OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL

pois, a despeito de ter recebido ordens em contrário, completou as negociações, efetivou as compras e providenciou o transporte dos animais.

O Ministério da Agricultura viu-se diante do fato consumado e procurou uma fórmula conciliatória. Assim, os animais seriam desembarcados não em Belterra, como estava previsto, mas na Ilha Fernando de Noronha, preparada às pressas, onde ficariam em quarentena, sob a responsabilidade direta do Departamento Nacional da Produção Animal.

Desta vez o gado da Índia, acompanhando a tendência da época, chegou por via aérea. O transporte foi feito pela EAGLE AVIATION LTD., companhia inglesa, com base em Londres; o avião escalou em Khartoum, no Sudão e em Kano, na Nigéria e finalmente desceu em Fernando de Noronha. Foram efetuadas duas viagens; o primeiro lote desembarcou no dia 14 e o segundo em 24 de Outubro de 1952, datas que passaram a fazer parte da história do zebu.

O plantel do gado Sindhi vermelho, adquirido no Paquistão, compunha-se de 31 cabeças, entre macho e fêmeas. Um lote de 6 animais — 3 casais — foi obtido em dois estabelecimentos oficiais, a saber: na Fazenda de Seleção do Gado Red Sindhi (CENTRAL GOVERNMENT RED SINDHI CATTLE BREEDING FARM), pertencente ao Governo Federal, em Kalir, e na Fazenda de Seleção do Gado Sindhi (GOVERNMENT OF SIND RED SINDHI FARM), repartição do Estado de Sind, em Mirpurkas. Os demais exemplares, em número de 25, eram produtos de criações particulares, da Fazenda Patel e da Fazenda Sitari, ambas em Karachi. Eram animais de excelente caracterização, sendo os touros pertencentes às melhores linhagens leiteiras. Em Junho de 1953, ao ser levantada, após ano e meio a quarentena, o número de cabeças subia a 60, em consequência de nascimentos ocorridos na Ilha.

Liberados, os animais foram postos à disposição do Instituto Agrônomo do Norte, com exceção de 5 cabeças, cedidas ao Governo do Estado de São Paulo, destinando-se um touro e três reprodutores à Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", em Piracicaba e um garrote ao Departamento da Produção Animal.

A introdução do gado Sindhi vermelho, a quinta raça indiana, acentua a importância do Brasil como grande centro de criação e seleção do BOS INDICUS. O fornecimento de reprodutores melhorados, para os países compreendidos na faixa tropical, pode vir a constituir importante fonte de renda para a Nação. E o paulista Felisberto de Camargo, conseguindo trazer os bois do Sind, reeditou as proezas dos uberabenses do passado, vencendo mais uma batalha em favor do precioso gado da Índia.

A CONTRIBUIÇÃO DO ZEBU AFRICANO

As raças zebuínas existentes no mundo são muito numerosas, mas poucas podem ser descritas com características homogêneas, como acontece com as dos bovinos europeus. A causa disto é facilmente percebida: os rebanhos da maioria dos países da Europa foram objeto de longos anos de trabalhos de seleção visando ao melhoramento das raças, naturais ou formadas pelo homem. O gado de uma região reflete, de certa forma, o grau de desenvolvimento e cultura de um povo e, assim sendo, não se podia esperar das populações asiáticas, e com maior razão das africanas, trabalho profícuo relativamente à melhoria de seus animais domésticos. Aos que procuram estudar os bovinos africanos, ressalta a grande heterogeneidade do gado que povoa o grande Continente, particularmente as regiões Central e Meridional. Todavia, algumas tribos africanas que têm no pastoreio sua principal atividade e meio de subsistência — os chamados povos pastores — cuidarem, sob certo aspecto, de seus plantéis, procurando mantê-los isolados de outros rebanhos. Conseqüentemente, as condições de isolamento desses gados determinaram um alto grau de consanguinidade, resultando daí a formação de grupamentos bastante uniformes, tornando mais cabível, nesses casos, o emprêgo do termo RAÇA para designá-los. Como exemplo, pode ser citado o gado da tribo dos Watusi, habitantes do território de Ruanda, distrito do Congo Belga, caracterizados pela pelagem negra uniforme e os chifres longos, em forma de lira aberta.

O exame de grande parte do gado da África, não obstante a extrema variabilidade na conformação e no tamanho, no desenvolvimento e na forma da giba, na posição e dimensões dos chifres e, particularmente, na cor da pele, torna evidente que esses bovinos se incluem no tipo zebu ou BOS INDICUS, ali introduzido em passado muito remoto ou em eras mais recentes. Como este, apresentam os caracteres típicos da espécie, quais sejam; pele escura, revestida de pêlos curtos e finos, além da presença do "cupim", traço mais marcante do gado do trópico. Por efeito das migrações verificadas e em consequência de cruzamentos havidos, somados à ação do ambiente, surgiram tipos dos quais derivaram numerosas raças.

OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL

ANDRÉ WEISS

Muito acertada foi a distinção feita por WERNER e BREHM, ao proporem sua classificação, que estabeleceu duas grandes divisões para os zebuínos:

- a) Zebus INDICUS, ou variedade da Índia ou asiática;
- b) Zebus AFRICANUS, ou variedade da África.

Chegou-se mesmo à descrição das características étnicas, diferenciais entre as variedades índica e africana, tendo sido provada a existência de tipos morfológicamente distintos, sendo que os da Ásia demonstraram ser mais perfeitos e susceptíveis de melhoramento maior e mais rápido.

Por sua vez, o gado da África, do tipo zebu, revela-se passível de uma sub-divisão, em dois grandes grupos que constituem os chamados tipos básicos.

Na região do Nilo havia um tipo de bovino de chifres muito longos — o BOS PRIMIGENIUS — autóctone, ou qual sofreu o cruzamento com outro tipo bovino, trazido da Ásia pelos semitas — o BOS BRACHYCEROS — ou boi zebu de chifres curtos. Dêsse cruzamento, verificado principalmente na região Central da África e no qual predominou o zebu de cornos curtos, resultou um novo tipo, que se convencionou chamar de SANGA e constitui o primeiro grupo de gado africano, também o mais numeroso. Possui chifres longos, mas apresenta giba pequena, situada adiante da cernelha.

O segundo tipo de gado da África, de chifres curtos, é produto de introdução mais recente, isto é, ocorrida nos séculos passados, e devida aos mercadores árabes e hindus que o trouxeram da Índia; disseminou-se por toda a costa oriental, onde teve início o movimento de penetração para o interior do Continente Negro. É, por isso, mais tipicamente zebu, com giba grande, colocada bem sobre a cernelha.

Dos dois tipos básicos surgiu elevado número de raças e sub-raças que deixam de ser citadas por não apresentarem maior importância para nós, sendo de interesse apenas local.

O GADO SANTA CRUZ

Em diversas ocasiões o Brasil recebeu reprodutores bovinos da África, principalmente nos séculos dezoito e dezanove. Os veleiros portugueses vindos do Cabo Verde, do Marrocos, das Costas da Guiné e da Mina, de Angola e Moçambique, devem ter trazido em seu bojo alguns reprodutores embarcados como reserva de alimentação ou mesmo como objeto de transação. Note-se que durante algum tempo os estabelecimentos lusos da costa ocidental africana estiveram sob o jurisdição dos governadores coloniais da Bahia, circunstância favorável ao comércio entre essas regiões.

Originário da África era o já citado plantel de Santa Cruz; EDUARDO COTRIM, o descreveu como formado de animais de porte reduzido e de pelagem predominantemente preta. Este rebanho ali permaneceu por longo tempo, acreditando alguns estudiosos que os reprodutores saídos de Santa Cruz tenham contribuído para a formação do gado China, iniciando assim o processo de "azebuamento" do rebanho brasileiro.

H. GEOFFROY DE SAINT-HILAIRE, inspetor zootécnico no Norte da África, em seu trabalho L'ELEVAGE AU MAROC diz que alguns reprodutores zebus recebidos pelos criadores fluminenses eram de origem senegalesa, mas teriam dado resultados pouco satisfatórios. Por esse motivo, passou-se a dar preferência aos da Índia. Este técnico se interessava pelo assunto, pois além de ser um dos fundadores da nôvel Sociedade de Acimação, de França, foi intermediário em algumas importações na década de 1880-90. Entre outros exemplares, adquiriu em Madagascar, em 1891, o touro que serviu na propriedade do Comendador Domingos Teodoro de Azevedo, em Valença.

OS AFRICANDER

O zebu africano deixou de figurar, por quase meio século, em nossas importações. Todavia, em 1939, Orlando de Almeida Prado, agricultor e comerciante paulista, promoveu a vinda de dois casais de bovinos da raça Africander, do rebanho do KING RANCH, de Kingsville, Texas, os quais foram adquiridos pelo Conde Francisco Matarazzo Jr. e remetidos para a Fazenda Amália, situada nos Municípios de Santa Rosa e São Simão, na zona Mogiana. Esses animais foram exibidos na Exposição Nacional que se realizou naquele

mesmo ano, no Parque da Água Branca. Embora provenientes dos Estados Unidos, os Africander eram representantes puros da raça considerada nativa da África do Sul e que constitui uma variedade de gado do trópico, ou seja, tipo zebuino.

Os exemplares vindos da África, em diversas épocas, formaram reduzido contingente, e, por esse fato, poucos sinais deixaram em nossa população bovina. A entrada de gado da Índia, operada em grande escala entre 1890 e 1930, fez desaparecer os traços imprimeados pelos reprodutores africanos.

O GADO DA ÍNDIA

A população bovina da região da Ásia, atualmente dividida em Índia e Paquistão, é avaliada em cerca de 200 milhões de cabeças e se apresenta extremamente heterogênea, embora estudos e trabalhos de técnicos notáveis tenham possibilitado uma classificação relativamente satisfatória. Há grande variação quanto aos tipos e caracteres exteriores, recebendo o gado numerosas denominações, tomadas quase sempre da região em que se formaram as raças, ou onde elas predominam. Cada província ou distrito tem sua RAÇA, mas é preciso que se diga que, no caso, esse termo não tem o significado exato que lhe dá a Zootecnia. Denominações diferentes são dadas, às vezes, a um mesmo agrupamento étnico, não expressando, pois, raças distintas. Todavia, nas diversas províncias ou estados encontram-se rebanhos, aí formados, com características próprias, revelando pertencerem a um dos tipos básicos, ou serem resultantes da mestiçagem entre dois ou mais grupos fundamentais, com modificações imprimidas pelo meio. Algumas vezes esses rebanhos foram objeto de trabalhos seletivos que lhes deram maior uniformidade e determinadas características, cabendo-lhes, então, com mais justiça, o qualificativo de raças.

O primeiro trabalho visando à classificação do gado indiano se deve a OLVER (1938). Este autor, com base em testemunhos arqueológicos e históricos, relativos à existência e introdução dos diversos tipos de gado atualmente encontrados no sub-continentes Indo-Paquistanico, partiu de certas semelhanças, nas características físicas bem definidas, para elaborar sua classificação, logo aceita, na qual reuniu algumas raças em grupos, de acordo com o tipo básico de que derivaram. WARE (1942) aceitou, de um modo geral, a proposta de OLVER, sugerindo pequenas modificações, em questões de detalhes. PHILLIPS (1944) completou o esquema, propondo a inclusão de raças e variedades que tinham ficado à margem, nos grupos gerais, tal como os definiram OLVER e WARE.

Dado o valor do bovino indiano para o País, e a importância de seu conhecimento para a melhor compreensão da origem e das particularidades do nosso Zebu, julgamos imprescindível uma análise, embora superficial, do gado da Índia. Por essa razão, apresentamos a mais recente classificação dos tipos e raças, de acordo com o trabalho elaborado por JOSHI e PHILLIPS, em 1954, para a F.A.O., sigla pela qual é mais conhecida a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação.

CLASSIFICAÇÃO DO GADO DA ÍNDIA

TIPOS E RAÇAS ZEBUINAS

TIPOS	RAÇAS
GRUPO I	
Este grupo inclui o gado cinzento com chifres em forma de lira, frente larga, arcadas orbitárias proeminentes, perfil plano ou côncavo. O Kankrej é o representante mais típico.	KANKREJ (Guzerá) Kenwariya Kherigarh Malvi Tharparkar Hissar
GRUPO II	
Gado grande, branco ou cinza claro; apresenta chifres curtos e perfil ligeiramente convexo, com arcadas orbitárias não salientes. O Ongole é um dos mais característicos do grupo.	Bachaur Bhagnari Gaolao Hariana Krishna (Valley) Nagori Mehwati ONGOLE (Nelore) Rath
GRUPO III	
Gado de testa proeminente, de chifres laterais, frequentemente retorcidos. Barba muito desenvolvida. Pelagem branca, vermelha, ou castanha; uniforme ou geralmente manchada.	Dangi Deoni GIR Nimari RED SINDHI Sahiwal

ANDRÉ WEISS

OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL

GRUPO IV

Gado de tamanho médio, compacto, de perfil convexo, com chifres longos, pontagudos, nascendo bem próximos, no alto da cabeça. É conhecido como tipo de Misore.

Amrit Mahal
Hallikar
Kangayam
Khillari

GRUPO V

Abrange todo o gado pequeno, heterogêneo, de pelagem vermelha ou parda, muitas vezes malhado de branco. É encontrado em todo o País, sobretudo nas regiões montanhosas, no Norte, no Beluchistão e no Himalaia.

Lohani
Ponwar
Siri

GRUPO VI

O gado do Punjab, pequeno, comprido, de pernas curtas, diferente na pelagem de tôdas as raças da Índia; esta é branca, com pequenas manchas vermelhas, castanhas ou pretas. Não pôde ser classificado em nenhum dos tipos básicos, precedentes, motivo pelo qual é agrupado a parte.

Dhanni

Do exame do quadro anterior se infere que o Brasil possui rebanhos das mais importantes raças dos três primeiros grupos ou tipos básicos indianos. O Guzerá, que corresponde ao Kankrej, principal grupamento étnico incluído no Grupo I; o Ongole, conhecido entre nós por Nelore, um dos melhores representantes do Grupo II; o Gir que constitui o tipo básico e mais característico do Grupo III. O gado vermelho do Sind, de recente importação, foi incluído no terceiro grupo, porquanto é evidente que o gado Gir entrou em sua formação, além do sangue Afghan.

Contrariamente ao que se pensa, também o grupo IV está representado em nosso meio, pois o gado de Misore, que se distribui pelas raças Amrit Mahal, Hallikar, Kangayam e Khillari, foi um dos primeiros a entrar no Brasil em contingentes apreciáveis, no último decênio do século passado. Por esse motivo, a influência do Misore foi bastante acentuada, sendo ainda hoje claramente percebida em certas linhagens do gado que em nosso País se convencionou chamar de Nelore.

É provável não termos recebido representantes do Grupo V, o que é perfeitamente explicável; trata-se de gado das regiões montanhosas do Norte da Índia, afastadas das zonas litorâneas por onde andaram os negociantes brasileiros que foram ao Oriente em busca do boi de cupim, e também onde se localizavam os agentes das casas exportadoras, geralmente inglesas, fornecedoras de reprodutores aos criadores fluminenses. Entretanto, o fato de o Brasil não possuir gado dessas variedades indianas é questão de somente importância; são bovinos de reduzido valor econômico, dado o desenvolvimento precário e limitada capacidade produtiva. O mesmo deve ter acontecido com o sexto e último grupo, o da chamada raça Dhanni, cujos representantes deixaram de ser remetidos pelos antigos exportadores, como também não foram adquiridos pelos criadores patricios.

RAÇAS INTRODUZIDAS NO BRASIL

Torna-se difícil indicar todas as raças e variedades que devem ter entrado no Brasil durante o longo ciclo das importações do zebu. Poucas referências são encontradas, pois em geral escaparam ao registro de criadores e estudiosos, ou foram ignoradas, porquanto o conhecimento das raças zebuínas era muito limitado. Atualmente, com o aumento de interesse pelo gado de giba e com os debates sobre as vantagens e inconvenientes de novas importações, vem à baila a lembrança de outras raças que contribuíram para a formação de nosso rebanho. Os criadores e técnicos que percorrem os centros de criação, principalmente dos Estados de São Paulo, Minas, Rio e Bahia, e que conhecem bem a literatura referente ao BOS INDICUS, podem perceber em certos rebanhos a existência de alguns remanescentes de outras raças menos conhecidas, mas, sem dúvida, introduzidas no País. Os elementos de que dispomos, oriundos de pesquisa bibliográfica ou frutos e nossas observações no rebanho nacional, além o exame de centenas de fotografias de animais importados, levam-nos a admitir a introdução de elevado número de raças zebuínas de origem diversa.

Não se pode nomear as variedades provenientes da África; sabe-se apenas que vieram animais da região do Nilo (1826), de vários pontos da costa ocidental africana e até de Madagascar (1891). Os reprodutores Africander (1939) vieram dos Estados Unidos, mas seu "habitat" é o sul do Continente Negro. Sabe-se hoje que algumas das primeiras levas, principalmente por volta de 1890, eram constituídas de animais vindos da África.

Todavia, a quase totalidade dos seis mil reprodutores zebus aqui desembarcados proveio do antigo domínio inglês.

As primeiras fazendas de criação receberam reprodutores em diferentes anos, acontecendo muitas vezes que as importações que se seguiam eram de variedade e até de tipo completamente distinto das remessas iniciais. Assim, aos exemplares africanos, sucederam os da Índia; deste país vieram representantes de muitas raças, mas os primeiros pertenciam ao tipo Misore e entraram em maior quantidade em 1893. O catálogo da famosa firma Hagenbeck preconizava este tipo, fato que explica terem existido, nas zonas de Valença e Vasouras, pequenos núcleos daquelas raças. Mais tarde, chegam da Índia algumas partidas de reprodutores Ongole e Kankrej, os quais por serem comuns nas regiões de Nelore e Guzerá, passariam a ser conhecidos em nosso meio sob essas denominações. Parece que o Gir somente entrou no século atual. O conhecido zootecnista e criador DURVAL GARCIA DE MENEZES afirma que o primeiro exemplar dessa raça chegou ao Brasil em 1906, baseando a informação em pesquisa que efetuou quando pertencia ao quadro do Ministério da Agricultura. Outros vieram em 1907, mas foi depois de 1919 que o Gir passou a figurar em maior proporção nos lotes importados, tendo atingido o máximo no ano de 1930, quando, dos 192 animais desembarcados, dois terços pertenciam a esse grupamento étnico, sendo o restante constituído de reprodutores Nelore e Guzerá.

No passado, não se sabendo distinguir bem as raças, usava-se a denominação genérica de zebu para qualquer animal que apresentasse as características peculiares ao gado dos trópicos. Desconheciam muitos dos criadores do fim do século, não só as particularidades das raças indianas, como encontravam mesmo dificuldade em diferenciá-las, os indivíduos puros dos mestiços de terceira ou quarta geração. Essa situação perdurou por muito tempo em vários centros de criação, excluídos, naturalmente, os de certas regiões fluminenses e o Triângulo Mineiro, mais familiarizados com o BOS INDICUS. A confusão reinante abrangia, além das características raciais, as próprias denominações desses grupamentos. Por isso, ao serem feitas as inscrições para as exposições, muitos fazendeiros declaravam simplesmente serem zebus os produtos que criavam. Examinando o catálogo do certame nacional realizado em São Paulo, em 1935, fomos encontrar relação de animais inscritos como sendo "raça zebu" e que foram julgados e premiados nessa categoria... Outros reprodutores estavam classificados como de raça Katliawar, designação que esteve muito em voga após a importação de 1930. Diversos pecuaristas costumavam anunciar, antigamente, em revistas dedicadas à vida agrícola, a venda de zebuínos, omitindo a denominação, adequada ao gado; se agiam desse modo, era porque a maioria dos criadores não conhecia ou não se importava com a questão da raça.

Chegados ao Brasil, os zebus eram encaminhados para as fazendas onde se multiplicaram, tanto pela reprodução natural, dentro dos núcleos primitivos, como pelo cruzamento contínuo, absorvente, de touros indianos com as vacas crioulas, fato que determinou o "azebuamento" progressivo de muitos rebanhos. Nessa fase não se cuidava de seleção ou melhoramento do gado e, dado o reduzido número de animais puros, principalmente de importados, não se compreendia a eliminação de qualquer indivíduo. Aliás, naquela época, eram raros os criadores entregues ao trabalho de aprimoramento do gado; outros, nem sequer sabiam o nome da raça dos bovinos existentes em suas propriedades.

Foi principalmente depois de 1900, com a ida dos criadores mineiros à Índia, que estes ficaram conhecendo as características e os nomes de algumas raças; conseqüentemente, as levas que aportavam ao Rio em Santos, já traziam as denominações próprias e, nos negócios entabulados entre importadores e compradores, começava-se a fazer menção aos nomes das diversas raças.

SURGE O INDUBRASIL

Criadores atilados notaram que o cruzamento entre zebus de raças diferentes acentuava certos caracteres, tais como orelhas longas,

ANDRÉ WEISS

barbelas e umbigos desenvolvidos e cupins volumosos, predados que impressionavam logo à primeira vista e constituíam os elementos diferenciais, com relação ao BOS TAURUS. Os compradores davam preferência aos animais nessas condições, pois, assim procedendo, tinham certeza de estar escolhendo puros zebus, evitando a aquisição de mestiços. Verificaram também que a mestiçagem entre as raças zebuínas dava origem a produtos mais precoces, e de melhor desenvolvimento, que alcançavam maior peso quando adultos. Surgiu um novo tipo em que se destacavam os exemplares de cernelhas enormes, de perfil moderadamente convexo, meio termo entre o do Gir e o do Guzerá, que predominavam nos centros de criação do Triângulo Mineiro; muito menor foi a participação do Nelore nesses cruzamentos. Aos novos produtos, de pelagem frequentemente branca ou cinzenta, outras vezes amarela, chegando até ao vermelho, apresentando-se uniforme ou ligeiramente manchada, seria dado o nome de Induberaba, mas recebida de outros criadores a denominação de Indubrasil, que mais tarde veio a ser consagrada e reconhecida oficialmente. Durante muito tempo, enquanto prevaleceu a idéia de que o Zebu devia ser sempre cruzado, a maioria dos criadores dirigiu seus trabalhos no sentido da formação da nova raça. Poucos, muito poucos, foram os criadores que se mantiveram à margem dos cruzamentos.

Ainda com referência ao Indubrasil, há um detalhe interessante que é oportuno mencionar: a análise de fotografias de animais importados, existentes em nosso arquivo, dá-nos a convicção de que nos lotes trazidos da Ásia vieram também alguns desses produtos cruzados; este fato não deve causar estranheza, porquanto em algumas zonas da Índia convivem as raças Guzerá e Gir.

Todos os fatos apontados constituíam obstáculos à conservação de relativo estado de pureza, dos primitivos núcleos das diversas raças zebuínas introduzidas no Brasil. Nessas condições desapareceram alguns planteis como, por exemplo, o do Comendador Domingos Teodoro de Azevedo, formado de zebus de Misore, cuja existência na zona de Valença é relatada por TRAVASSOS.

RAÇAS QUE NÃO SUBSISTIRAM

Na voragem dos cruzamentos, acidentais ou intencionais, desapareceram os representantes de diversas raças e variedades importadas, como a Hissar e a Nagori, a Malvi e a Tharparkar, a Mehwati, a Sindhi e as do tipo Misore.

Até as raças Nelore e Guzerá, introduzidas em diversas épocas, e em contingentes apreciáveis, estiveram ameaçadas de desaparecimento, em virtude dos cruzamentos para a formação do Indubrasil e, mais tarde, com a corrida para o gado Gir, conseqüente a sua extraordinária valorização. Salvou-as a dedicação de homens como um Pedro Marques Nunes, ou um João de Abreu Jr., partidários incondicionais e abnegados das duas grandes raças.

Recorde-se que em 1934, na Exposição de Uberaba, 84 por cento dos exemplares expostos podiam ser considerados do tipo Indubrasil ou simples produtos cruzados; apenas 3 por cento pertenciam a uma das raças puras, no caso a Gir. Contudo, a situação foi se modificando gradualmente e no certame de 1940, apenas 35 por cento das inscrições correspondiam ao Indubrasil e aos mestiços, ao passo que pertenciam às demais raças 65 por cento dos reprodutores.

Por não ter sido muito numeroso o contingente entrado, seguido mais tarde de grandes levas das outras raças, com as quais foram cruzadas, ou porque a preferência dos criadores tenha se voltado para os outros tipos, o certo é que algumas raças não chegaram a constituir novos grupamentos étnicos, desaparecendo seus representantes no meio da crescente população zebuína. Todavia, ainda hoje repontam em muitos rebanhos exemplares que se enquadram perfeitamente no padrão das raças desaparecidas ou, o que é mais exato, absorvidas ou assimiladas, no decorrer dos anos, pela população zebuína em constante evolução, como é a nossa. Podem ser citados exemplos. Em 1943, integrando a comissão de Registro Genealógico, tivemos oportunidade de examinar, nos arredores de São Paulo, dois reprodutores apresentados como Nelore, sendo que a um foi negada inscrição, desde que o classificáramos como sendo de raça Gaolao, variedade incluída no mesmo grupo básico do Nelore. No entanto, desconhece-se a introdução de animais da referida raça, no Brasil. Haveria a possibilidade de tratar-se de um recessivo, conseqüente de cruzamentos havidos ainda na Índia ou, o que é mais provável, de ser um descendente direto de representantes daquela raça, cuja entrada teria permanecido ignorada.

OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL

Da introdução de diversas raças tem-se conhecimento através de narrativas dos importadores, notícias de jornais e revistas da época ou observações de técnicos ou estudiosos.

HISSAR E NAGORI

Tanto a raça Hissar (também chamada Hansi ou Hissar-Hansi) como a Nagori, estão incluídas no segundo tipo básico indiano, cuja raça tronco é a Ongole, motivo pelo qual são citadas juntamente.

Diversos autores, que se interessaram pelo gado de cupim nos primeiros tempos de sua exploração, falam na entrada de representantes da raça Hissar, como integrantes de lotes de gado importado.

TEÓFILO DE GODOY, ao anunciar sua expedição à Índia, em 1966, se propõe a trazer animais Hansi, além dos indispensáveis Nelore e Guzerá. No ano seguinte, Angelo Costa desembarcou com os animais da segunda partida de gado indiano, em Julho de 1907, dois exemplares de raça Nagori.

Nos anais da Primeira Conferência Nacional de Pecuária, realizada em 1917, ANTONIO DA SILVA NEVES, técnico do Ministério da Agricultura, cita como importadas as raças Nilo, Gir, Hissar e, naturalmente, a Nelore e a Guzerá.

Em sua fazenda de Avanhandava, MOACIR DE MELO AZEVEDO nos contou ter trazido da terra de Gandhi, em 1920, diversos exemplares da Hissar. Note-se que os técnicos indianos consideram em vias de desaparecimento, em virtude do abandono dos trabalhos da HISSAR FARM, que passou a selecionar a raça Harijana. Admite-se que aquela raça venha ser do absorvida pelas outras do grupo, sobretudo pela Ongole, com a qual muito se assemelha; fato idêntico ao que ocorreu entre nós.

Quanto à Nagori, há uma referência muito antiga, por parte de um importador: no lote trazido em 1907, na segunda viagem efetuada por Angelo Costa, vieram, como já foi dito, exemplares mestiços das raças Nelore e Guzerá, sendo que um dos reprodutores fôra formalmente identificado como Nagori.

MALVI E THARPARKAR

O gado Malvi é muito parecido com o Kankrej; os chifres, embora em lira, se apresentam mais inclinados para a frente, sendo também mais finos; a pelagem varia entre a cinzenta e a quase negra, principalmente nos machos adultos. Essas raças estão muito mescladas e há evidência de terem sido introduzidas simultaneamente, pois se percebe que o gado Malvi contribuiu bastante para a formação do nosso Guzerá.

Outra raça do mesmo tipo básico, cuja entrada não pode mais ser objeto de dúvida, é a Tharparkar. Estes zebuínos são também parecidos com os Kankrej, diferindo um pouco quanto ao perfil craneano que é plano ou subcôncavo nesta última raça, enquanto na Tharparkar é ligeiramente convexo. A semelhança ocorre na pelagem e, sobretudo, no tamanho, forma e posição da orelha, o que motiva a confusão reinante entre os criadores, muitas vezes incapazes de distingui-las. A essa raça devemos, provavelmente, as qualidades leiteiras do Guzerá. É interessante observar que muitas das boas vacas de leite de nossas fazendas apresentam perfil ligeiramente convexo, embora no aspecto geral sejam consideradas dentro do tipo Guzerá. Infelizmente, indivíduos nestas condições são postos à margem do Registro Genealógico, porquanto o seu perfil e a forma dos chifres — detalhes sem importância econômica — os afastam do padrão estabelecido para o Guzerá. Em conseqüência, estamos perdendo um material genético de valor inestimável que, convenientemente apartado, talvez permitisse a formação de mais uma raça ou variedade zebuína, reconhecida leiteira.

Parece-nos lícito considerar o Guzerá brasileiro como produto do caldeamento das três raças: Kankrej, Malvi e Tharparkar; por efeito da seleção, a primeira raça tende a predominar cada vez mais.

MEHWATI

A raça Mehwati apresenta certa semelhança com o nosso Indubrasil. É, por definição, derivada da mestiçagem entre os gados Gir e Harijana, que pertence ao grupo do Nelore. Seria, por assim dizer, um Indubrasil "anelorado"; é a impressão que se tem ante o exame de ilustrações de trabalhos escritos na Índia. Nesta raça poderiam ser enquadrados alguns animais importados e que foram considerados na época, em vista do desconhecimento reinante, como mestiços idênticos aos já existentes no País.

ANDRÉ WEISS

DANGI E DEONI

São raças aparentadas com a Gir, ou mais exatamente, devidas a cruzamentos em que predominou o sangue daquela raça. Os importadores brasileiros que estiveram na Índia, dirigiram-se quase todos ao grande porto de Bombaim, uma das portas da grande nação e a mais ligada à história luso-brasileira, como capital que foi do antigo império de Portugal. Nessa região prevalecem as raças Dangi e Deoni, assim como são encontrados representantes da Gir, embora o centro desta última esteja situado mais para o norte, na península de Kathiawar e no Estado de Saurashtra. Os Dangi e os Deoni parecem-se notavelmente com certos mestiços Gir, portadores de perfil moderadamente convexo, orelhas de tamanho médio e pelagem manchada, peculiar ao terceiro grupo de gado da Índia. Muitos animais nessas condições vieram nos lotes trazidos pelos compradores brasileiros que não quiseram, ou não souberam, escolher no numeroso e heterogêneo rebanho indiano, os representantes mais puros da notável raça. No Brasil, os animais nessas condições, tidos como "agirados", foram incluídos nos rebanhos Gir, sofrendo o processo de cruzamento contínuo com touros mais puros, dando-se sua absorção pela raça melhor e mais estimada.

SINDHI

Nas regiões do norte da Índia, de onde veio o Gir, existe também um pouco de gado Sindhi, do qual chegaram em diferentes ocasiões, alguns exemplares, fatos devidamente registrados em nosas crônicas. Acredita-se ter sido, provavelmente Sindhi, o reprodutor recebido em 1850, pelo Visconde de Paraguaçu. Há ainda a citação do BARÃO DO PARANÁ, afirmando serem dessa raça os animais entrados entre 1854 e 1856, na Província fluminense.

TRAVASSOS, em 1906, referindo-se aos mesmos animais, descreve-os como sendo de pequeno porte, não excedendo a 1 metro e 30, no cupim, porém reforçados, especialmente as vacas, produtoras de excelente abundante leite.

TEÓFILO DE GODOY, em 1903 ficou conhecendo e soube apreciar esta raça, tanto que 3 anos mais tarde, se prontificou a importá-la juntamente com a Nelore, a Guzerá e a Hansi, conforme anunciou. Dentre os animais importados, por Ravisio Lemos e Manoel de Oliveira Prata, em 1930, BARISSON VILLARES identificou um reprodutor Sindhi, do qual conserva a fotografia. O gado Sindhi, da mesma forma que os Dangi e Deoni, todos pertencentes ao mesmo tipo básico da raça Gir, devem ter sido confundidos, no passado, com os representantes desta raça, motivo pelo qual não tardaram a desaparecer, absorvidos pela população Gir cada vez mais numerosa. Vinte e cinco anos depois do Sindhi de Ravisio Lemos, chegaram as 31 cabeças da importação do Instituto Agronômico do Norte. Os que tiveram oportunidade de examinar alguns desses exemplares, no Parque da Água Branca, compreendem perfeitamente a razão pela qual os antigos não tardaram a desaparecer.

RAÇAS DE MISORE

Atualmente não é possível precisar, dentre as variedades do tipo básico de Misore — Amrit Mahal, Hallikar, Kangayam e Khillari —, as trazidas para o Brasil. Antigamente empregava-se apenas a denominação genérica de "gado de Misore", não se mencionando o nome da variedade. Todavia, considerando a coexistência dessas raças no Estado de Misore, e principalmente o sistema de criação imperante na Índia, é de se supor que tenhamos recebido reprodutores de mais de uma dessas raças. Sabe-se da existência de pelo menos um plantel Misore, no Rio de Janeiro. Foi o que pertenceu ao

OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL

Comendador Domingos Teodoro de Azevedo, na região de Valença, e que foi visitado por TRAVASSOS, segundo nos informam suas "MONOGRAFIAS AGRÍCOLAS".

Relativamente à Khillari, encontramos uma referência: Angelo Costa trouxe, em sua primeira viagem à Índia, alguns reprodutores dessa raça, tendo desembarcado os referidos animais em Santos, de onde foram despachados para Uberaba, em Janeiro de 1907.

Em 1945, visitando um grande rebanho em Hermogênio Silva, no Estado do Rio, deparamos com fêmeas que correspondiam perfeitamente à descrição da raça Kangayam. Por outro lado, é fato frequente o aparecimento de indivíduos tidos como de raça Nelore, que no entanto denotam sangue de uma das variedades do Misore. A esses prontos, criadores e técnicos convencionaram chamar de "amisorados"; eram relativamente comuns nas exposições do passado. A Nelore é, em nossa opinião, a raça brasileira que recebeu a contribuição de um maior número de variedades indianas, naturalmente com acentuada predominância da Ongole. Recorde-se que até há alguns anos era hábito de alguns criadores proceder à descorna de seus animais. Ora, é sabido que os chifres constituem elementos de capital importância para o reconhecimento e classificação das raças de gado da Índia. Aquela medida permitia abranger sob o nome de Nelore a todo o zebu de pelagem branca ou cinzenta e portador de orelhas curtas, caracteres estes, comuns a diversas raças indianas. Justamente por esse motivo, o Registro Genealógico vedou, a partir de determinada época, a inscrição de animais descornados.

Ainda a respeito do Nelore, duas questões devem ser consideradas; primeiramente, deve-se lembrar que o Ongole é tido no país de origem como raça, de um modo geral, mansa e medianamente leiteira, ao contrário do que se verifica em nosso meio. Em segundo lugar, na Índia, o Misore nunca é explorado para a produção de leite, pois as vacas desta raça apresentam pouca aptidão leiteira; outra característica da raça é o temperamento nervoso, sendo frequentes os animais bravios.

RAÇAS INDIANA NO BRASIL

Em resumo, as raças zebuínas, provenientes da Índia, podem ser divididas em dois grupos; o primeiro, constituído das oficialmente existentes e o outro das introduzidas, mas que praticamente desapareceram, absorvidas no decorrer dos anos. São citadas apenas aquelas cuja entrada nos pareceu fora de dúvida e que tenha sido confirmada por referência de criadores e técnicos.

1 — EXISTENTES

GIR
GUZERÁ (KANKREJ)
NELORE (ONGOLE)
SINDHI (de introdução recente)
INDUBRASIL (formada no Brasil pelo cruzamento Gir x Guzerá)

2 — DESAPARECIDAS

HISSAR e NAGORI
MALVI e THARPARKAR
DANGI e DEONI
MEHWATI
SINDHI (introduzida no passado)
MISORE (dêste grupo, as raças Hallikar, Kangayam e Khillari)

A existência de cinco raças, pertencentes aos mais importantes tipos básicos indianos, que vêm sendo objeto de cuidadosa seleção, confere ao Brasil a condição de grande centro criador do BOS INDICUS e é futuro fornecedor de reprodutores melhorados para todos os países de clima tropical.

OS GRANDES REPRODUTORES INDIANOS NO BRASIL

ANDRÉ WEISS

REGISTRO CRONOLÓGICO DAS ENTRADAS DE GADO ZEBÚ, NO BRASIL

Ano	N.º de cabeças	HISTÓRICO	Ano	N.º de cabeças	HISTÓRICO
					reprodutores para sua criação e para os Borges, Pratas e Rodrigues da Cunha.
1813	2	Um casal de bovinos da costa do Malabar é deixado no porto do Salvador. Deu origem ao tipo nacional conhecido sob essa designação.	1910	620	Grandes levas desembarcam em Santos e Rio de Janeiro. Do total, 242 exemplares foram importados com auxílio do Ministério da Agricultura, para criadores de Uberaba, Araxá, Sacramento e Cachoeira, no Pará. Compras de Felipe Aché para o Governo e para a firma Alexandre, Campos e Cia., de Uberaba.
1822	(?)	Entram na Bahia os zebus que teriam dado origem ao tipo asiático nacional denominado Guadamar.	1911	93	Restante das compras do ano anterior, em parte devidas ao Ministério.
1826	(?)	Gado zebu africano é estabelecido por D. Pedro I na Fazenda Real de Santa Cruz.	1912	12	Dos animais importados, 6 se destinam a Minas e 3 vão para criadores bahianos.
1850	1	Reprodutor indiano, de raça ou origem Sindhi é recebido na Bahia pelo Visconde de Paraguaçu.	1913	264	Partida adquirida por Arnel de Miranda e Georges de Chirée. O número de animais importados consta da Estatística do Comércio Exterior.
1854-56	(?)	Casais Sindhi, vindos da Índia Portuguesa, são introduzidos na baixada fluminense.	1914	350	Contingente importado por criadores mineiros; Arnel de Miranda trouxe quase 360 cabeças, e João Martins Borges, aproximadamente 60.
1870	1	Data provável da importação de um touro Guzerá, para o Barão de Duas Barras.	1915-16	205	Chegam ao Brasil os reprodutores comprados por Celso Rosa (91 exemplares) e Adelino Pau'a Leite (114).
1873	1	Navio inglês, com a tripulação revoltada, aporta ao Recife, onde deixa um touro, provavelmente Misore.	1917-18	248	Trazem gado do Oriente, Arnel de Miranda e seus companheiros Josias Ferreira de Moraes e Quirino Pucci.
1875	2	Casal de zebus chega ao Rio, vindo do Jardim Zoológico de Londres, para Acácio Américo de Azevedo.	1919	944	Compras de Militino Pinto de Carvalho (72 cabeças); Josias Ferreira de Moraes e Antônio Costa; Pedro Santérre Guimarães e Manoel Alves Caldeira Junior. Regressam da Índia, Virmondes Martins Borges e Otaviano Borges Junior, que, em diversas partidas, trazem 460 reprodutores indianos.
1878	(?)	Lote de reprodutores Nelore é enviado pela firma Hagenbeck, para Manoel Ubelhart Lemgruber, de Sapucaia.	1920	1.904	Grandes levas de numerosos criadores, desembarcando em Santos 1.006 animais e 898 no Rio. Compras de Gabriel Bernardes; Pedro Santérre e Manoel A. Caldeira; Manoel de Oliveira Prata e Adroaldo Cunha Campos; Ranulfo Borges do Nascimento, Ismael Machado, Luís de Oliveira Vale, Godofredo Nascimento, Armando Veloso, Luiprant Prata, Isidório Pereira e Alvaro Rocha.
1880	(?)	Chega ao Rio o segundo lote Nelore, de M. U. Lemgruber. Acácio A. Azevedo traz da Inglaterra 1 novilha, para o Barão do Paraná.	1921	171	Chegam os três últimos lotes das compras do ano anterior, inclusive os de Moacir Azevedo e Manoel Alves Caldeira Jr.
1881	1	Touro Guzerá, vindo diretamente da Índia para A. A. de Azevedo.	1930	192	Manoel de Oliveira Prata e Ravisio Lemos conseguem licença para trazerem gado da Índia. Desembarque e três meses de quarentena na Ilha do Governador.
1882	2	Um casal de raça Nelore, destinado à Inglaterra, é desembarcado e vendido em Salvador.	1939	4	Chegam a Santos dois casais de bovinos Afr'cander, importados por Orlando de Almeida Prado e adquiridos pelo Conde Francisco Matarazzo Jr.
1883	(?)	Desembarca no Rio o terceiro lote encomendado à Hagenbeck, por Manoel Ubelhart Lemgruber.	1940	1	Reprodutor zebu Americano, proveniente do Rancho Hudgins, de Hungerford, Texas, é recebido pelo criador Sergio da Rocha Miranda, de Itai.
1887	(?)	Alguns reprodutores são importados por Antônio Lutterbach, para a Faz. Santo Antônio, no Carmo.	1952	2	Vindos dos Estados Unidos, chegam a São Paulo, para a Faculdade de Medicina Veterinária, dois farrôtes mestiços Red Sindhi.
1891	1	Reprodutor zebu, da Ilha de Madagascar, é enviado por H. G. Saint-Hilaire, para Domingos T. Azevedo.	1952	31	Vencendo grandes dificuldades, o agrônomo Fel'sberto de Camargo, Diretor do Instituto Agrônomico do Norte, traz do Paquistão um lote Red Sindhi. Desembarque e quarentena na Ilha Fernando de Noronha.
1890-95	200	Duas centenas de reprodutores, inclusive muitos Misore, são importados pela Hagenbeck, para criadores fluminenses.			* * *
1898	8	Primeira viagem de Teófilo de Godoy à Índia, de onde traz 6 touros e 2 vacas, para criadores de Uberaba.			Nossas pesquisas permitiram determinar a entrada, entre 1813 e 1952, de 5.717 zebuinos, provenientes, em sua quase totalidade, da própria Índia. Apesar do reduzido número de reprodutores importados, comparativamente ao das raças européias, o boi de giba se multiplicou em nossos campos e hoje, cerca de 70 por cento do rebanho bovino do Brasil Central apresenta, em maior ou menor grau, o seu sangue. Este fato dispensa maiores comentários e constitui o melhor argumento a favor do gado de origem indiana.
1904	17	Teófilo de Godoy desembarca em Santos com um lote de 15 animais, para sua criação, em Araguari. Um casal de Nelore, chega de Madras, por iniciativa de J. C. Travassos, para um criador de Passos.			
1905	2	Outro casal, de mesma origem, é importado para a Usino Capimirim, do Com. Manoel S. Machado, na Bahia.			
1900-05	(?)	Pequenos lotes são importados pelas casas Crashey, Arens e Hopkins, para criadores fluminenses.			
1906	150	Ângelo Costa traz 49 cabeças para José Caetano Borges. Aquisições da Casa Arens, a firma Borges & Irmãos, e de outras firmas importadoras.			
1907	88	Ângelo e Antônio Costa importam 64 cabeças, enquanto Alberto Parton traz provavelmente 24 reprodutores; este perde em viagem 36 animais.			
1908-09	200	Compras estimuladas pelo Governo mineiro, intermédio de casas importadoras. Alaôr Prata traz			

Desmame precoce

*Carlos S. Gottschall

A produção pecuária de bovinos de corte no Brasil vem sofrendo grandes mudanças. Atualmente, o Brasil apresenta o maior rebanho comercial do mundo (150 milhões de cabeças). Em Estados da região Centro-Oeste o crescimento pecuário ainda pode ser atingido por aumento de áreas de pastagens (a região apresenta área potencial para abrigar 400 milhões de cabeças bovinas). Entretanto, na região Sul o aumento de produtividade será resultado de modelos de produção dinâmicos e empresariais, e não simplesmente através da incorporação de novas áreas ou fronteiras agrícolas.

Os modelos de produção dinâmicos e empresariais incorporam tecnologia e processos intensivos de produção. A intensificação passa obrigatoriamente por mudanças de valores e procedimentos no sentido de busca de maior eficiência e competência, devendo haver uma modificação entre a relação dos fatores primários de produção (terra, capital e trabalho) e valorização de outro fator de produção, e talvez mais importante na atualidade, a **administração**.

A técnica de desmame precoce é apenas uma ferramenta de manejo, incorporada ao sistema produtivo. A técnica é relativamente simples, entretanto, os produtores e técnicos necessitam visualizar a atividade de forma sistêmica, e compreender que a técnica trará modificações estruturais ao sistema produtivo, provocando mudanças nas relações terra-capital-trabalho e agregar o fator **administração**.

Quando incorporamos o fator administração ao processo produtivo, antes da execução de qualquer tarefa, passamos a questionar e planejar. Definimos com clareza os nossos objetivos. Por que fazer? Como fazer? Pois se houver desconhecimento técnico, falta de clareza nos objetivos e erros de execução da técnica podem ocorrer frustrações dos produtores e descrédito de técnicas de manejo utilíssimas. Muitas vezes, alguns produtores mostram-se descontentes com os resultados da aplicação de práticas de manejo, pois pretendem que apenas uma técnica corrija todo o mau manejo do rebanho. Todos estas "surpresas" desagradáveis podem ser evitadas quando a atividade passa a ser gerenciada com a conjugação dos fatores administração e conhecimento técnico.

A primeira grande pergunta deve ser: por que o desmame precoce?

Devemos analisar os efeitos sobre a vaca e o terneiro. Ao desmamar estamos suprimindo a lactação da vaca, e, em consequência, baixando seus requerimentos nutricionais. A vaca com menores necessidades de manutenção e sem o desgaste lactacional recupera peso e condição corporal, reiniciando rapidamente a atividade sexual. O terneiro muda rapidamente de dieta e esta mudança deve ser acompanhada de uma mudança de trato digestivo (monogástrico para ruminante). Devemos conhecer fisiologia e nutrição animal para não retardar o seu desenvolvimento.

Portanto, a prática de desmame precoce deve ser utilizada, após planejamento, para aumentar a prenhez do rebanho, geralmente em categorias problema tais como: vacas de primeira cria, vacas cola de parição e vacas em má condição corporal.

No quadro abaixo são descritos indicadores médios comparando o processo de desmame precoce ao desmame convencional (sete meses - abril/maio), obtidos por intermédio de experiência pessoal e literatura.

Através da observação cuidadosa do quadro acima podemos definir a técnica de desmame precoce como uma estratégia de manejo auxiliar para o alcance de maior produtividade animal. Entretanto, para tal, produtores e veterinários devem possuir domínio tecnológico que permitam a maximização de

Quadro 1 - Comparação entre resultados de desmame convencional e desmame precoce

Indicador	Desmame convencional Média (variação)	Desmame precoce Média (variação)
Índice repetição prenhez de vacas com cria ao pé	30% (0%-100%)	88% (38-100%)
Ganho médio diário dos terneiros Kg/dia	0,68 (0,6-0,8)	0,55 (0,3-0,85)
Mortalidade de terneiros	< 1% (0 - 8%)	< 1% (0 - 30%)
Custo adicional devido à suplementação dos terneiros	-	(10 a 40 R\$)

programas e oportunidades de manejo para a obtenção de resultados favoráveis. Quando a tecnologia é totalmente dominada e as condições são planejadas previamente, esta ferramenta de manejo permite um incremento de quase 60 pontos percentuais no índice de repetição de prenhez, sem causar prejuízos para os terneiros com um grande retorno sobre o capital investido por animal desmamado. Entretanto, se a técnica for apregoada de maneira incorreta, e pontos fundamentais forem esquecidos (pacote tecnológico básico), a técnica pode levar a um grande prejuízo econômico devido a um pequeno aumento no índice de repetição de prenhez, aumento da mortalidade e baixo desenvolvimento dos terneiros, além de custo alimentar extra, sem a resposta esperada.

A propósito, já está na hora de começar a planejar a utilização da técnica para a próxima temporada.

RESUMO

A técnica de desmame precoce é factível de ser aplicada, existindo muita experiência no tema. Porém, deve-se levar em consideração:

- 1- A técnica de desmame precoce não substitui o pacote tecnológico básico para a produção pecuária de corte. Esta tecnologia é posterior e serve para potencializar esse pacote básico, que sem o mesmo pode fracassar;
- 2- Os resultados são muito bons quando a técnica é aplicada corretamente;
- 3- Os objetivos têm de ser claros antes da aplicação da técnica;
- 4- A técnica apresenta um custo elevado por animal;
- 5- Aplicada indiscriminadamente, pode ocasionar prejuízos econômicos;
- 6- Bem-aplicada, pode ser muito lucrativa em função da maior produtividade alcançada;
- 7- Necessita de assessoramento em sanidade e nutrição animal;
- 8- O êxito ou o fracasso depende em grande parte do pessoal que executa, devendo, portanto, serem pessoas capacitadas e motivadas para a execução.

*Carlos S. Gottschall é médico veterinário - MSc., professor da Universidade Luterana do Brasil e consultor técnico. (Fone 51-9969-3134). e-mail gots@fundatec.com.br

Indubrasil, número diminui qualidade aumenta

Maria das Graças Salvador

A Associação Brasileira dos Criadores da Raça Indubrasil, desde maio de 2001, tem um novo presidente: Paulo Sérgio de Ávila Lemos. Lemos já presidiu a associação em outras oportunidades e voltou com o objetivo de estimular o criador e dar novo rumo ao criatório da raça no país.

Falando sobre o Indubrasil, Paulo Lemos afirma que todas as raças têm seus altos e baixos, dependendo da época, do mercado e principalmente do incentivo dos criadores. "Quando os criadores participam de eventos da raça, apóiam todas as atividades e cuida bem do gado e do rebanho tudo vai bem. No Brasil, tudo tem seu lugar, não existe isto de falar que esta ou aquela raça não presta. O que acontece e que, às vezes, os criadores ficam retraídos por um motivo ou outro e aí a raça fica escondida, principalmente no Brasil, que é um país muito grande. Se uma raça some das exposições pensa-se que ela acabou, mas não, ela está na fazenda, conta. Segundo o presidente, atualmente as pessoas que estão criando e selecionando o Indubrasil é porque gostam da raça.

Paulo Sérgio esteve visitando algumas fazendas em julho do ano passado, buscando incentivar os criadores do Indubrasil. As visitas foram realizadas em Sergipe e Bahia, juntamente com o presidente do Núcleo dos Criadores da Bahia e Sergipe,

A raça Indubrasil diminuiu o número de animais, porém o melhoramento genético aumentou, precisando apenas de estímulo para melhorar ainda mais

Eliezer de Caroso Filho, "um rapaz novo, entusiasmado e atuante e que tem gado bom, inclusive a vaca Deusa, que foi campeã em Salvador. O núcleo era só de Sergipe, mas fundiu com o da Bahia e colocaram como presidente um baiano, que é o Eliezer", afirma Lemos. A união dos dois núcleos foi muito boa, porque deu um ânimo aos criadores.

Segundo Lemos, atualmente no Brasil

são poucos os criadores da raça Indubrasil: em torno de 70. Porém, se a quantidade diminuiu, a qualidade aumentou. "Todos os criadores melhoraram a qualidade de seus animais, que estão corrigindo os defeitos da raça."

Para o criador, ocorreu uma diminuição do gado por falta de entusiasmo com a comercialização, e não com a raça. Este fator fez com que o gado ficasse mais selecionado, aperfeiçoando a qualidade do rebanho. Hoje, comemora o presidente da Indubrasil, os animais estão melhores, principalmente as fêmeas. Ele considera que para o reprodutor é mais difícil, já que seu aperfeiçoamento é mais demorado. Porém, afirma que os criadores estão trabalhando seu próprio rebanho, apesar de não estar acontecendo transferência genética, e o animal não fica tão consanguíneo. "Quando há transferência aparece touro bom, além de se ter de trabalhar o touro desde quando ele é novo", ressalta.

Paulo Lemos diz que atualmente não existem animais da raça Indubrasil em centrais de inseminação artificial, principalmente porque o touro tem de ser cuidado e tratado desde novo para estar pesando mais de mil quilos, sendo, portanto, um animal pesado e bonito.

Roberto Fontes De Góes (Sergipe), Paulo Lemos e Djenal Tavares



Exportação

Há dez anos foram feitas muitas exportações para a Tailândia, quando a Associação do Indubrasil comercializou entre quatro a cinco mil cabeças só de Indubrasil e com preços ótimos: a média era cinco mil dólares. “Chegamos a exportar um touro por US\$ 120 mil, que é o Capitão. Chegando no aeroporto ele foi vendido por US\$ 300 mil, ficando o então comprador com um botijão de sêmen. Outro reprodutor também foi bem vendido, por 40 mil dólares”, conta.

De acordo com o criador, através destas exportações, os criadores entusiasmaram e ganharam muito dinheiro e, ao mesmo tempo, as exportações não foram mais realizadas. Porém, ao invés de investir os criadores ficaram retraídos. Os

produtores que permaneceram criando o Indubrasil cuidam bem da raça, entretanto só colocavam os animais em pasto.

Sangue novo

Desde que retornou à associação, Paulo Lemos envia cartas todo mês para os criadores da raça incentivando-os, estimulando-os a participar mais das exposições, e buscando maior integração no segmento. O presidente afirma que este entrosamento é muito importante, principalmente porque a maioria dos criadores do Indubrasil está no Nordeste. Sergipe e Bahia têm a maior parte – com 80% do criatório nacional –, além de Pernambuco, Goiás, São Paulo. Com o novo trabalho, a associação busca impulsionar o melhoramento genético da raça, incentivando os criadores a ter mais motivação. Durante a 68ª Exposição Internacional de Gado

Luis Humberto de Martino Borges recebendo prêmio do saudoso Oviedo Teixeira – um dos grandes criadores da raça – na Exposição de Uberaba 2000



Elieser Caroso, Francisco Alves, Djenal Tavares (Sergipe), com seu pai e irmão, e Paulo Sérgio Lemos



Paulo Sergio Lemos, Elieser Caroso Filho e seu pai Elieser

Zebu, Paulo Lemos espera que os criadores compareçam para fazerem uma bela festa, pois sabe que em termos de Zebu é onde reúnem os melhores animais.

A raça

O Indubrasil é o zebuino de raça pesada, informa Paulo Lemos. “Quando eu era presidente, em minha outra gestão, em 1986, durante a exposição de Uberaba, fiz a média das raças que participaram da feira, categoria por categoria, de 2 em 2 meses, ou seja, 8 a 10 meses, 10 a 12 meses e a Indubrasil ganhou em quase todas: se não foi em primeiro lugar ficou em 2º. Se fizermos isto hoje não conseguiremos mais esta média, porque a raça Nelore está sendo muito bem trabalhada genética e tecnicamente, além da alimentação. A raça nelore cresceu e desenvolveu muito. Hoje nem tem como comparar, mesmo porque atualmen-

te temos poucos animais da raça Indubrasil”, lembra o pecuarista.

De acordo com ele, os maiores criadores de Indubrasil estão na América Central, como Costa Rica e México, que têm um criatório maior que o nosso. Depois da raça Brahman é a segunda raça destes países. Paulo Lemos ressalta, porém, que apesar dos maiores criadores estarem no México, na parte genética e hereditária o Brasil ainda tem mais qualidade. “Lá no México os animais são bons e bonitos, mas não acompanham a qualidade. Aqui no Brasil a tendência de nossos animais é de ser igual ou melhor ao reprodutor, o que não acontece lá fora”, acrescenta.

Perspectiva da raça

O Indubrasil serve para três coisas: “primeiro para a alegria do criador, segundo para o cruzamento com o holandês – para dar o Indolando, que é excelente para o leite, pois são excelentes produtores –, e terceiro

para cruzamento para o corte, que é o cruzamento com vacas Nelore, Gir e Guzerá. Inclusive temos um trabalho feito em Rondonópolis, que a gente divulga muito, que consegue bons resultados. Fizemos o cruzamento do Indubrasil com o Nelore e do Nelore com o Nelore, e a diferença foi de 2,5 arrobas a mais no abate para o cruzamento do Indubrasil. Se o criador quisesse abater seis meses antes, quer dizer, o novilho precoce, que tem de ter 15 arrobas, ele ia abater 90% deste meio sangue

com raças zebuínas aneladas e azebuadas, a exemplo do que é realizado na Bahia.

Outro fator verificado pelo presidente Paulo Lemos é a falta de co-

Fotos: Divulgação



Elieser Caroso (Ibicuí) e Marco Antônio Torres Cordeiro (Almenara)

A Guzerá – mostra - está sendo trabalhada há vários anos e passa por grande ascensão. “É uma raça que está muito estimulada e que estava muito esquecida. Por isto digo que é preciso marketing. A raça que está chegando agora no Brasil é a Brahman, e já ocupa o seu espaço. Então você tem dois parâmetros. A raça Guzerá, que veio da Índia há muitos anos, e a Brahman, que chegou agora. Todas as duas estão abrindo espaço. Tem lugar para todos, é só trabalhar. Eu acho que é muito importante o marketing. Porém, na raça Indubrasil, hoje, temos pouco material, porque o trabalho que fiz de ganho de peso é de dez anos atrás.

Devemos fazer um trabalho de marketing para mostrar a importância da raça, além das realizações, união, cooperação e incentivo aos criadores”, finaliza. 🐄



Paulo Lemos, Eduardo Viana Freire (Sergipe), Roberto Fontes De Góes, Djenal Tavares Queiroz Neto e Elieser Caroso

(Indubrasil com Nelore), e apenas 40% do Nelore puro. Deste cruzamento ganha-se 2,5 arrobas a mais, e é uma coisa muito boa, pois continua sendo o Zebu, o que é muito importante para o nosso clima”.

Ao contrário do gado europeu, onde o cruzamento é feito só para o abate, no cruzamento entre o Indubrasil e o Nelore, afirma o presidente, pode-se usar as fêmeas para fazer novos cruzamentos com o Nelore e continua sendo o Zebu, não precisando abater as fêmeas, só os machos. E isto é mais uma qualidade. Sem dizer que o manejo do Zebu em nosso clima é muito mais fácil e rentável do que o cruzamento de europeu com o Zebu.

Estas vantagens estão sendo mostradas para os criadores, pois na parte comercial não existe só o negócio de um criador comprando um bezerro do outro. Observa-se a evolução, vende-se para o produtor de bezerros de corte, para fazer cruzamento



Elieser, José Tavares Dantas (Bahia), Roberto e Paulo Lemos

comunicação com a ABCZ. Ele afirma que este é um trabalho importante e que deve ser observado, senão o criador praticamente sai do movimento da associação, deixa de receber cartas, enfim, afasta-se do meio e desanima. Como exemplo, Paulo Lemos cita um produtor em Itapetinga, que tem 500 vacas Indubrasil puras, e ele, com pouco entusiasmo, não registrou na ABCZ. “Este é um trabalho que ainda pode aproveitar, não todos, mas pode-se começar registrando em livro aberto”, informa. E na raça existem muitos produtores que estão do mesmo modo.

Afirmando que toda raça é boa, Paulo Lemos toma como parâmetro duas delas: a Guzerá e a Brahman.



Eduardo Viana Freire e Elieser

Executivo da Pagliosa - A1500

Data de nascimento: 15/08/1997
Pai: Bamba das Lontras - A0356
Mãe: Sarita da Pagliosa - A2604
Peso: 700 Kg
Não participou de exposições



Balanço

do Douradinho - A1414

Data de nascimento: 22/08/1998
Pai: Pajé do I.Z. - A0990
Mãe: Ducha da S.C. de Minas - A7905
Peso: 958 Kg
2º Prêmio e Reservado Campeão
Exposição Nacional - Goiânia 2000
Campeão Santa Vitória 2000
Campeão Ituiutaba 2000
Campeão Itumbiara 2000
3º Prêmio Feapam 2000
Campeão Touro Jovem e Reservado
Grande Campeão Tupaciguara 2001
1º Prêmio e 3º Campeão Feapam 2001
Campeão e Reservado Grande
Campeão Camaru 2001

Caneta TE do Douradinho - A1200

Data de nascimento: 13/02/1999
Pai: General do Recreio - A5870
Mãe: Alali da São Francisco - 00800
Peso: 650 Kg
Grande Campeã-Goiás 2000
Campeã Novilha Maior-Goiás 2000
Campeã Vaca Jovem-Goiás 2001
Reservada Grande Campeã-Goiás 2001

Fazenda Douradinho

Prop.: Ilias Antônio de Oliveira
End.: Av. Rondon Pacheco, 1.137 - Bairro Lidice
CEP: 38400-242 - Uberlândia-MG
Fone: (34) 3214 0100
e-mail: douradinho@triang.com.br

Se você quer um craque na sua seleção,

ANTONIO GAUDÉRIO / BANCO DE DADOS FOLHA IMAGEM / DIREITOS CONCEDIDOS



você precisa de uma agência nativa do meio rural.



A NATIVA JÁ NASCEU NO CAMPO.

E driblando dentro da grande área.

Com esquema tático planejado e
qualidade técnica, busca sempre o
melhor ângulo para dar um chute
certo.

E fazer gols.

Gols para a pecuária.

Faça tabela com um craque: a

NATIVA tem os melhores lances

para você, criador.

Novidades e humanização são a tona da 68ª Expozebu

Muitas reformas, inaugurações e valorização do homem estão sendo programadas para a Expozebu deste ano, que espera cerca de 1.500 animais das raças brahman gir, gir mocha, guzerá, indubrasil, nelore, nelore mocha e tapapuã

O relatório do mês de fevereiro feito pelo Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) mostra que o volume de carne bovina *in natura* exportada no mês de janeiro deste ano foi 71,42% maior em relação ao montante embarcado no mesmo período em 2001 (em valores, o crescimento foi de 61,1%). Ou seja, no primeiro mês do ano, o Brasil exportou 30 mil toneladas de carne bovina *in natura* - contra 17,5 mil toneladas em janeiro de 2001. No tocante à carne bovina industrializada o aumento foi de 8,49%, saltando de 10,6 mil toneladas em janeiro de 2001 para 11,5 mil toneladas no mesmo período deste ano.

E é neste mercado otimista para a pecuária brasileira que acontece a 68ª Exposição Internacional de Gado Zebu. As exportações de carne bovina em 2001 registraram um cresci-

mento de quase 50% no montante de vendas do produto para o exterior, em relação ao ano de 2000. Esse é um cenário que se repete no início de 2002 e que projeta novas variações positivas.

Cerca de 1.500 animais das raças brahman, gir, gir mocha, guzerá, indubrasil, nelore, nelore mocha e tabapuã são esperados para a Expozebu 2002. O aumento desse volume é creditado ao bom momento em que vive a pecuária no cenário econômico nacional. A ABCZ mantém a expectativa de continuar recebendo a tradicional média de público de quase 400 mil pessoas. Para isso, montou uma linha de nove shows com artistas do primeiro time da música brasileira, além de apresentação de artistas regionais. Zezé de Camargo e Luciano, Jorge Aragão, Christian & Ralf, Marlon e Maicon, Skank, Bruno e Marrone, KLB, Alexandre Pires, a dupla Ronaldo e Rafael e grande show com Teodoro e Sampaio fazem parte da programação.

Novidades

Este ano a Expozebu apresentará muitas novidades. Um dos temas que norteará a feira será a implantação no

Brasil do sistema de identificação animal, ou a rastreabilidade. A identificação é uma exigência da União Européia para importar carne bovina brasileira a partir de 1º de julho deste ano. A ABCZ está pleiteando o credenciamento junto ao Mapa para se tornar uma certificadora do sistema e vem organizando uma ampla discussão em torno do assunto.

Uma iniciativa empreendedora na área de responsabilidade social que será adotada na Expozebu 2002, ainda inédita em feiras agropecuárias, promete iniciar um novo ciclo na organização de eventos do gênero em todo o país. Este ano, a ABCZ adotou a valorização do homem como o principal foco da exposição. O maior destaque é a estrutura montada para receber os profissionais que lidam com o gado durante a feira - uma das maiores reformulações já realizadas no Parque Fernando Costa. Os tratadores dos animais terão acomodação e estrutura especial diferente de tudo o que já foi oferecido até hoje em exposições agropecuárias no Brasil. De início, eles contarão com o novo Vestiário dos Tratadores, uma construção de 100 metros quadrados que dispõe de oito boxes com chuveiros, dez pias, sanitários, água quente e sala de espera com TV. Os tratadores, personagem importante



que acompanha, dia-a-dia, os animais em exposição, serão acomodados com dignidade e respeito.

Na área comercial, mais de cem empresas vão expor produtos de setores diferentes, em estandes montados no Parque Fernando Costa. Dentre as empresas que já garantiram presença estão as principais centrais de inseminação artificial do país (Caiado Fraga, Central de Genética, Jóia da Índia, Cia. Brasileira de Inseminação, Lagoa da Serra, Nova Índia, Pecplan ABS, Semex e VR), além de empresas da área de nutrição, materiais de limpeza, troncos e balanças, confecções, alimentação, insumos, veículos, metalurgia, e embriões.

Outra novidade da Expozebu será em relação ao Concurso Leiteiro, quando será inaugurado um novo pavilhão para a realização do torneio. A entidade, inclusive, adotou a iniciativa como uma espécie de "laboratório". No local, o sistema de fornecimento de água para os animais proporcionará um abastecimento contínuo e racional, ou seja, além de otimizar o trabalho dos tratadores,

evitará o desperdício do líquido. O sistema é uma espécie de self-service de água, com reposição automática que permite total assepsia na limpeza dos cochos. Dotado com mo-

Fotos: Arquivo



dernas instalações para tanques de expansão, área de pesagem de leite (sala em forma de aquário) e sala para conjunto de ordenha mecânica, o pavilhão do Concurso Leiteiro conta com espaço para 36 argolas. O local é munido também de área de lavanderia para assepsia da instrumentação utilizada pelos tratadores e de seis bezerreiros de cinco metros quadrados cada. A medida visa oferecer mais conforto tan-

to ao animal quanto ao tratador, que passam o tempo todo dentro do pavilhão durante os dias em que se realiza o torneio leiteiro.

A ABCZ espera atingir o mesmo movimento financeiro alcançado na Expozebu 2001, que registrou uma cifra de R\$ 50 milhões nos negócios dos 26 leilões, na venda de áreas, no



comércio interno e externo do Parque Fernando Costa e nos negócios paralelos ao evento. Este ano estão agendados 36 leilões, dos quais dois

Balanço expo 2001

Expozebu quebra recorde absoluto de venda de bovinos em exposições no Brasil e movimentou R\$ 50 milhões em negócios em 2001

A Expozebu 2001 superou todas as expectativas, batendo recordes históricos como o de animal mais caro e de vendas em leilões. Em 2001, a Expozebu contou com mais de 1.400 animais inscritos e movimentou aproximadamente R\$ 50 milhões em negócios. Os 26 leilões realizados durante a mostra venderam 1.705 animais e movimentaram o montante de R\$ 24.593.608,00. Trata-se do recorde absoluto de venda de bovinos em exposições no Brasil e quase o dobro do que a Expozebu faturou em 2000 (R\$ 12.506.648,00). No ano anterior, a receita dos leilões da feira já havia sido 83% maior do que em 1999.

O desempenho em vendas de animais durante a Expozebu não foi uma característica exclusiva de uma raça. É certo que o destaque ficou por conta do gado Nelore, mas todas as raças bovinas que realizaram

leilões tiveram elevação de faturamento em relação a 2000.

O maior destaque ficou por conta da novilha Essência TE da Guadalupe, do criador paulista Pedro Augusto Ribeiro Novis (Fazenda Guadalupe, Santo Antônio de Aracanguá/SP), comprada pelo também paulista Márcio Mesquita Serva (Marília/SP) por R\$ 840 mil, o mais alto preço já pago por um único bovino em todo o mundo. Além de Essência, o mesmo criador pagou R\$ 700 mil pela vaca Imbida da Soamin, propriedade do pecuarista Jonas Barcellos (Chácara Mata Velha, Uberaba/MG). Em 2001, o remate mais caro foi a vaca Amália da Santa Nice, uma fêmea Nelore de 43 meses, comprada pelo pecuarista Jairo Dias, de Araçatuba (SP), por R\$ 312 mil (US\$ 172,37).

As vacas Essência e Imbida dividiram as

atenções dos recordistas de preços da Expozebu com um jumento Pega. Chapadão MAAB, do criador de Uberaba Marco Antônio Andrade Barbosa, foi arrematado durante a exposição por R\$ 119 mil por Demetrius Martins Mesquita, de Brasília/DF. Foi o maior preço já pago por um jumento no país.

O 23º Concurso Leiteiro, teve como grandes campeãs as vacas Heresia Abide da Cal (Gir), do criador Gabriel Donato, com uma produção média de 40,97 quilos de leite, Garrafa da Cal (Gir mocha), com média de 40,49 quilos. Ela também é de propriedade de Gabriel Donato Andrade, assim como a grande campeã da raça Nelore, a Jaguará Coronel Col, com média de 26,72 quilos, a maior produção já registrada do Nelore, em 23 concursos leiteiros realizados.

são de equínos e um de jumentos.

Julgamentos

São as principais atrações da área técnica, a razão maior da realização da Expozebu, para a ABCZ, e o item que consolidou a exposição como a maior do mundo em raças zebuínas. Os julgamentos apontam os animais com maior funcionalidade, aqueles que demonstram melhor relação entre o ganho de peso e idade, além da

performance reprodutiva. Um prêmio na Expozebu representa a garantia de um animal rigorosamente testado na entrada da exposição, e, também, avaliado por alguns dos maiores especialistas em julgamento de raças zebuínas do Brasil. A exemplo do ano passado, todo o julgamento será informatizado.

Uma mostra com o tema "Os pioneiros na criação e seleção do Zebu" será a atração do Museu do Zebu. A inauguração da mostra está marcada



para as 20h, no dia 1º de maio. Também serão entregues o Mérito ABCZ Nacional e Internacional, que é a principal premiação da entidade para diversas personalidades que auxiliam para o engrandecimento da raça. 🏆

Leilões oficializados pela ABCZ para a Expozebu 2002

Neste ano estão programados 35 leilões oficializados pela ABCZ. Confira.

DATA	LEILÃO	HOR	LOCAL
28/04/02	1º Nelore Elite Terras de Kubera e Convidados	14h	Tattersal Leilopec
1º/05/02	11º Leilão Oficial Girolando	20h	Centro Eventos ABCZ
02/05/02	Leilão Poty VR (nelore padrão)	13h	Tattersal VR
02/05/02	Bezerro do Futuro - Haras Faz. Regina e Convid(Nelore)	18h	Tattersal Leilopec
02/05/02	8º Leilão Girolando 5 Estrelas	20h	Centro Eventos ABCZ
03/05/02	7º Leilão Embriões Nova Era VR/JO e Convidados	20h	Tattersal VR
03/05/02	16º Leilão Raça Gir e Convidados	20h	Centro Eventos ABCZ
04/05/02	Leilão Nelore Classe A	12h	Centro Eventos ABCZ
04/05/02	Think a Mite Ranch e Convidados (Equínos)	13h	Tattersal Leilopec
04/05/02	Leilão Elo de Raça (Nelore)	19h	Chácara Mata Velha
04/05/02	2º Leilão Girolando LE	20h	Centro Eventos ABCZ
04/05/02	9º Leilão Guzerá Brasil	12h	Tattersal Leilopec
05/05/02	32º Leilão VR (Nelore)	13h	Tattersal VR
05/05/02	1º Mega Baby de Nelore Mocho	13h	Centro Eventos ABCZ
05/05/02	Leilão Uberaba de Nelore Mocho	16h	Centro Eventos ABCZ
05/05/02	14º Leilão Noite do Nelore Nacional	20h	Casa do Folclore
05/05/02	25º Leilão Peso Pesado do Tabapuã	20h	Centro Eventos ABCZ
05/05/02	Leilão Corona Ouro Guzerá	12h	Tattersal Leilopec
06/05/02	14º Leilão Japaranduba (Nelore Mocho)	13h	Fazenda Japaranduba de MG
06/05/02	Leilão Estrelas do Nelore	13h	Centro Eventos ABCZ
06/05/02	Leilão Quarter Horse Five Points (Equínos)	14h	Tattersal Leilopec
06/05/02	18º Leilão Noite dos Campeões (Nelore)	19h	Faz. São Geraldo
06/05/02	11º Leilão Tradição Gir Leiteiro	20h	Centro Eventos ABCZ
06/05/02	45º Leilão Gir Leiteiro da Epamig	09h	Fazenda Getúlio Vargas
07/05/02	13º Leilão Chácara Naviraí (Nelore)	13h	Tattersal Leilopec
07/05/02	3º Leilão Special de Jumentos Pêga Maab	18h	Tattersal Leilopec
07/05/02	Leilão Origens da Raça (Nelore Mocho)	20h	Chácara Varrela
07/05/02	Leilão Reserva Especial (Nelore Padrão)	20h	Centro Eventos ABCZ
07/05/02	Leilão Melhoramento Gir	20h	Tattersal Leilopec
07/05/02	9º Leilão Cianb/Campo de Boi de Embriões	12h	Centro Eventos ABCZ
08/05/02	Leilão Ventres de Ouro - Embriões	20h	Tattersal VR
08/05/02	Noite do Brahman	20h	Centro Eventos ABCZ
08/05/02	1º Leilão Embriões Estrelas do Nelore	13h	Centro Eventos ABCZ
09/05/02	Leilão Nelore do Milênio	20h	Centro Eventos ABCZ
09/05/02	Leilão Nova Opção (Nelore)	20h	Tattersal Leilopec
10/05/02			



Celso, Candinha e o Reservado Campeão Bezerro, Lacre da Terras de Kubera, durante a Expoinel



Vivaldo Ribeiro Guimarães, criador de Nelore em Goiânia



José Carlos Prata Cunha e Antônio Paulo Abate



Tônico Carvalho e nosso amigo Ivan



Júlio Roberto Macedo Bernardes e sua esposa Sônia



Achilles Scatena Simione



Sebastião Alves Cruvinel e seu filho Euler



Jefferson, Jorge e o tratador da Fazenda



Ronan da Baluarte



Sebastião Alves Cruvinel, Euler Abreu Cruvinel e Canarinho



Adib Miguel, diretor da revista "O Zebu", Rômulo Kardec Camargos, Celso e Ângelo (Terras de Kubera) em Passos-MG



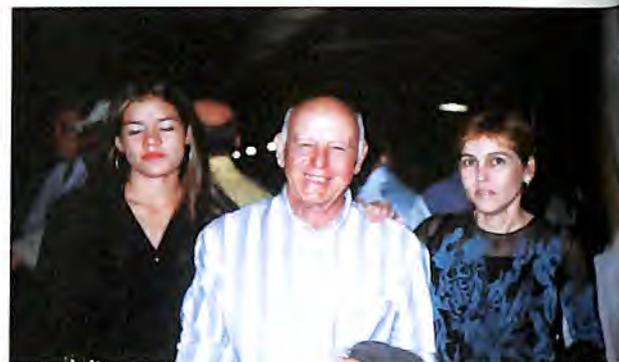
Evaldo Rino, Djalma Bezerra e Ronan da Silva



Duda Biagi, José Rodrigo Zica, Benedito Mutran e Alberto L. V. Mendes



Duda Biagi e Benedito Mutran



Arnaldo Machado Borges, com neta e filha fazendo moldura



Clóvis Moret e Iolanda Borges



Senador Carlos Lira e Alberto L. V. Mendes



Rômulo Kardec de Camargos ladeado por Jairo Andrade e seu irmão, presidente do Sindicato Rural de Passos - MG



Tarzan e Lúcio Costa



Trio que julgou a Exponel de Passos - MG. Ernani Torres Cordeiro, Marcelo Moura e Otávio Vilas Boas





Alberto Laverne Valle Mendes e Júlio Roberto M. Bernardes



Antônio Vilela Couto e Cristine



Antônio José Junqueira Vilela, Cristiano Prata Rezende e Luis Humberto



Rômulo Kardec, José Carlos e Ariston Quirino (Rio Verde - GO)

Dirceu e esposa e Luiz Crozara da ETTV



Antônio Paulo Abate, deputado Jorge Picciani e Luis Humberto



Cláudia Junqueira, Paulo Horta, da Programa Leilões, e Anibal (leiloeiro)





Torres Homem Rodrigues da Cunha e Adir do Carmo Leonel



Cristiano Prata Rezende (Leilopez) e Manoel Carlos Barbosa (Cianb)



Presidente da ABCZ, José Olavo Borges Mendes, Rômulo Kardec de Camargos e Paulo Ferolla



Jesus Avelino e familia



Arnaldo Manuel Machado Borges, Candinha e Zezão, da Terras de Kubera



Rubico de Carvalho, Rômulo Kardec de Camargos e Fidélis das Fazendas Reunidas Belo Horizonte



Carlos Viacava e Tonico de Carvalho



Senador Jorge Bomhusen e Mário Borges



Adir do Carmo Leonel, Gustavo e Eujacio Simões



Tiveron, Celso e Ronaldo



Dionisio e Jairo Andrade



Marcos Acedo, Dalar Teodoro e José Luis Furtado



Fernando Paranhos, Rômulo Kardec Camargos, Ariston Quirino e o casal recém-casados, filhos de Rômulo e Fernando



Jonas Barcelos, Renato, Mário Borges e Paulo Mesquita



Criadores baianos reunidos no Leilão do Adir



Fidélis, Tarzan e amigos



Equipe da Alta VR, na Expozebu 2001



Reinaldo Bertin



Oscar Leite de Barros, Leandro, da 7 Estrelas Embriões, e Orestes Prata Tiberi Júnior



Vânia Hungaro e uma amiga



Plínio Carneiro, Marcos Paulo Carneiro e esposa



José Carlos Prata Cunha e Aloisio Lessa Coelho



Ministro Pratini de Moraes e Ivan



Manoel Carlos Barbosa e Marino



Sérgio Lourani Passos e Rômulo Kardec

BAIXISTA VARRELA

Filho de Marajá II da GR e Inovação Varrela.

Nasc. 09/06/99 - Aos 32 meses pesou 995 kg

- Campeão Júnior Menor - Araçatuba/2000
- Campeão Júnior Menor - Feapam - Rib. Preto/2000
- Res. Campeão Júnior Menor - Pres. Prudente/2000
- Res. Campeão Júnior Menor - Expoinel/2000
- Campeão Júnior Maior - Bauru/2000
- Res. Campeão Júnior Maior - Avaré/2000
- 2º Prêmio Júnior Maior - Londrina/2001
- Res. Grande Campeão - Barrretos/2001
- 5º Prêmio Touro Jovem - Expozebu/2001
- Campeão Touro Jovem - Patos de Minas Ranking Nelore/2001
- 3º Lugar Touro Jovem - Feicorte/2001
- 1º Prêmio-Araçatuba/2001
- 1º Prêmio-Feapam - Rib. Preto/2001
- Campeão Touro Jovem e Grande Campeão - Uberaba/2001
- 5º Prêmio-Presidente Prudente/2001
- 2º Prêmio - São José do Rio Preto/2001
- Campeão Touro Sênior - Assis/2001
- Res. Grande Campeão - Dracena/2001
- Res. Campeão - Paranavaí/2002
- 1º Prêmio e Campeão - Passos/2002



BRIDA ZB TE



Filha de Marajá II da GR e Granada Varrela TE
23 meses 565 kg. Prenha do touro Ranchi Ipê Ouro

- 2º Prêmio Bezerra - Patos de Minas/2001
- 5º Prêmio - Araçatuba/2001
- 2º Prêmio - Feapam - Rib. Preto/2001
- 1º Prêmio - Uberlândia/2001
- 5º Prêmio - São José do Rio Preto/2001
- 3º Prêmio - Assis SP/2001
- 4º Prêmio - Dracena/2001
- 4º Prêmio - Paranavaí/2002
- 1º Prêmio - Ranking Estadual - Passos/2002



AGROPECUÁRIA
UBERABA

Av. Leopoldino de Oliveira, 4.488
6º andar - sala 601 - CEP: 38010-000
Uberaba MG - (34) 3312.0323
www.agrouberaba.com.br

José Alves Zanata Borges



DEVIL

33 meses - 1.050 quilos.
 Filho de Regente da Espinha Preto, no sangue de Iguazu da Pagador na lene da Arrojo, no Sangue de Legate.
 Campeão Bezerro em Itumbiara 2000
 Res. Campeão Bezerro - Rio Verde 2000
 Campeão Bezerro - Ipameri 2000.
 Campeão Júnior Menor e
 Res. Grande Campeão - Catalão 2000
 Res. Campeão Júnior Menor Uberlândia 2000
 Res. Campeão Júnior Menor Expoinel 2000



CHANEL G DA MARATHAI

41 meses - 820 quilos. Filha de NOBRE TE DA PRIMAVERA e ALADA DA ZEB. VR (sangue de BANJHOL).
 3º Prêmio Uberlândia 99
 4º Prêmio Expoinel 99
 4º Prêmio Expozebu 2000

OCIOSA DA ZEB. VR

Aos seis anos é a principal doadora de embriões da Marathai. É filha de LAGAN DA ZEB.VR, na JARINA DA ZEB.VR (fechando em VISUAL). Tem um índice de 13 embriões transferidos por coleta, em média, sendo uma excepcional doadora. Dentre seus filhos em pista, destacamos FARAÓ G. DA MARATHAI e BRISA DA OBJETIVA.



AGROPECUÁRIA MARATHAI LTDA

Município de Uberaba-MG
 GABRIEL DE BARROS MORETZSOHN
 End: Rua Angélica, 552
 Bairro Alexandre Campos
 Uberaba-MG
 Fones: (34) 3316.1857 ESC.
 (34) 3359.0064 FAZ.
 (11) 3746.7355 SP
 e-mail tonevare@ig.com.br
 marathai@uol.com.br